



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

THIAGO HENRIQUE PEREIRA DO NASCIMENTO

**ESTRATÉGIAS DE GATILHOS MENTAIS E *MINDSET* EM VIDEOAULAS SOBRE
VERBO PRODUZIDAS POR *EDUTUBERS* NA PLATAFORMA *YOUTUBE***

Recife

2025

THIAGO HENRIQUE PEREIRA DO NASCIMENTO

**ESTRATÉGIAS DE GATILHOS MENTAIS E *MINDSET* EM VIDEOAULAS SOBRE
VERBO PRODUZIDAS POR *EDUTUBERS* NA PLATAFORMA *YOUTUBE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística, tendo como área de concentração os Estudos Interdisciplinares da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Barbosa Vicente

Recife
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Lorena Teles – CRB-4 1774

N244e Nascimento, Thiago Henrique Pereira do.
Estratégias de gatilhos mentais e mindset em videoaulas sobre verbo produzidas por edutubers na plataforma YouTube / Thiago Henrique Pereira do Nascimento. – Recife, 2025.
184 f.; il.

Orientador(a): Renata Barbosa Vicente.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia - UAEADTEC, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Recife, BR-PE, 2025.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino - Recursos audiovisuais. 2. Educação - Efeito das inovações tecnológicas. 3. Youtube (Recurso eletrônico). 4. Ensino auxiliado por computador 5. Efeito priming (Psicologia) . I. Vicente, Renata Barbosa, orient. II. Título

CDD 470

THIAGO HENRIQUE PEREIRA DO NASCIMENTO

**ESTRATÉGIAS DE GATILHOS MENTAIS E *MINDSET* EM VIDEOAULAS SOBRE
VERBO PRODUZIDAS POR *EDUTUBERS* NA PLATAFORMA *YOUTUBE***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal Rural de Pernambuco-UFRPE, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Linguística, tendo como área de concentração os Estudos Interdisciplinares da Linguagem.

Aprovado (a) em: 28 / 02 / 2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Renata Barbosa Vicente (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Ivanda Maria Martins Silva (Examinadora Interna)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo (Examinador Interno - suplente)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Cristina Lopomo Defendi (Examinadora externa)
Instituto Federal de São Paulo

Profa. Dra. Lennie Aryete Dias Correia (Examinadora externa - suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso

À mãinha, Luciana Pereira da Silva, por cada gota de suor
derramada por mim, para que hoje eu chegasse aqui.
À Maria da Soledade da Conceição (Dade), por me ensinar o
verdadeiro significado das palavras carinho e cuidado. (*In
memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Entre as linhas que preenchem estas páginas, ecoam não apenas palavras, mas a pulsação de muitos corações que caminharam comigo até aqui.

Em primeiro gesto, agradeço a Deus — por cada sopro de coragem em meio às incertezas, os medos e por cada amanhecer que me convidou a persistir no processo do mestrado.

À minha mãe, Luciana Pereira da Silva, e ao meu pai, João Henrique do Nascimento, raízes do que sou, entrego minha mais profunda gratidão por tudo que me concederam. Seus ensinamentos, seus gestos de amor e suas presenças firmes foram bússolas em momentos de tempestade e calmaria. Este trabalho também é parte do que herdei de vocês: coragem, fé e força. (Sou fã de vocês!)

À minha Dade, que hoje habita outras moradas e que segue viva na memória dos seus, dedico um pedaço especial desta conquista. Em suas orações e em seu amor, encontrei abrigo que transcende o tempo e a ausência. Que ela receba, onde estiver, a luz desta vitória, construída também pelas mãos que um dia me embalaram.

Às amigas que a vida me presenteou e as escolhi como família do coração, que sabem ser colo, gargalhada, veneno e fôlego nos momentos certos — a vocês, Cristiane Maria, Rayza Santana, Lilyane Souza, Tamires Freitas, Lígia Santiago, Lívia Santiago, meu sincero afeto e reconhecimento. Cada palavra de incentivo, cada escuta atenta, cada pequeno gesto fez grande diferença.

Ao meu namorado, Victor Xavier, meu amor e porto seguro, que me incentivou e caminhou ao meu lado, repartindo os pesos e celebrando cada pequena vitória, meu agradecimento mais terno. Sua paciência, sua motivação e seu carinho foram chamas acesas nos dias mais sombrios desta pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, especialmente, à Renata Vicente Barbosa, minha profa. (como carinhosamente a chamo), cuja sabedoria e delicadeza foram faróis nesta travessia, agradeço com o coração inteiro. Sua orientação foi mais que técnica: foi uma mão estendida, um olhar generoso, um convite a ir além. (Obrigado por ativar meu *mindset* de crescimento, ao me desafiar a cada orientação!)

À banca avaliadora, as professoras Ivanda Martins e Cristina Lopomo, que leram, refletiram e contribuíram com olhares atentos e palavras que enriqueceram este trabalho. Deixo minha sincera gratidão. Cada observação e cada questionamento abriram novos caminhos de pensamento e crescimento para o meu estudo.

Por fim, agradeço àquilo que não se vê: às preces silenciosas, às intuições, às coincidências que pareciam sussurros do destino. Gratidão a tudo o que me sustentou até aqui — visível ou invisível.

Este trabalho é meu, mas é, sobretudo, nosso. Com ele, desejo contribuir imensamente para uma educação que transforma vidas.

“A educação é uma coisa que vai acontecendo enquanto as pessoas vão mudando. Se as pessoas estivessem prontas, não haveria lugar para a educação. educar é ajudar as pessoas a ir mudando no tempo” (Alves, 2013).

RESUMO

Tendo em vista que estamos inseridos em uma sociedade altamente tecnológica e de nativos digitais (Prensky, 2001), os estudantes da educação básica, costumeiramente, recorrem a instrumentos que facilitem sua aprendizagem. Para essa finalidade, estes utilizam as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, que são ferramentas tecnológicas que permitem por meio de equipamentos, programas e mídias, a comunicação entre os integrantes numa rede, em diversos ambientes virtuais, como postula Soares *et al.* (2015). Entre as inúmeras ferramentas digitais, está a plataforma de vídeos *YouTube*, que possibilita um novo modo de obter o conhecimento, o que Santaella designa aprendizagem ubíqua. Dirigidos por professores, denominados *edutubers*, de diversos componentes curriculares, os canais são bastantes utilizados pelos educandos, com o intuito de atender às suas necessidades de aprendizagem. Ao considerar este cenário, estabelecemos como objetivo desta pesquisa analisar as videoaulas do conteúdo gramatical do verbo ministradas por *edutubers* do componente curricular Língua Portuguesa que possuem um número significativo de seguidores na plataforma de vídeos *YouTube*, com o intuito de observar as concepções de língua e gramática dos *edutubers*, as estratégias de gatilhos mentais utilizadas por eles e qual tipo de mindset estes ativam nos discentes da educação básica. Esta pesquisa apresenta tipologias bibliográfica, documental e aplicada, de método qualitativo. O corpus é composto pela transcrição de doze videoaulas sobre verbos coletadas de três canais do *YouTube*. O estudo é embasado pelas concepções teóricas de Prensky (2001), Veen e Vrakking (2009), Silva Junior (2017), Santaella (2010; 2014), Almeida (2015), dentre outros., no que se refere à cultura digital e ao uso das TDIC como recursos educacionais. Para teorizar acerca dos estudos linguísticos, recorreremos às vozes de Givón (1995), Castilho (2014), Cunha e Tavares (2016), Neves (2000, 2020, 2022, 2024), dentre outros. No que diz respeito ao tema da cognição, Bertoque (2018), Mithen (2002) e Tomasello (2003, 2010). Por meio da voz de Cialdini (2021) discutiremos sobre os gatilhos mentais. Por fim, para abordar quanto aos Mindset, apresentamos Dweck (2017). Os resultados encontrados apontam para a apresentação de práticas que não condizem com as propostas linguísticas e pedagógicas vigentes regidas por documentos como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Observa-se também que temos um acervo de aulas digitais superficiais, voltado ao ensino normativo de língua portuguesa, direcionado muitas vezes à memorização de nomenclaturas e de regras que pouco contribui para compreensão da complexidade linguística, priorizando um ensino voltado ao mindset fixo em detrimento do mindset de crescimento dos educandos. No que diz respeito aos resultados acerca das estratégias mentais utilizadas pelos *edutubers*, constatamos que estes acionam no mínimo 6 (seis) gatilhos: autoridade, afeição, aprovação social, reciprocidade, compromisso e coerência e escassez.

Palavras-chaves: Ensino de língua. *Edutubers*. *YouTube*. Funcionalismo. Gatilhos mentais. Mindset.

ABSTRACT

Considering that we are part of a highly technological society with digital natives (Prensky, 2001), basic education students usually use instruments that facilitate their learning. For this purpose, they use Digital Information and Communication Technologies, which are technological tools that allow, through equipment, programs and media, communication between members of a network, in different virtual environments, as postulated by Soares et al. (2015). Among the countless digital tools is the YouTube video platform, which provides a new way of obtaining knowledge, which Santaella calls ubiquitous learning. Managed by teachers, called edutubers, from different curricular components, the channels are widely used by students, in order to meet their learning needs. When considering this scenario, we set the objective of this research to analyze the video classes on the grammatical content of the verb taught by edutubers of the Portuguese Language curricular component who have a significant number of followers on the YouTube video platform, with the aim of observing the concepts of language and grammar of edutubers, the mental trigger strategies they use and what type of mindset they activate in basic education students. This research presents bibliographic, documentary and applied typologies, using a qualitative method. The corpus is composed of the transcription of twelve video lessons on verbs collected from three YouTube channels. The study is based on the theoretical concepts of Prensky (2001), Veen and Vrakking (2009), Silva Junior (2017), Santaella (2010; 2011), Almeida (2015) etc., with regard to digital culture and the use of TDIC as educational resources. To theorize about linguistic studies, we resort to the voices of Givón (1995), Castilho (2014), Cunha and Tavares (2016), Neves (2000, 2020, 2022, 2024), among other luminaries. With regard to the topic of cognition, Bertoque (2018), Mithen (2002) and Tomasello (2003, 2010). Through the voice of Cialdini (2021) we will discuss mental triggers. Finally, to address Mindset, we will present Dweck (2017). The results found point to the presentation of practices that do not match the current linguistic and pedagogical proposals governed by documents such as the National Common Curricular Base (Brazil, 2018). It is also observed that we have a collection of superficial digital classes, aimed at normative teaching of the Portuguese language, often aimed at memorizing nomenclatures and rules in which little contributes to the understanding of linguistic complexity, prioritizing teaching focused on the fixed mindset to the detriment of growth mindset of students. Regarding the results regarding the mental strategies used by edutubers, we found that they activate at least 6 (six) triggers: authority, affection, social approval, reciprocity, commitment and coherence and scarcity.

Keywords: Language teaching. Edutubers. YouTube. Functionalism. Mental triggers. Mindset.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	A mente do caçador-coletor moderno	62
Gráfico 1 –	Ferramentas digitais mais consumidas pelos educandos	79
Figura 2 –	A primeira mente humana moderna	63
Gráfico 2 –	Tecnologias como instrumentos pedagógicos	79
Figura 3 –	Funções dos lobos cerebrais	68
Gráfico 3 –	O <i>YouTube</i> e sua relevância no processo da aprendizagem	80
Figura 4 –	Interface do <i>website</i> “Revelando a língua”	76
Gráfico 4 –	Motivação da busca dos canais da plataforma <i>YouTube</i>	80
Figura 5 –	Critérios de avaliação da redação do ENEM	87
Gráfico 5 –	Quantidades de questões sobre verbos encontradas nas provas do ENEM de 2014 a 2023	89
Figura 6 –	Primeira questão da prova do ENEM de 1999 (caderno amarelo)	88
Figura 7 –	Questão 103 do caderno de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM de 2015 (caderno amarelo)	89
Figura 8 –	Questão 120 do caderno de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM de 2014 (caderno amarelo)	90
Figura 9 –	Questão 108 do caderno de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM de 2022 (caderno azul)	91
Figura 10 –	Interface do canal do <i>YouTube</i> do professor Noslen	92
Figura 11 –	Interface do <i>website</i> do professor Noslen	93
Figura 12 –	Interface do perfil do <i>Instagram</i> do professor Noslen	93
Figura 13 –	Interface do perfil do <i>TikTok</i> do professor Noslen	94
Figura 14 –	Interface do canal do <i>YouTube</i> da professora Pamba	95
Figura 15 –	Interface do <i>website</i> da professora Pamba	95
Figura 16 –	Interface do perfil do <i>Instagram</i> da professora Pamba	96
Figura 17 –	Interface do perfil do <i>TikTok</i> da professora Pamba	96
Figura 18 –	Interface do canal do <i>YouTube</i> Caminhos da linguagem	97
Figura 19 –	Interface do perfil do <i>Instagram</i> dos Caminhos da linguagem	97
Figura 20 –	Gatilho da autoridade através das roupas	127
Figura 21 –	Gatilho da autoridade através dos paramentos	128

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 –	Diferenças entre as correntes da gramática, Halliday (1985) Adaptação Neves (1994)	46
Tabela 1 –	Formulário sobre o uso das redes sociais e do <i>YouTube</i> .	76
Quadro 2 –	Diferença entre paradigmas linguísticos	47
Quadro 3 –	Canais do YouTube selecionados na fase primária da pesquisa	72
Quadro 4 –	Dados dos canais selecionados para a pesquisa	81
Quadro 5 –	Videoaulas selecionadas dos canais educacionais	82
Quadro 6 –	Formulário sobre os conhecimentos gramaticais: verbos	84
Quadro 7 –	Categorias de análise	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CLG	Curso de Linguística Geral
EaD	Educação a Distância
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FGV	Fundação Getúlio Vargas
GF	Gramática Funcional
GT	Gramática Tradicional
GU	Gramática Universal
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
OA	Objetos de Aprendizagem
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TDIC	Tecnologia Digital da Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: INSCREVA-SE NA IDEIA	15
2. “FALA, GALERINHA!”: O ENSINO DE VERBOS E AS ESTRATÉGIAS DE GATILHOS MENTAIS DOS <i>EDUTUBERS</i>	27
2.1 UMA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NA SALA DE AULA: O <i>YOUTUBE</i> COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA	29
2.2. CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GRAMÁTICA PARA O ENSINO DO PORTUGUÊS	35
2.3. MUITO ALÉM DA GRAMÁTICA: O VERBO NA PERCEPÇÃO DO TRADICIONALISMO E DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO	47
2.4. O DESENVOLVIMENTO DA MENTE: AS MUDANÇAS DE MINDSET E OS PRINCÍPIOS DOS GATILHOS MENTAIS.....	60
3. OS CAMINHOS DA PESQUISA: ASPECTOS METODOLÓGICOS	72
3.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	73
3.1.1 Um breve histórico do ENEM nos últimos dez anos (2014 - 2023)	86
3.1.2 A prova de linguagens do ENEM e a categoria gramatical verbo: a coleta dos dados	88
3.2 APRESENTAÇÃO DOS <i>EDUTUBERS</i> E DAS SUAS REDES SOCIAIS	91
4. “DO ZERO À APROVAÇÃO”: APRECIAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	99
4.1. AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GRAMÁTICA DOS <i>EDUTUBERS</i> E A CONSTRUÇÃO DOS <i>MINDSET</i> DOS <i>ESTUDANTES</i>	99
4.1.1 “Tudo <i>susse</i> , moçadinha?”: uma análise sobre o verbo em videoaulas do canal do <i>YouTube</i> do professor Noeslen	101
4.1.2 “Fala, pupilinhos!”: as videoaulas sobre o verbo do canal do <i>YouTube</i> da professora Pamba em foco.....	108
4.1.3 “Saudações, caminhantes!”: investigando as videoaulas sobre o verbo do canal do <i>YouTube</i> Caminhos da linguagem (Professor Prosa Júnior)	116
4.2. O IMPACTO DOS <i>EDUTUBERS</i> : OS PRINCÍPIOS DOS GATILHOS MENTAIS SOBRE OS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	124
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA MANTER-SE ATUALIZADO, “ATIVE O SININHO”	133
REFERÊNCIAS	138
APÊNDICES	141

1 INTRODUÇÃO: INSCREVA-SE NA IDEIA

Em tempos de “curtir”, “comentar”, “compartilhar”, “seguir”, “viralizar”, termos tão habituais no vocabulário dos jovens contemporâneos, dado o surgimento das redes sociais, não podemos negar que a aparição dos recursos tecnológicos impactou o mundo definitivamente. Sem dúvidas, o advento da internet causou um imenso impacto na sociedade e, desde então, colocou-nos frente a questões complexas, seja pela nova forma de compreender o mundo ou pelo novo modelo da construção dos relacionamentos.

A tecnologia proporcionou grandes avanços no que diz respeito ao acesso às informações, aos dados e às pessoas em tempo real. Por esse motivo, ficar informado acerca das notícias ao redor do mundo e/ou dialogar com pessoas a milhares de quilômetros de distância, sem sequer se deslocar, se tornou algo frequentemente possível. A partir desse contexto social, os sujeitos foram inseridos na famigerada “era digital”, na qual

se aplica à onipresença da informação como entorno simbólico e de socialização de crianças, adolescentes, jovens e adultos. É um entorno evoluído do modelo da televisão, para diferentes telas e artefatos, que ajustam interações narrativas visuais complexas (videogames, celulares, totens, tablets, etc.), ligadas pela web (Gómez, 2015, p. 18).

Pelo excesso de utilização das telas no nosso dia a dia, pode-se dizer que estamos introduzidos em uma cultura digital, que “tem promovido mudanças sociais significativas nas sociedades contemporâneas” (Brasil, 2018, p. 61), em todos os campos. No campo educacional, inúmeras questões e desafios foram inseridos, dentre elas, a inclusão das tecnologias digitais, com isso, o letramento digital dos profissionais da educação, sobretudo, dos docentes. As transformações geradas proporcionam novas formas de se comunicar e de buscar e acessar as informações de modo rápido e eficiente, síncrono ou assíncrono. Elas acarretam uma nova maneira de lidar com a mentalidade. Sendo assim, possibilitam a mudança de mindset (configuração da mente, em tradução livre) dos indivíduos. Dweck certifica que essas mudanças advêm das crenças pessoais que desenvolvemos ao longo do

tempo, consciente ou inconscientemente, que carregam “forte influência sobre aquilo que desejamos e sobre nossas chances de consegui-lo.” (Dweck, 2017, p. 09). Conforme a referida autora, há pessoas que possuem mindset fixo e outras que possuem o mindset de crescimento.

O primeiro grupo de pessoas, os que apresentam o mindset fixo, acreditam que suas qualidades não podem se transformar. Assim, pessoas com esse mindset não acreditam na capacidade do esforço e tendem a constantemente provar a si mesmo o seu valor. Por outro lado, as pessoas do segundo grupo, de mindset de crescimento, mostram que “cada um de nós é capaz de se modificar e desenvolver por meio do esforço e da experiência” (Dweck, 2017, p. 15). Ainda segundo a autora, pessoas com essa mentalidade podem progredir nos momentos mais desafiadores da vida.

Assim, as modificações provenientes dos recursos tecnológicos possibilitam-nos intervir no mundo, a partir da mudança na mentalidade dos indivíduos, por intermédio das múltiplas linguagens - processo de reconhecimento da aprendizagem e do desenvolvimento integral do indivíduo para organização do espaço no qual está inserido, para o desenvolvimento de novos letramentos sociais, como apontam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

Em se tratando da escola como instituição pertencente à esfera social, ela não poderia ficar alheia ao uso dos novos recursos tecnológicos, tendo em vista que professores e alunos, como dito anteriormente, pertencem a uma sociedade informatizada e digitalizada. Em especial, os jovens contemporâneos, vistos como “nativos digitais”¹, que se envolvem “diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil” (Brasil, 2018, p. 57). Por esse motivo, os principais documentos educacionais - os PCN e a Base Nacional Comum Curricular (de agora em diante BNCC), hoje entendida como o principal documento norteador da educação brasileira, propõem uma educação tecnológica/ digital. A BNCC, em sua quinta competência geral, externaliza a preocupação de que a educação digital esteja presente em todos os componentes curriculares, visando que os alunos ampliem

¹ O autor Marc Prensky, no livro “Teaching Digital Natives” (2001), define que são os indivíduos que nasceram inseridos em uma sociedade de informações rápidas e acessíveis na internet.

seus conhecimentos e colaborem para a edificação de uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva. Para isso, o documento propõe que os alunos compreendam e utilizem as

tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (Brasil, 2018, p. 61).

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (a partir de agora TDIC) são recursos tecnológicos que

possibilitam a partir de equipamentos, programas e mídias, a associação de diversos ambientes e indivíduos numa rede, facilitando a comunicação entre seus integrantes, ampliando as ações e possibilidades já garantidas pelos meios tecnológicos (Soares; Bueno; Calegari, Lacerda; Dias, 2015, p. 10).

Ou seja, são equipamentos eletrônicos, programas ou mídias que se conectam à internet, ampliando as possibilidades de comunicação de seus usuários (Valente, 2013). Desse modo, equipamentos como celulares, *notebook*/computadores, câmeras, e-mail, *websites*, podcast, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e a plataforma *YouTube* são exemplos desses recursos. No que diz respeito à última ferramenta citada, ela teve sua origem em 2005, nos Estados Unidos, por um trio de amigos, Steve Chen, Jawed Karim e Chad Hurley. Como objetivo basilar da plataforma, seus criadores propunham apenas a hospedagem de vídeos na internet pelos usuários.

Atualmente, percebe-se a utilização em grande escala dessa ferramenta como instrumento pedagógico pelos discentes e docentes. Com isso, ocorreu um estreitamento da relação do aluno, professor e conteúdo. Durante o período pandêmico da Covid-19 (ocorrido entre 2020 e 2022), os sujeitos puderam se deparar com tal situação. Na ocasião, na tentativa de não prejudicar o desenvolvimento pedagógico dos alunos, os quais estavam impedidos de ir à escola,

inúmeros professores recorreram à plataforma a fim de garantir a aprendizagem dos educandos. Assim, sem saber, passaram a utilizar de uma forma nova de aprender, intitulada por Santaella (2010;2014) de “aprendizagem ubíqua”. Esse tipo de aprendizagem gera um acesso livre e ubíquo ao conhecimento, isto é, um novo jeito de adquirir o conhecimento. Nele, não há delimitação de tempo e de espaço.

Desta plataforma, composta por canais diversos e administrados por usuários-proprietários, surge, nos canais direcionados à educação (*YouTube Edu*, lançado em 2013), a figura dos profissionais educacionais/ professores (a partir de agora *edutubers*), que perceberam a oportunidade de ministrar aulas além dos muros físicos da escola e da sala de aula. Neste cenário, os *edutubers* avistaram a possibilidade de monetizar a educação, visto que são integrantes de uma sociedade do consumo, neoliberalista. Morán (2014, p. 33) afirma que sobretudo para as crianças e jovens contemporâneos, a sala de aula tradicional tende a ser asfixiante e apática. Por isso, a nova geração, a geração conectada, busca por lugares mais dinâmicos para desenvolver seu processo de ensino-aprendizagem, o que acaba revelando sua autonomia e autodidatismo.

Em face do exposto, Almeida *et al.* (2015), em sua pesquisa, afirmam que a utilização da plataforma *YouTube* como instrumento pedagógico aproxima os alunos por sua dinamicidade. Segundo os autores,

atrair a reflexão e o interesse do aluno é uma tarefa árdua, já que, o modelo tradicional de ensino - livro didático – não mais abarca o interesse dos alunos, numa sociedade onde as transformações ocorrem a todo o momento, interferindo no cotidiano individual, independente em qual local se esteja (Almeida *et al.*, 2015, p. 11).

Moura e Freitas (2018) asseveram que os indivíduos aprendem de inúmeras formas e em ambientes físicos ou digitais. À vista disso, percebe-se a necessidade de introduzir as novas tecnologias digitais nas novas práticas pedagógicas, com o objetivo de considerar as carências das práticas educativas mais remotas. No entanto, ainda de acordo com as autoras, considerar o *YouTube* como instrumento de apoio pedagógico pode causar expectativas diversas para todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Isso porque “educar numa sociedade onde a

mídia digital ultrapassa as barreiras físicas das instituições escolares torna-se cada vez mais desafiante” (Almeida *et al.*, 2015, p. 10).

Em face do histórico e da temática de pesquisa apresentados, como ponto de partida dessa jornada, direcionamo-nos a fazer as escolhas que possibilitaram delimitar o objeto de estudo. Para esta dissertação, voltamo-nos o olhar para as videoaulas dos canais educacionais da plataforma *Youtube*. Sobretudo, às videoaulas de língua portuguesa sobre a categoria gramatical verbo, ministradas pelos *edutubers*, os “professores multiplataforma” (Lopes, 2019, p.01), tendo em vista que se trata de um recurso educativo ou “objeto de aprendizagem (OA)” (Silva Junior, 2017, p. 28) muito utilizado pelas instituições educacionais e pelos estudantes da educação básica para a obtenção do conhecimento. Em sua configuração,

o gênero videoaula possui características que se assemelham e se diferenciam da aula presencial. A principal semelhança está relacionada à sua funcionalidade: construir conhecimento. Dentre as principais diferenças, podemos destacar sua natureza assíncrona, ou seja, não é uma interação em tempo real (Luna *et al.*, 2011, p. 277).

Como já mencionado anteriormente, diante das diversas mudanças tecnológicas ocorridas na sociedade desde o início do século XXI, a educação também tem buscado se integrar à era do digital, ao utilizar de variadas ferramentas tecnológicas para viabilização do ensino significativo de língua materna. Posto isto, nossa escolha pela ferramenta digital *YouTube* enquanto domínio de pesquisa é resultado da observação do uso recorrente dessa plataforma no cotidiano dos alunos da educação básica (seja para retomar e/ou fixar os conteúdos vistos em sala de aula ou para a preparação para os processos avaliativos). O estudo também se justifica por ser uma das poucas pesquisas que evidenciam a relação entre essa ferramenta digital (*YouTube*), o ensino de língua e gramática da língua portuguesa e o processo de aprendizagem dos educandos. Além da sua relevância para os estudos interdisciplinares da linguagem, ao integrar conhecimentos das áreas da linguística, recursos digitais educacionais e cognição, promovendo uma compreensão holística dos fenômenos estudados.

No que diz respeito ao poder influenciador dos *edutubers* em seus vídeos, estes conseguem utilizar diversas estratégias para deter a atenção dos inscritos em seus canais, na maioria das vezes os alunos da educação básica. Entretanto, salientamos que, aparentemente, os vídeos hospedados nos canais não se destinam apenas aos estudantes do ensino básico, mas sim principalmente às pessoas que estão submetendo-se a concursos de instituições públicas ou privadas, esse aspecto fica evidente nos *websites* dos docentes.

Fazendo uso de linguagem simplificada (aproximando-se da utilizada pelos estudantes), vídeos curtos, cenários tecnológicos e aulas atrativas, os canais dos professores *youtubers* despertam o interesse dos que os buscam. Eles são mestres da persuasão, isto é, na arte de convencer. Nas videoaulas, os *edutubers* utilizam técnicas de linguagens (verbais e não verbais) muito utilizadas pelo marketing, inclinadas a influenciar os inscritos.

O psicólogo social Robert Cialdini determina esses mecanismos persuasivos de princípios fundamentais da influência, ou melhor, gatilhos mentais. Eles são: “reciprocidade, afeição, aprovação social, autoridade, escassez, compromisso e consistência, unidade” (Cialdini, 2021, p. 15). As videoaulas gratuitas na plataforma são estrategicamente construídas para atrair o público para os *websites* de vendas de métodos de ensino próprios, onde oferecem aulas mais detalhadas e materiais didáticos mais completos (apostilas e simulados). Nesse sentido, eles se apropriam do modelo neoliberal de educação formal, o qual defende o ensino centrado nas competências e habilidades do sujeito, para que esses sejam capazes de adentrar o mercado de trabalho. Esse tipo de educação visa o “treinamento dos indivíduos para a mera aquisição de técnicas necessárias ao ‘saber-fazer’ em detrimento da importante articulação com o ‘pensar sobre o fazer’” (Lima et al., 2016, p. 2).

Constituindo-se como resultado das necessidades humanas, a linguagem é utilizada para as interações humanas. Nas salas de aula de Língua Portuguesa (físicas ou virtuais), os professores fundamentam suas práticas pedagógicas a partir da concepção de linguagem assumida por eles. Segundo Geraldi (1984, p.42), “toda e qualquer metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados

em sala de aula.”. Alicerçado em uma concepção de língua/linguagem, o docente assume sua concepção de gramática. Irandé Antunes (2014) assegura que

em se falando do ensino, os pontos de vista sobre os fenômenos linguísticos são decisivos: o que se faz em sala de aula; o que se deixa de fazer; o que se escolhe, o que se rejeita; o que se prioriza; o que se adia; tudo tem seu começo naquilo que acreditamos que seja linguagem, língua, gramática, texto e, ainda, os complexos processos de aprender e de ensinar (Antunes, 2014, p. 16)

Tendo em vista que progressivamente os estudantes da educação básica, por estarem inseridos numa sociedade do digital, buscam por ferramentas educacionais digitais para adquirir conhecimentos pedagógicos, apresentamos o questionamento da nossa pesquisa: qual o tipo de ensino de língua portuguesa os *edutubers* estão possibilitando aos estudantes da educação básica para a promoção de seu mindset de crescimento e quais as estratégias de gatilhos mentais utilizados pelos docentes para a captação do público-alvo?

Para responder aos questionamentos apresentados nesta dissertação, formulamos como objetivo principal: analisar o ensino do conteúdo gramatical do verbo a partir das videoaulas dos *edutubers* e as estratégias de gatilhos mentais utilizadas por eles para atrair os alunos da educação básica. Como hipótese geral deste trabalho dispomos que: os alunos da educação básica são levados aos canais educativos de língua portuguesa da plataforma de vídeos *YouTube* para sanar suas dificuldades pedagógicas relacionadas ao ensino da gramática da língua portuguesa (acerca do conteúdo dos verbos) em busca de uma aprendizagem facilitada.

Projetando o olhar sobre nosso estudo, como primeiro objetivo específico: discutir acerca das concepções de língua e gramática que norteiam a *práxis* dos *edutubers* em relação ao ensino da categoria do verbo, em razão de que, depois de analisar a prova de linguagens do ENEM dos anos de 2014 a 2013, percebemos que em quase todas as edições do exame aparece no mínimo uma questão sobre a classe gramatical do verbo. Como pressuposto acreditamos que os professores *youtubers* adotam a concepção de língua como “expressão do pensamento” (Geraldí, 1984, p. 43) , pois, nas aulas, tomam as regras gramaticais da língua, prescritas pela gramática normativa, como únicas, com a finalidade de tornar o aluno

competente linguisticamente. Tal abordagem é tida como preocupante, pois não se preocupa com o contexto de usos reais da língua, como será apresentado na seção 2 deste estudo. Esse tipo de ensino não estimula o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos estudantes, no qual os alunos são levados a desbravar as trilhas linguísticas, pelo contrário, são tidos como estrangeiros à língua.

De forma a analisar outro aspecto da pesquisa, como segundo objetivo específico: verificar se a *práxis* docente dos *edutubers* atendem às concepções propostas pelos documentos oficiais da educação e a matriz do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Para essa indagação, tencionamos conjecturar que o ensino ministrado por esses docentes não atende ao proposto na BNCC. Sendo assim, desconsidera totalmente a forma em que os itens (questões) são elaborados. Segundo os documentos oficiais atuais, a orientação é uma prática pautada na língua como “instrumento de interação social” (Geraldini, 1984, p. 43), capaz de desenvolver no discente a capacidade de refletir, de maneira crítica, sobre os usos da língua.

Como terceiro objetivo específico temos: investigar que tipo de mindset os *edutubers* desenvolvem nos estudantes da educação básica. Hipoteticamente, deduzimos que a prática de ensino dos *edutubers* estimula o desinteresse dos alunos pelo ensino reflexivo da língua, tendo em vista que, em boa parte da aula, trata-se de dicas e “decorebas”, exemplos retirados da gramática normativa, que se apresentam como verdadeiros “milagres” para a aprendizagem facilitada da gramática da língua portuguesa. Como consequência dessa abordagem de ensino, pressupomos que os *edutubers* despertam o mindset fixo dos educandos em detrimento do mindset de crescimento.

O quarto objetivo específico: observar as estratégias de gatilhos mentais utilizadas pelos *edutubers* para persuadir os discentes da educação básica. Especulamos que ao menos quatro gatilhos são despertados pelos *edutubers* em seu público-alvo: o gatilho da reciprocidade, ao disponibilizar vários conteúdos gratuitos de ensino de gramática. A aprovação social, pois se há muitas pessoas seguindo esses *edutubers*, é um sinal de que eles são muito bons em ensinar aquilo a que se propõem. O gatilho da afeição, gerado pela linguagem coloquial, dancinhas, paródias com músicas do momento de cantores pop. Além desses, em

seus *websites* de vendas de cursos e materiais didáticos, percebemos que eles ativam o gatilho da escassez, tendo em vista que a plataforma apresenta frases que revelam que as vagas para os cursos estão findando, entre outros.

A pesquisa ancora-se nas metodologias qualitativa, pois se preocupa com a realidade social dos indivíduos, uma vez que esse tipo de pesquisa tende a ocupar-se “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2009, p. 21), e aplicada, que se encarrega de “resolver problemas no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem”, como afiança Gil (2010). Esta pesquisa é de caráter bibliográfico e documental.

Faz-se de natureza bibliográfica, pois parte da pesquisa deu-se pela consulta de diversas gramáticas do português, dentre elas: Gramática metódica da língua portuguesa” (1961), Napoleão Mendes de Almeida, “Gramática normativa da língua portuguesa” (2011), de Rocha Lima, “Moderna gramática portuguesa”, Evanildo Bechara (2009), “Novíssima Gramática de Língua Portuguesa”, de autoria de Domingos Paschoal Cegalla (2009), “Nova gramática do português contemporâneo”, de Celso Cunha e Lindley Cintra (2017), estas voltadas para o paradigma tradicional. Em contrapartida, “Gramática de usos do português” (2000), “Gramática do Português revelada em textos” (2018), “Gramática Funcional” (2022), todas de autoria de Maria Helena de Moura Neves, direcionadas para a abordagem funcionalista da linguagem. O intuito de consultar esses materiais foi analisar o conceito da classe gramatical do verbo postulado por cada gramática. O traço documental deste estudo está relacionado ao corpus selecionado: 12 (doze) videoaulas sobre o conteúdo gramatical do verbo dos canais educativos da plataforma digital *YouTube*. Por sua vez, o aspecto aplicado evidencia-se pela aplicação dos formulários aos discentes, como apresentaremos a seguir.

No período embrionário da pesquisa, selecionamos o *website* “Revelando a língua”, desenvolvido pelo professor do ensino básico Thiago Nascimento, com o objetivo de disponibilizar materiais pedagógicos para os alunos da educação básica durante os anos letivos. Num primeiro momento, elaboramos um questionário no google formulário contendo questões acerca do uso das tecnologias digitais no ambiente educacional. No questionário constavam perguntas do tipo: 1) O que você

mais acessa ao fazer uso da internet?; 2) Com qual frequência você visualiza videoaulas nos canais do *YouTube*? 3) Na Plataforma, você costuma acessar algum canal de videoaula de Língua Portuguesa?; 4) Qual (is) o (s) canal (is) ou professores mais visualizados por você no *Youtube*? 5) Por qual motivo você busca as videoaulas desses profissionais?; dentre outras. Com a ajuda do *website*, divulgamos o formulário para que os seus usuários pudessem preenchê-lo.

No segundo momento, para a escolha do objeto de estudo, as aulas do conteúdo gramatical verbo, primeiramente, realizamos o levantamento das provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)² dos últimos dez anos. Em seguida, após analisarmos todas as questões das provas, percebemos que quase todas as provas apresentavam no mínimo uma questão sobre a categoria gramatical. Depois da coleta das provas, elaboramos um segundo formulário visando buscar informações a respeito de como se dava o ensino de verbos para os alunos da educação básica. Nele, criamos questões com base na perspectiva funcionalista da linguagem, a fim de perceber se o conteúdo ensinado pelos *edutubers* era capaz de fazer com que os estudantes respondessem corretamente às questões.

Em outro momento de pesquisa, a partir dos dados colhidos, definimos os canais de Língua Portuguesa da plataforma que seriam estudados. Para a busca na plataforma utilizamos as seguintes entradas: [professores de português]; [professores de língua portuguesa]; [aula de língua portuguesa]; [aula de verbo]; [verbo]; [Noslen]; [Caminhos da linguagem verbo]; [Pamba verbos]. Depois, utilizamos o *software YouTube Scribe* para transcrever as videoaulas que seriam analisadas. Simultaneamente, realizamos o estado da arte para observarmos a quantidade de estudos referentes ao nosso objeto de estudo.

Após os procedimentos apresentados, traçamos um comparativo entre as aulas sobre verbos ministradas pelos *edutubers* e as provas do ENEM, para, assim, tentarmos desenhar o ensino de gramática de língua portuguesa ofertado aos alunos da educação básica por meio da plataforma *YouTube*. Para a melhor compreensão das ideias defendidas, organizamos esta dissertação na seguinte configuração.

² A prova surgiu em 1998, tendo como objetivo avaliar o desempenho dos alunos no último ano escolar da educação básica.

No capítulo introdutório desta pesquisa, brevemente, apresentamos o desenho da pesquisa, expondo pontos relevantes para o seu desenvolvimento como problema de pesquisa, objetivos, hipóteses e resumo da metodologia. Por sua vez, no segundo capítulo, expomos o referencial teórico que embasa o estudo. Versamos acerca do uso das TDIC como recurso pedagógico e as problemáticas subjacentes a essa discussão. Em meio às tantas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, focalizamos a plataforma de vídeo *YouTube*, que comumente, na atualidade, vem sendo utilizada para promover o ensino de todos os componentes curriculares. Uma das subseções do capítulo objetiva discutir a respeito do ensino de gramática de língua portuguesa promovido pelos canais do *YouTube*, considerando as concepções de língua/linguagem e gramática das dos *edutubers*. Outro foco do capítulo é apresentar a classe gramatical do verbo na abordagem tradicional e na abordagem funcional da linguística. Por fim, na última subseção, veiculamos uma discussão sobre o desenvolvimento da mente humana. Utilizando das teorias da psicologia social, refletimos acerca de como os estudantes da educação básica são capazes de atender a gatilhos mentais dispensados pelos *edutubers* e como estes podem influenciar a mentalidade dos alunos.

O terceiro capítulo revela os procedimentos metodológicos traçados no decorrer da pesquisa. Inicialmente, um breve histórico do ENEM dos últimos dez anos. Depois, apresentamos a prova de linguagens e suas questões sobre a categoria gramatical do verbo, dado que justifica a escolha do corpus, e esmiuçamos o processo da coleta dos dados. Por fim, explicitamos os *edutubers* selecionados e suas redes sociais emergentes.

No tocante ao quarto capítulo, trazemos a análise dos dados colhidos a partir dos questionários, gramáticas e transcrições das videoaulas. Em seguida, algumas reflexões proporcionadas com base nos objetivos delimitados são apresentadas, dentre elas, as concepções de língua e gramática que perpassam as práticas dos *edutubers*, visto que a escolha teórico-metodológica do professor é importante para a formação efetiva dos estudantes. Na seção, também discutimos acerca dos atalhos mentais utilizados pelos *edutubers* para a captação dos alunos da educação básica e o impacto gerado por esse movimento. Finalmente, no quinto e último capítulo, veiculamos os resultados obtidos pelo estudo bem como sugestões de possíveis desdobramentos desta pesquisa.

No próximo capítulo, abordaremos as bases teóricas que norteiam este estudo. Como finalidade, fazer reflexões acerca do contexto da cultura digital e suas inovações tecnológicas (dentre elas, o *YouTube*) e o ensino de gramática de língua portuguesa, sobretudo o ensino do verbo, no cenário educacional brasileiro. Além de ponderações sobre os gatilhos mentais disparados pelos *edutubers* e a capacidade de transformação dos mindsets dos estudantes por meio das videoaulas.

2 “FALA, GALERINHA!”: O ENSINO DE VERBOS E AS ESTRATÉGIAS DE GATILHOS MENTAIS DOS *EDUTUBERS*

Na contemporaneidade, não é incomum observarmos estudantes buscando cada vez mais as TDIC e suas inovações tecnológicas para auxiliá-los no processo de ensino-aprendizagem. A revolução da cultura digital, oriunda do surgimento da internet, nos apresentou um moderno e significativo conjunto de costumes e nos inseriu numa sociedade altamente tecnológica. Sendo assim, ferramentas como *YouTube*, *Podcast*, jogos digitais, *Instagram*, *TikTok*, *Kwai* são instrumentos muito utilizados pelos nativos digitais (Prensky, 2001), tendo em vista que, para estes, tais recursos possibilitam um novo modelo de construção de mundo e de relações.

À medida que as tecnologias digitais são inseridas nas salas de aula, grandes discussões sobre o assunto são travadas. Na esfera educacional, as ferramentas não vêm sendo bem recepcionadas, em virtude de que para alguns profissionais da educação os recursos mais comprometem do que colaboram para a formação escolar dos estudantes. Não obstante, por parte dos educandos, visualizamos constantemente o consumo dessas ferramentas pela atratividade, agilidade, criatividade, dinamicidade e objetividade, a fim de uma solução de problema momentâneo. Ao fazer uso delas, os estudantes podem participar efetivamente do seu “processo de aprendizagem de forma flexível, interligada e híbrida” (Bacich; Moran, 2018, p. 24). Pode-se observar esse tipo de abordagem na metodologia da sala de aula invertida, na qual os alunos estudam o conteúdo em casa, por meio de instrumentos como vídeos ou outros materiais e, ao chegarem na sala de aula, desenvolvem atividades mais complexas e participativas. Tais metodologias são capazes de

transformar aulas em experiências de aprendizagem mais vivas e significativas para os estudantes da cultura digital, cujas expectativas em relação ao ensino, à aprendizagem e ao próprio desenvolvimento e formação são diferentes do que expressavam as gerações anteriores (Bacich; Moran, 2018, p. 18).

Por essa razão, um novo modelo de sala de aula e de um novo professor emergem das telas: a plataforma *YouTube* e os *edutubers*, com seus canais educacionais. Nestes, os professores multiplataformas, valendo-se do poder da persuasão, promovem gratuitamente aulas de todos os componentes curriculares,

na tentativa de angariar inscritos para seus canais e, por fim, clientes para seus respectivos métodos de ensino (cursos) e materiais em outras plataformas. Sob esta ótica, evidencia-se a hegemonia do neoliberalismo sobre a educação formal. No que concerne às aulas de língua portuguesa, os docentes aprofundam o aprendizado efetivo de conteúdos gramaticais mais complexos em tempo hábil e de forma dinâmica.

É perceptível que a nova sala de aula se distancia em alguns aspectos do padrão tradicional de escola, por exemplo, na configuração de sala. Na sala de aula tradicional, os estudantes são obrigados a sentar-se enfileirados e realizar cópias de anotações do quadro; enquanto, na sala de aula digital, os educandos podem assistir às aulas em qualquer lugar. Entretanto, elas se aproximam em outras questões como, por exemplo, na do professor ser tido como o detentor do saber escolarizado, como fica nítido nas videoaulas (gênero discursivo digital emergente) coletadas. Infelizmente, em meio a tantas mudanças teóricas, esse modelo continua vigorando na esfera educacional. Todavia, este modelo afasta-se totalmente das novas propostas educacionais trazidas pelos documentos oficiais brasileiros. Os documentos revelam que o ensino deve promover a ampliação dos multiletramentos e manter-se atualizado quanto aos avanços científicos das áreas de atuação, e o professor é considerado um mediador do saber escolarizado.

No que tange ao componente Língua Portuguesa, percebe-se que os alunos da educação básica enfrentam inúmeras dificuldades no eixo da gramática da língua portuguesa. No ensino de língua, duas de perspectivas linguísticas imperam, a abordagem tradicional e a abordagem funcional. No que tange ao tradicionalismo linguístico, perspectiva ligada ao paradigma formal de gramática, a capacidade de reflexão acerca dos usos da língua não é estimulada nos estudantes. Por essa razão, pouco se pode observar a mudança de mindset dos alunos que têm esse tipo de ensino, considerando que estes tendem a manter-se ligados ao mindset fixo. Assim sendo, para esse tipo de mindset, “as qualidades são imutáveis” (Dweck, 2017, p. 14).

Em contrapartida, os documentos oficiais da educação brasileira asseguram uma visão mais funcionalista, em que a língua tem uma abordagem mais discursiva, como fator de interação social. Os estudos funcionalistas da linguagem propõem um ensino traçado nos usos reais da língua, preocupando-se, assim, com o desenvolvimento das competências comunicativas dos falantes. À vista disso, é

possível estabelecer relação entre a abordagem funcionalista e a construção do mindset de crescimento dos educandos. Esse tipo de mindset promove uma maleabilidade na aprendizagem, pois estimula a capacidade dos educandos de crer em si e “cultivar suas qualidades básicas por meio de seus próprios esforços” (Dweck, 2017, p. 15). À medida que estes são levados a aplicar conhecimentos da língua aprendidos por meio de “uma proposta teórico-metodológica que parte da prática para a teoria” (Bertoque, 2018, p. 278), em que é levado em consideração o uso, os discentes constroem um repertório extensível a outras tantas situações comunicativas.

2.1 UMA REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA NA SALA DE AULA: O *YOUTUBE* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Desde o final do século passado, passamos a ser inseridos em uma sociedade informatizada e digitalizada, tendo em vista o surgimento da internet. Assim, imergimos em uma cultura digital, que ocasionou uma nova percepção do mundo. A partir disso, percebemos uma mudança de comportamento e pensamento dos indivíduos em suas esferas sociais³. As tecnologias tomam um espaço de relevância no cotidiano das pessoas, seja para acelerar a produtividade ou para suplantiar uma transformação nas formas de interação humana. Assim, podemos afirmar que vivemos numa “sociedade da informação e do conhecimento”, como apontam-nos Pereira e Silva (2020, p. 02).

No contexto da cultura digital surgem as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), provocando inúmeras modificações sociais atreladas às evoluções tecnológicas. Tais invenções possibilitaram “a ampliação da capacidade humana em processar, armazenar e difundir informações” (Anjos, 2018, p. 03). É nesse momento que ferramentas revolucionárias surgem para contribuir com os diversos setores da sociedade (indústria, comércio, economia, comunicação e educação), tais como: jornal, rádio, TV, computador, entre outros, que têm como

³ Conceito moderno e capitalista, surgido com a burguesia. De acordo com Bourdieu (1992, p.11), os “campos sociais” são separações da classe intelectual, sendo elas: esfera artística, científica, técnica, jurídica, religiosa, entre outras.

objetivo intermediar os processos comunicativos e informacionais das pessoas. Portanto, elas

estão cada vez mais presentes na vida de todos, não somente nos escritórios ou nas escolas, mas nos nossos bolsos, nas cozinhas, nos automóveis, nas roupas etc. Além disso, grande parte das informações produzidas pela humanidade está armazenada digitalmente. Isso denota o quanto o mundo produtivo e o cotidiano estão sendo movidos por tecnologias digitais, situação que tende a se acentuar fortemente no futuro (Brasil, 2018, p. 475).

À vista disso, pode-se asseverar que a inserção das tecnologias digitais no cotidiano das pessoas pode ser considerada como um dos “fatores mais importantes para as profundas mudanças no mundo e, com a dinâmica da inovação, tornam-se imprescindíveis para a economia global e seu desenvolvimento” (Pereira e Silva, 2020, p. 01).

No âmbito educacional, o advento da nova realidade tecnológica, com seus recursos digitais e indivíduos tidos como nativos digitais, foi possível potencializar ainda mais a aprendizagem do alunado. Estes poderiam protagonizar o próprio processo educacional a partir de um conhecimento rápido e dinâmico, isto é, uma aprendizagem ativa. Logo, para eles, instrumentos como lápis, caderno, livro, lousa e giz não eram mais considerados objetos tecnológicos e inovadores, já que sua concepção de tecnologia não era mais a mesma da dos seus ascendentes, que nasceram gerações anteriores. Assim, percebe-se também outros aspectos de mudança de mindset na geração dos nativos digitais.

Posto isso, ferramentas como a internet, computadores, smartphones, e-mails, videoaulas do *YouTube*, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), lousa digital, games educacionais, dentre outros, são tidos como recursos atrativos para despertar e facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos dentro e fora da sala de aula. Para Bacich e Moran (2018, p. 18), “desenvolver metodologias ativas por meio das mídias e das TDIC significa reinterpretar concepções e princípios elaborados em um contexto histórico, sociocultural, político e econômico diferente do momento atual.” Sabe-se que para a aplicação das metodologias ativas necessita-se muito mais do que de ferramentas digitais atrativas como as videoaulas do *YouTube*, a título de exemplo. Entretanto, bem encaminhadas pelos docentes, elas podem ser excelentes ferramentas pedagógicas a serem incrementadas nos ambientes de

aprendizagem e, sendo assim, capazes de potencializar as práticas de conhecimento e partilha de saberes, como assevera Santaella (2014, p. 15).

O *YouTube*, com suas videoaulas, promove um tipo de aprendizagem aberta que Santaella (2010;2014) chama de ubíqua. Segundo a autora, na aprendizagem ubíqua os processos de aprendizagem “significam processos espontâneos, assistemáticos e mesmo caóticos, atualizados ao sabor das circunstâncias e de curiosidades contingentes e que são possíveis porque o acesso à informação é livre e contínuo, a qualquer hora do dia e da noite” (Santaella, 2010, p. 19). Ou seja, um tipo de aprendizagem que se vê livre das restrições de tempo e espaço. Logo, a informação está disponível de qualquer lugar, basta se ter à mão um *smartphone*. De acordo com a autora, sua característica mais marcante encontra-se na espontaneidade. Em qualquer lugar que o usuário esteja, brotando uma curiosidade ocasional, esta pode ser instantaneamente saciada (Santaella, 2014, p.18-19).

Advinda do processo de democratização, comodificação - processo que transforma bens, serviços, ideias e pessoas em produtos vendáveis - e tecnologização da linguagem, considerando que “as sociedades modernas são caracterizadas por uma tendência relacionada ao controle sobre partes cada vez maiores da vida das pessoas” (Fairclough, 2001, p.264), o *YouTube* surgiu em 2005, com o intuito de que os seus usuários depositassem vídeos diversos, produzidos por eles ou não, e assistissem outros. O inovador software foi desenvolvido coletivamente por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, todos amigos e ex-funcionários da empresa PayPal. Após sua criação, a empresa Google adquiriu o software em 2006 por 1,65 bilhões de dólares. Segundo Münsch, após a venda da plataforma, seu crescimento “ocorreu de maneira exponencial e, em 2018, segundo dados divulgados pelo site, existiam 1,9 bilhão de usuários conectados acessando mensalmente” (Münsch, 2020, p. 94). Atualmente, de acordo com o site Money Report, o *YouTube* possui mais de 2 bilhões de usuários mensais.

O *software*, considerado “a maior plataforma de vídeos do mundo” (Münsch, 2020, p. 92), na atualidade, tornou-se uma mídia em que indivíduos de diversas áreas (artes, tecnologia, marketing, entretenimento, educação, dentre outras) produzem conteúdos a fim de partilhar conhecimentos, opiniões, paixões, tecer críticas e discussões acerca de assuntos relevantes para si e para outros. Para isso,

os produtores de conteúdos constroem canais referentes ao seu nicho (área) de atuação. Em relação ao nicho da educação, pode-se encontrar canais diversos - com poucos, outros muitos inscritos - conduzidos por professores.

Visando auxiliar, a partir da disponibilização de vídeos educacionais produzidos por professores de diversos componentes curriculares, nas práticas pedagógicas dos alunos, em 2013 surgiu o programa *YouTube EDU*, em parceria do Google com a Fundação Lemann e hoje, com a colaboração da UNESCO. A descrição sobre o Programa explica que ele é composto por

mais de mil vídeos organizados em playlists, com conteúdo dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio alinhado à Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Também há playlists sobre os temas transversais, às competências gerais da BNCC e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Todos os vídeos passaram por um rigoroso processo de seleção, que envolveu critérios técnicos e pedagógicos, aspectos de diversidade e reconhecimento do trabalho dos *edutubers*. As ideias e opiniões expressas nos vídeos do canal não refletem as opiniões do YouTube e da UNESCO nem comprometem as Organizações (*Youtube*, 2013, *on-line*).

À frente dos canais educacionais encontram-se os *edutubers*, considerados os professores multiplataformas. Consoante (Münsch, 2020),

os edutubers são um fenômeno relativamente recente e começaram a se popularizar, principalmente, com a criação do programa *YouTubeEDU*, pelo Google em parceria com a Fundação Lemann, para estimular a produção de videoaulas em português em diversas áreas voltadas para o Ensino Fundamental e Médio (Münsch, 2020, p. 97).

Ministrando as videoaulas, os docentes *youtubers* utilizam inúmeros recursos linguísticos verbais e/ou visuais para alcançar a atenção e o *like* (“gostei”) dos milhares de usuários que visitam seus canais. Com estúdios tecnológicos contendo fundo verde para posteriores edições, aparelhos de TV, entre outros recursos, as aulas são gravadas de maneira dinâmica, breve e com objetividade. Quanto à linguagem verbal oral destes profissionais, ela é muito próxima da utilizada pelos usuários. Esses recursos proporcionam o sucesso dos profissionais que encontraram na plataforma *YouTube* um meio de monetizar a aprendizagem escolar. Assim, as videoaulas disponibilizadas na plataforma “além de propiciar o ensino virtual, se lança a promover comercialmente os cursos, serviços ou produtos, ou mesmo promover a visibilidade dos enunciadores na esfera midiática” (Mussio, 2016, p. 341-345). Muitos edutubers possuem contas em outras redes sociais

emergentes (*TikTok, Facebook, Instagram, X*), com a finalidade de atrair ainda mais o público consumidor para comprar os materiais educacionais (aulas, apostilas, objetos) disponibilizados em seus *websites*. Percebemos, então, o desenvolvimento da mercadologização da educação formal. O ensino advindo desse processo não se preocupa com a articulação dos diferentes saberes, que tem por finalidade o sujeito agir sobre o mundo, mas sim com a repetição mecânica de técnicas (Lima *et al.*, 2016).

A todo o instante conectados, consumindo conteúdos e expondo suas ideias e experiências nas redes, construindo novas formas de construir o conhecimento, como afirma Moran (2014, p. 33), a sala de aula apresentada pelos edutubers faz-se atrativa e contemporânea. Por conseguinte, Veen e Vrakking (2009) postulam que, na transição da escola tradicional para a escola moderna, onde o conhecimento não se limita ao espaço físico, a plataforma *YouTube* faz-se importante ferramenta. Ela proporciona um novo modelo de sala de aula e de professor, rompendo com a antiga perspectiva. Consequentemente, a plataforma *YouTube* pode, sim, ser utilizada como recurso educacional na contemporaneidade.

Diante desta discussão, é perceptível a preocupação com a temática da inserção das TDIC na educação nos documentos oficiais da educação brasileira. Estes buscam integrar a suas matrizes o uso dos recursos digitais para uma educação mais inclusiva, tendo em vista que os jovens estudantes sempre buscam utilizar de formas de interação diversas. Desde o lançamento dos PCN, verifica-se o interesse pelo letramento digital dos professores e principalmente dos educandos. Isso fica perceptível nos objetivos propostos para a aprendizagem destes. De acordo com o documento, os alunos devem “saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos” (Brasil, 1998, p. 07).

Por sua vez, em sua composição, a BNCC também propõe o letramento digital dos educandos, em função de que estes utilizam de “novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil” (Brasil, 2018, p. 57). Assim, sugere que a educação digital esteja integrada em todos os componentes curriculares apresentados no documento, objetivando a ampliação dos conhecimentos e a edificação de uma sociedade mais justa e inclusiva. (Brasil, 2018). Para isso, propõe-se a direcionar os alunos a

compreender e **utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética** nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (Brasil, 2018, p. 61, grifo nosso).

Entretanto, mesmo diante de tal preocupação, percebe-se a relutância das instituições escolares e dos educadores em agregar a cultura tecnológica no cotidiano pedagógico, muito embora saibam que as TDIC

apresentam informação abundante e variada, de modo muito atrativo: os alunos entram em contato com diferentes assuntos — sobre religião, política, economia, cultura, esportes, sexo, drogas, acontecimentos nacionais e internacionais —, abordados com graus de complexidade variados, expressando pontos de vista, valores e concepções diversos (Brasil, 1998, p. 136).

Embora percebam a introdução das ferramentas digitais indiretamente nas aulas, em virtude do acesso recorrente que os estudantes fazem delas, em suas abordagens pedagógicas, os professores tendem a tangenciá-las e, por muitas vezes, renegá-las. Esse medo é nutrido pelo fato de uma porcentagem dos docentes não terem nascido em uma época tecnológica, e sim numa era analógica. Por isso, muitos deles não são e/ou não se consideram totalmente letrados digitalmente. Um outro fator importante é o medo da autonomia concedida aos alunos quando estes fazem uso desses recursos. Assim, com práticas afastadas da realidade dos estudantes, os docentes se distanciam do novo jeito de ensinar e de gerar aprendizagem.

Diante disso, é imprescindível que os docentes vejam as tecnologias digitais como aliadas no processo de ensino-aprendizagem, promovendo, desse modo, uma aproximação de mundos (o mundo do aluno e o mundo do professor); propiciando novas oportunidades de aprendizagem e interatividade tanto para o professor quanto para o aluno, como asseguram Machado e Lima (2017, p. 02). Para cumprir esse propósito, os professores necessitam ser capacitados para utilizar essas ferramentas. Ao dominá-las, terão habilidades para “desenvolver um planejamento adequado ao seu conteúdo e que procure interagir com os alunos no processo de ensino aprendizagem.” (Machado; Lima, 2017, p.02).

Dessa forma, o *YouTube*

pode tornar-se uma ferramenta importante no desenvolvimento do ciberletramento, competência essencial atualmente e que não se restringe somente a ler e escrever, mas também ‘saber lidar com a informação visual, integrando seus sentidos e significados que acompanham rapidamente todas as mudanças do mundo.’ (Cockell, 2009, p. 81 *apud* Münsch, 2020, p. 100).

Logo, é importante salientar que tais recursos tecnológicos, especialmente o YouTube, por ser o foco deste estudo, não tendem a promover a substituição dos professores. Longe disso, tais recursos buscam facilitar e dinamizar o trabalho docente. Ao utilizá-los como ferramentas pedagógicas, os docentes certamente ampliam seus multiletramentos e dos educandos. No que tange ao YouTube e aos professores do componente curricular Língua Portuguesa, tal ferramenta pode possibilitar a aprendizagem da língua de maneira mais criativa e atraente.

2.2 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GRAMÁTICA PARA O ENSINO DO PORTUGUÊS

A palavra concepção é derivada do termo latino *conception*, significa “operação mental para a elaboração de ideias e conceitos; ponto de vista, noção, opinião.”, segundo o dicionário Michaelis. Ancorando-se nestes significados, é perceptível a necessidade do ser humano de conceber ou entender as coisas do mundo. Ou seja, investigar as concepções das coisas existentes, estabelecendo “pontes entre os diversos saberes para que o conhecimento adquira importância na vida cotidiana.” (Bertoque, 2018, p. 289). Nos estudos linguísticos, dos gregos até os estudiosos do funcionalismo, os cientistas da linguagem sempre se preocuparam com as questões referentes à língua/linguagem.

Da noção de língua como representação do pensamento, apresentada por Aristóteles (séc. IV); do sistema abstrato de regras autónomo, também, como representação do pensamento, proposto por Saussure (1916); do dispositivo biológico de uma gramática universal (GU), apresentado por Chomsky (1957); passando pela proposta psico-cognitiva de Langacker (1972, 1986, 2008, 2009) e de Tomasello (2008, 2010), até o sistema linguístico multifuncional que intermedia as relações sociais, defendida por Bakhtin (1920), Halliday (1989), Dik (1989) e Givón (1984, 1993, 2011), observa-se que há um continuum que amplia a visão de língua/linguagem e,

por conseguinte, o olhar sobre as análises linguísticas (Bertoque; Casseb Galvão, 2015, p. 125).

Buscando explicar o fenômeno que é a linguagem, duas correntes de pensamento linguístico opostas se apresentam. Primeiramente, a corrente formalista (formalismo linguístico); tempos depois, a corrente funcionalista (funcionalismo linguístico). O primeiro paradigma busca investigar a estrutura da língua independente da função. Iniciado a partir dos estudos de Bloomfield e, tempos depois, com os de Chomsky, para esse modelo, a linguagem é um objeto autônomo.

O estruturalismo americano (com Bloomfield, Trager, Bloch, Harris, Fries) e, no sentido menos rigoroso, está também nos sucessivos modelos do gerativismo, culminando na teoria padrão de Chomsky, embora em Dik estejam presentes traços do gerativismo (semântica gerativa) (Neves, 2022, p. 54).

Obra de impacto no campo dos estudos formalistas, o famigerado “Curso de Linguística Geral” (CLG) (1916) do linguista Ferdinand Saussure propõe, para os estudos da linguagem, a separação entre língua (*langue*) e linguagem (*parole*). Para fins dos estudos de carácter estruturalista, Saussure escolhe a *langue* como objeto da Linguística Moderna. Como apresentam os seus postulados, por ser mais profunda, e, por isso, mais complexa, em função de que esta faz parte da faculdade humana, a *parole* foi dispensada. Assim, a linguagem é tida como heterogênea e multifacetada, pois possui “um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (Saussure, 2006, p. 16). Desta forma,

tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios. ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (Saussure, 2006, p. 17).

Para o pai da linguística, a língua é um produto social, adquirido e convencionado entre os falantes. É parte essencial e precisamente definida da faculdade da linguagem; considerada “em si mesma e por si mesma” (Saussure, 2006). Isto é, ao mesmo tempo que é um produto social da faculdade de linguagem, é um conjunto de convenções necessárias que os falantes adotam para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (Saussure, 2006, p.17). Além disso, é compreendida como “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (Saussure, 2006, p.18). Outro ponto defendido por Saussure em sua teoria é o da arbitrariedade do signo linguístico, no que diz respeito à língua e à gramática.

Os formalistas concebem a linguagem/língua como “expressão de pensamento” e como “instrumento de comunicação” (Geraldi, 1984). Os conceitos citados foram criados e divulgados pelo linguista João Wanderley Geraldi, na obra *O texto na sala de aula* (1984). De acordo com a primeira concepção, a linguagem é reflexo do pensamento do ser humano, logo, “um ato individual” (Travaglia, 1997, p.21). Em outras palavras, é por meio dela que os indivíduos expressam apenas os seus pensamentos. Se esse ponto de vista for trilhado, considerar-se-á que “pessoas que não conseguem se expressar não pensam” (Geraldi, 1984).

A primeira concepção citada norteia os estudos tradicionais da língua portuguesa e considera a língua como objeto estático e acabado, isolada, pois, das interações sociais. À vista disso, esta percepção fundamenta o ensino da gramática tradicional (gramática normativa), compreendida como um conjunto de regras que devem ser seguidas e obedecidas à risca (Possenti, 1996). As regras das gramáticas normativas e/ou prescritivas são materializadas e disseminadas, em grande escala, nos manuais didáticos para o ensino de língua, promovendo unicamente o ensino da variante linguística de prestígio e da elite. Segundo Martelotta (2011), esse tipo de gramática que faz morada nas salas de aula segue a tradição greco-latina, que se configura como “um conjunto de conceitos e categorias dos estudos gramaticais” (Cunha; Tavares, 2016, p. 13-14).

A chamada gramática tradicional, utilizada como modelo teórico para a abordagem e o ensino da nossa língua nas escolas, tem origem em uma tradição de estudos de base filosófica que se iniciou na Grécia antiga. Os filósofos gregos se interessaram por estudar a linguagem, entre outros

motivos, porque queriam entender alguns aspectos associados à relação entre a linguagem, o pensamento e a realidade (Martelotta, 2011, p. 45).

Nesta abordagem de gramática, os conteúdos são ministrados como

uma coleção de rótulos e propriedades de itens gramaticais (verbos, nomes, pronomes, conjunções, orações coordenadas e subordinadas, etc) e os papéis sintáticos vinculados a eles (sujeito, predicado, adjunto, etc), realizando-se atividades de identificação e classificação, mas raramente utilizando e analisando tais itens e funções em seu habitat, o discurso, a interação entre seres humanos. (Cunha; Tavares, 2016, p.15).

Nesta concepção de linguagem, o professor é considerado o conhecedor de todas as regras da gramática normativa/prescritiva, ao aluno resta o local da passividade, tendo este que receber o conteúdo sem ao menos questionar o processo de ensino-aprendizagem. Observar postura como essa, tanto nas aulas dos professores na sala de aula física quanto nas videoaulas encontradas no *YouTube*, não é incomum.

Quanto aos processos de escrita e leitura abordados por essa concepção, Geraldi (1984) relaciona-os ao raciocínio lógico, dos quais só são capazes de realizá-los significativamente os indivíduos que dominam as regras da gramática normativa. Por sua vez, para essa concepção de linguagem, como expõe Koch (2022), em sua obra *Ler e compreender: os sentidos do texto*, o texto é um

produto (lógico) do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão “captar” essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo” (Koch, 2022, p. 16).

No que tange aos estudos das variantes e das mudanças linguísticas, a primeira concepção não considera relevantes, pois apenas a variedade dita padrão ou culta é a “correta”; “todas as outras formas de uso da língua, são desvios, erros, deformações, degenerações da língua” (Travaglia, 2009, p. 24). Faraco (2006)

assume que esse modelo é baseado em dois vícios que mantemos para o ensino de língua, o normativismo e a gramatiquice.

Chamamos de **gramatiquice** ao estudo da gramática como um fim em si mesmo; e entendemos por **normativismo** a atitude diante da norma padrão que não consegue apreendê-la como apenas uma das variedades da língua, com usos sociais determinados. Em consequência, toma-a como um monumento pétreo (**invariável e inflexível**) e condena como erro todas as formas que não estão de acordo com aquilo que está prescrito nos velhos manuais de gramática (Faraco, 2006, p. 21, grifo nosso).

No que corresponde à segunda concepção de linguagem, a linguagem como “instrumento de comunicação” (Geraldi, 1984), atrela-se à vertente formalista dos estudos linguísticos. Como postula Castro *et al.* (1984), fundamenta-se na Teoria da Comunicação do linguista Roman Jakobson e em seus elementos da comunicação (emissor, receptor, canal, mensagem, código e referência), na qual a língua se apresenta como um conjunto de signos (códigos) que, por sua vez, combinados e seguindo regras, transmitem ao receptor uma mensagem.

Em sua base epistemológica - os estudos estruturalistas - esta concepção desconsidera os usos reais da língua, os participantes e o contexto de produção do discurso/texto. O texto é tido como “simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código”, como afirmam Koch e Elias (2006, p. 10). Essa concepção, que se atrela ao modelo educacional tradicional, por muitos anos transpassou a formação dos professores e continua sendo muito utilizada por alguns. Todavia, esse conceito faz-se ultrapassado, em virtude das novas propostas educacionais que atribui

grande importância à realização de atividades de prática e de reflexão sobre a língua em diferentes contextos de uso, de um modo geral o ensino de português nas escolas ainda está muito atrelado à orientação normativo-prescritiva, aprofundando o fosso que existe entre a língua escrita formal e a língua oral e escrita utilizada em nossas interações comunicativas diárias (Cunha; Tavares, 2016, p. 13).

Por outro lado, o segundo paradigma linguístico - o funcionalista - em contrapartida, advoga a linguagem “como entidade não suficiente em si” (Neves,

2022, p. 51). Por isso, propõe o estudo da língua com base nas situações comunicativas reais dos falantes, pois estes são entendidos como importantes peças para os atos comunicativos. Por consequência, “a linguagem é compreendida como um processo de interação social, intermediado e constituído pelo *sistema linguístico (língua)*” (Bertoque, 2018, p. 277). Assim,

os funcionalistas, por seu turno, preocupam-se com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e suas diversas modalidades de interação social, e não tanto com as características internas da língua; frisam, assim, a importância do papel do contexto, em particular do contexto social, na compreensão da natureza das línguas (Neves, 2022, p. 54).

A corrente contemporânea da linguística ergue-se desde muito antes do surgimento da Escola de Praga, uma vez que seus fundadores revisitaram conceitos e autores anteriores para fundamentar as bases teóricas do funcionalismo linguístico. Dentre eles, representantes da

Escola de Praga (com Mathesius e, a seguir, Trubetzkoy, **Jakobson**, Danes, Fibras, Vachek, Sgall, etc.); a Escola de Genebra (com **Saussure** e, a seguir, Bally e **Tesnière**, este influenciando Helbig e Martinet); a Escola de Londres (com Firth e, a seguir, Halliday); e o Grupo da Holanda (com Reichling e, a seguir, Dik (Neves, 2022, p. 53, grifo nosso).

Embora a abordagem possua uma vasta representação, a autora assegura que é, sobretudo, na Escola de Praga e nos modelos da gramática funcional de Halliday e Dik que estão alicerçados o paradigma funcionalista. Além desses, outros renomados autores exploraram a temática do funcionalismo, com a finalidade de compreender o funcionamento da língua. Para isso, os estudiosos observaram a língua do ponto de vista do contexto de uso e das situações extralinguísticas na qual a língua estava inserida. Em face disso, Talmy Givón (1995), em seus estudos, propôs as nove concepções da perspectiva funcional, sendo elas:

1. a língua é uma atividade sociocultural; 2. a estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas; 3. a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica; 4. mudança e variação estão sempre presentes; 5. o sentido é contextualmente dependente e não-atômico; 6. as categorias não são discretas; 7. a estrutura é maleável e não rígida; 8. as gramáticas são emergentes; 9. as regras de gramática permitem algumas exceções (Givón, 1995).

As concepções funcionalistas veiculadas por Givón explicitam a importância e a necessidade de não armazenar a língua em “caixinhas” prontas e conferir a ela a alcunha de imutável e estática, posto que ela está e sempre estará a serviço dos sujeitos que compõem a sociedade. Para isso, a Linguística Funcional “inter-relaciona aspectos linguísticos, discursivos, cognitivos e sociais” (Bertoque, 2018, p. 277).

Maria Helena de Moura Neves assevera que toda e

qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação do modo como se obtém a comunicação com essa língua, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. Todo o tratamento funcionalista de uma língua natural põe sob exame, pois, a competência-comunicativa. Isso implica considerar as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração (Neves, 1994, p.109).

À vista disso, a língua “é mais do que um veículo ou um instrumento mediador de conhecimento; é parte constitutiva das relações sociais, do conhecimento, da cultura, da identidade.” (Bertoque, 2018, p. 277) do povo. Os estudos funcionalistas tendem a “estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas.” (Martelotta, 2011, p. 157), sobretudo buscando observar a relação entre forma e função nas diversas áreas da gramática. Como eixos estruturantes da corrente linguística emergente, Cunha e Tavares (2016) mencionam alguns princípios básicos, a seguir: marcação, iconicidade, prototipicidade, transitividade, plano discursivo, gramática e gramaticalização.

O princípio da marcação é de origem estruturalista. Ele estabelece a distinção entre as categorias marcadas e as não-marcadas, podendo se estender às categorias fonéticas, morfológicas ou sintáticas da língua. O segundo princípio mencionado, a iconicidade, é definido como “a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo)” (Cunha; Tavares, 2016, p. 22). A prototipicidade, princípio ligado à psicologia cognitiva, está atrelada à categorização linguística. De natureza escalar, a transitividade é uma propriedade que toda oração possui. Ela é constituída por três componentes: sujeito, verbo e complemento. No entanto, segundo Cunha e Tavares (2016), a Gramática Tradicional percebe a transitividade como “uma propriedade do verbo, e não da oração” (Cunha; Tavares, 2016, p. 29). No que concerne ao paradigma do plano discursivo, esta categoria está ligada “à organização estrutural do texto e compreende as dimensões de figura e fundo” (Cunha; Tavares, 2016, p. 33).

Considerada “um sistema aberto, fortemente suscetível à mudança e intensamente afetado pelo uso que lhe é dado no dia-a-dia” (Cunha; Tavares, 2016, p. 18), a gramática é um instrumento que procura “explicar as regularidades nas línguas, e através delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua” (Neves, 1992, p. 112). Posto isto,

a gramática funcional considera, afinal, a competência comunicativa, isto é, a capacidade que o indivíduo tem não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória. Como a Escola de Praga, a gramática funcional tem sempre em consideração o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que pressupõe uma certa pragmatização do componente sintático-semântico do modelo linguístico (Neves, 1994, p. 113).

Dessa maneira, a Gramática Funcionalista (GF) interliga diversas áreas da gramática (sintaxe, semântica e pragmática) a fim de compreender como a linguagem se estrutura.

A Gramática Funcional constitui uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal. Requer-se dela que seja, pois, “pragmaticamente adequada”, embora se reconheça que a linguagem só pode funcionar comunicativamente por meio de arranjos sintaticamente estruturados (Neves, 1997, p.25).

Cunha e Tavares (2016, p 19) citam Thompson e Couper-Kuhlen (2005) para destacar as colaborações à nova compreensão da gramática pela vertente funcionalista, são elas:

(1) o reconhecimento de que os padrões gramaticais rotinizados existem porque os falantes precisam de modos rotinizados para implementar ações no mundo (certos tipos de ação desencadeiam certos tipos de gramática); (2) o reconhecimento de que a gramática é conhecimento de como fazer coisas em conjunto (a gramática é socialmente partilhada, emergente, responsiva à contingência e completamente temporal); (3) o reconhecimento de que, para a linguística fornecer uma explicação acerca de como as pessoas realmente usam a língua, ela deve considerar a gramática como interacionalmente sensível e cognitivamente realística (Cunha; Tavares, 2016, p. 19).

Dessa maneira, ao se pensar na concepção funcionalista da linguagem, a qual percebe a língua como organismo vivo, este assume a gramática como contextualizada, visando efetivamente os usos da língua (Antunes, 2014, p. 40). Tendo como base para a sua teoria de gramática contextualizada o paradigma funcionalista, Antunes assevera que

a gramática, enquanto elemento constitutivo das línguas, é sempre contextualizada, uma vez que nada do que dizemos - oralmente ou por escrito - acontece em abstrato, fora de uma situação concreta de interação. Existe sempre um contexto, uma situação social qualquer, onde o que dizemos pode assumir um determinado sentido e cumprir uma determinada função comunicativa (Antunes, 2014, p. 39).

Finalmente, a gramaticalização dá-se pela

mudança de um item lexical em um elemento gramatical ou de uma estratégia discursiva em uma estrutura sintática, decorre da compreensão funcionalista de gramática como mecanismo mutável e instável, moldado pelo uso, pois sujeito a pressões comunicativas e cognitivas (Cunha; Tavares, 2016, p. 25).

Por isso, o princípio tem por finalidade descrever e explicar ao mesmo tempo os processos de variação e mudança da língua. No que consiste à variação, trata-se de um processo em que diferentes registros da língua coexistem em um dado momento histórico e dependente das necessidades comunicativas dos falantes. Ela ocorre por meio de fatores culturais, geográficos, históricos, situacionais e sociais. Já a mudança linguística decorre do processo de consolidação de uma variante específica ao longo do tempo. Nessa perspectiva, aspectos estruturais, fonéticos, lexicais e gramaticais são considerados e transformados, a depender da necessidade dos falantes. As mudanças acarretam polissemia, alteração de categoria gramatical; possibilitam também mudanças lexicais ou de item (de menos gramatical para mais gramatical). Pode-se, então, perceber que, diferente do que se viu na abordagem formalista, variação e mudança são aceitos nesta perspectiva linguística.

Nestes aspectos, o paradigma funcionalista se vincula à última concepção de linguagem proposta por Wanderley Geraldi: “linguagem como interação” (Geraldi, 1984). Inter-relacionando-se com o conceito bakhtiniano de dialogismo (linguagem como instrumento dialógico), mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, “a linguagem é vista como um lugar de interação humana.” (Geraldi, 1984, p.). Através dela “o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.” (Geraldi, 1984, p.43).

Em consonância com as ideias postuladas por Geraldi (1984), Antunes (2014, p. 18) também compreende a linguagem como uma ação coletiva, recíproca, influenciável, em que os sujeitos atuam uns sobre os outros em trocas comunicativas. Cada sujeito, por meio dela, interpreta o que ouve com base em suas

referências (conhecimentos prévios), crenças e suposições, como ratifica Bakhtin⁴. De acordo com a terceira concepção gerdiana, os textos são objetos centralizadores do discurso e seus sentidos mudam de acordo com o contexto em que são imersos. Assim, os indivíduos se comunicam por meio de gêneros discursivos/textuais.

Partindo deste pressuposto, na atualidade, o ensino de língua portuguesa ancora-se nesta concepção, uma vez que visa “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais.” (Brasil, 2018, p. 63). Isto posto, conforme a BNCC, “a linguagem é um processo dinâmico, heterogêneo e variável, constituído historicamente nas práticas sociais.” (Brasil, 2018, p. 63). Pode-se notar essa perspectiva, por exemplo, nas competências de Língua Portuguesa EF69LP03, que promove a ampliação das possibilidades de uso do repertório linguístico-discursivo em diferentes práticas sociais, reconhecendo o impacto do uso da linguagem na construção de identidades e relações sociais (Brasil, 2018) e EF69LP06, que versa sobre a necessidade de se compreender e analisar criticamente discursos veiculados por diferentes meios e mídias, reconhecendo seus propósitos, seus efeitos de sentido e seus recursos linguísticos e semióticos (Brasil, 2018).

No passado, essa perspectiva já era, pois, assumida e defendida pelos PCN, ao referirem a linguagem como “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (Brasil, 1998, p. 20).

A abordagem trazida pela gramática de usos da língua portuguesa faz-se ideal para um ensino mais significativo de língua portuguesa. Em sua “Gramática dos usos do português”, a autora Maria Helena de Moura Neves apresenta e discute os diversos usos da língua materna na atualidade no território nacional. Para isso, Neves apoia-se nos itens lexicais e gramaticais (tradicionais classes gramaticais)

⁴ Segundo a teoria bakhtiniana, a linguagem é compreendida como produto da interação social dos interlocutores. Por isso, a língua não pode ser considerada uma estrutura abstrata, muito menos simples reflexo da realidade material. Ainda segundo Bakhtin (1997, p. 279), “Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elaborada seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

explicitados na própria língua portuguesa (em seus textos factuais) para compor a “gramática” dos itens, “mostrando as regras que regem seu funcionamento em todos os níveis, desde o sintagma até o texto” (Neves, 2000, p. 13). Assim como a Gramática Formal (Tradicional), que trata “as questões gramaticais de modo artificial, distanciando-se das situações de uso, e, assim, deixando de considerar justamente os aspectos centrais de sua natureza” (Cunha e Tavares, 2016, p.15), a gramática funcionalista (tida como contextualizada) também “analisa a estrutura gramatical, entretanto o faz com abrigo na situação comunicativa, e entendendo-a como determinadora das estruturas em análise” (Neves, 2022, p. 51).

Buscando esclarecer a distinção entre as duas perspectivas de gramática, Neves (2022, p. 60) vale-se dos estudos de Halliday (1985) e apresenta o quadro a seguir.

Quadro 1 - Diferenças entre as correntes da gramática, Halliday (1985). Adaptação Neves (1994)

GRAMÁTICA FORMAL	GRAMÁTICA FUNCIONAL
Orientação primariamente sintagmática	Orientação primariamente paradigmática
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares.	Interpretação da língua como uma rede de relações (estruturas entram como realização das relações).
Ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase).	Ênfase nas variações entre línguas diferentes (semântica como base: organização em torno do texto ou discurso).

Fonte: Neves, 2022, p. 60.

A partir dos estudos de Dik (1987), evidenciamos sinteticamente os dois modos de compreender a natureza da linguagem até aqui discutida. Em conformidade com Leech (1983 apud Neves, 1994, p. 116), de um lado há o paradigma formalista, compreendendo a linguagem como um fenômeno mental. Do outro, o paradigma funcionalista, tendo a linguagem como fenômeno social. Pode-se observar explicitamente essa diferença no quadro abaixo.

Quadro 2 - Diferença entre paradigmas linguísticos

TÓPICOS	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Como conjunto de orações.	Como instrumento de interação.
Principal função da língua	É a expressão de pensamento.	É a comunicação.
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso	O estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independentemente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se no uso de propriedades inatas, com base em um input restrito e não estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado apresentado no contexto natural.
Universais linguísticos	São propriedades inatas do organismo humano.	Explicam-se em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as prioridades vão da sintaxe à pragmática, por via da semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, por via da semântica.

Fonte: Dik, 1987. Adaptado por Neves, 2022, p. 59.

Após refletirmos sobre os dois paradigmas, na próxima seção, versaremos especificamente sobre o trabalho com a categoria verbo sob as duas vertentes linguísticas mencionadas acima: a da gramática tradicional e da gramática funcional. Para isso, revelaremos as concepções de língua e gramática adotadas pelos *edutubers* para a realização de suas práticas pedagógicas durante o ensino de língua portuguesa, através de excertos de aulas recolhidas dos canais educacionais dos três *edutubers* que fazem parte do *corpus* desta pesquisa.

2.3 MUITO ALÉM DA GRAMÁTICA: O VERBO NA PERCEPÇÃO DO TRADICIONALISMO E DO FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO

Dada a complexidade da categoria gramatical do verbo, mesmo depois de muitos estudos realizados por gramáticos e linguistas, ainda hoje percebem-se inúmeros problemas no ensino da classe gramatical. Uma vez que, como já mencionado, por muitos momentos, o ensino gramatical é voltado simplesmente para a memorização dos conceitos. Isso ocorre porque há uma oposição entre o que é orientado pelos documentos oficiais da educação e o que é desenvolvido nas salas de aula. Os documentos oficiais, por sua vez, instruem um ensino de língua pautado na análise linguística através do texto. Isto é, na

centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p.67).

Os documentos indicam um estudo da gramática que desloque “o enfoque da palavra ou frase (proposto pela gramática tradicional) para a análise do texto, influenciada pelas teorias linguísticas textuais e enunciativas, resultando em novos objetos de estudo” (Bezerra e Reinaldo, 2013, p.15-16). Porém, na realidade pedagógica, observa-se um ensino marcado pela memorização da nomenclatura e da classificação gramatical - numa perspectiva conservadora de análise linguística (Bezerra e Reinaldo, 2013). Isto é, num ensino pautado no normativismo e gramatiquice, como assevera Faraco (2006, p. 21). As gramáticas tradicionais/prescritivas são ferramentas bastante utilizadas nesse tipo de ensino, no qual o discente é levado a decorar por muitas vezes regras desnecessárias, pois, por se tratar de falantes da língua, já as dominam. Por consequência, esse modelo de aula é tido como enfadonho e tedioso pelo alunado. Entretanto, vale ressaltar as relevâncias do ensino da Gramática Tradicional (GT) para os estudos linguísticos, dentre elas, a de que “a partir desse material que podemos entender a forma como a língua tem sido abordada durante séculos e, ainda, a forma como a língua vem sendo ensinada aos estudantes de diferentes níveis” (Oliveira, 2011, p. 26).

Na perspectiva da gramática tradicional, a forma verbal é tida como “palavra que indica ação ou resultado de ação (estado)” (Almeida, 1961, p. 149). Em conformidade com o gramático,

quem *escreve*, quem *desenha*, quem *pinta*, quem *anda*, quem *quebra*, quem *olha*, quem *abre*, quem *fecha* pratica ações diversas: ação de *escrever*, ação de *desenhar*, ação de *pintar* etc., ações expressas por palavras que se dominam *verbos* (Almeida, 1961, p. 149).

Por meio dessa definição, nota-se que o conceito difundido pela gramática de Almeida é restrito e incompleto, tendo em vista que exclui os termos verbais que expressam fenômenos da natureza e as variantes como número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz, elementos que são encontrados nas gramáticas mais recentes. Neste conceito, mesmo limitado, visualiza-se apenas a predominância da morfologia e da sintaxe da categoria gramatical.

De acordo com o supracitado autor,

o verbo é chamado também de predicado, porque atribui, predica uma ação a alguma pessoa ou coisa; pois bem, quando essa ação fica toda no sujeito, diz-se que o verbo é de predicação completa (**intransitivos**); quando não, ou seja, quando a ação, que o verbo exprime, exige uma pessoa ou coisa sobre que recair, diz-se que o verbo é de predicação incompleta (**transitivos**) (Almeida, 1961, p. 150, grifo nosso).

Isso ocorre porque “assim como toda a ação requer uma causa, assim também toda a ação produz um efeito” (Almeida, 1961, p. 149), nomeado pelo gramático de predicação verbal ou predicado. No que se refere aos verbos de dupla transitividade, Almeida (1961) expõe, em uma nota, que “por necessidade didática chamaremos de ‘transitivo direto-indireto’ o verbo que traz um objeto direto e outro indireto. Não tem fundamentos nos fatos do idioma obrigar a pôr os dois objetos de tais verbos” (Almeida, 1961, p. 151). Por meio deste apontamento, percebe-se que esse tipo de gramática desconsidera os usos reais da língua nas diversas situações comunicativas dos falantes. O capítulo sobre o verbo finaliza com o autor expondo brevemente o conceito tradicional e exemplos de verbos de ligação. Segundo ele, o verbo de ligação junto com seu complemento (predicativo) constitui o chamado predicado nominal, como pode-se observar no trecho retirado da sua gramática.

Quando o verbo da oração é de ligação, o complemento se chama, simplesmente, predicativo, e sempre se refere ao sujeito, mas o predicativo pode aparecer de duas outras maneiras e recebe então nomes especiais: predicativo do sujeito, predicativo do objeto (Almeida, 1961, p. 351).

De acordo com Rocha Lima, entende-se verbo por palavra que

expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz (Lima, 2011, p. 168).

O conceito acima também restringe a conceituação da categoria, por isso, torna-se insuficiente para dar conta das reais situações comunicativas. No entanto, embora Lima (2011) siga a abordagem formal da categoria do verbo, na qual circunscreve fronteiras estabelecidas, sua gramática diferencia-se da primeira citada, a gramática de Napoleão Mendes de Almeida, ao evidenciar algumas variantes da categoria como: modo, tempo, número, pessoa e voz. De início, o autor propõe-se a caracterizar os modos verbais (indicativo, subjuntivo e imperativo), os quais são tidos como “as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo” (Lima, 2011, p. 168). Na explanação do conceito dos modos, o autor realiza uma crítica aos gramáticos que lhes são contemporâneos que tendem a chamar o infinitivo de modo verbal. Conforme Lima, o infinitivo não possui

sua aparência de verbo, tais formas não possuem função exclusivamente verbal. O infinitivo é antes um substantivo: como este, pode ser sujeito ou complemento de um verbo, e, até, vir precedido de artigo. O particípio tem valor e forma de adjetivo: modifica substantivos com os quais concorda em gênero e número; apresenta o feminino em -a, e o plural em -s. O gerúndio equipara-se ao advérbio, pelas várias circunstâncias de lugar, tempo, modo, condição, etc., que exprime. (Lima, 2011, p. 168).

Para a referida gramática, o tempo “informa, de maneira geral, se o que expressa o verbo ocorre no momento em que se fala, numa época anterior, ou numa

ocasião que ainda esteja por vir; são, fundamentalmente, três os tempos: presente, pretérito e futuro” (Lima, 2011, p. 169). Quanto à variante de número e pessoa, o manual entende-as como “acidentes que mostram a qual das três classes de sujeito se refere o verbo, e, ainda, se tal sujeito está no singular, ou plural” (Lima, 2011, p. 170). Já no que tange a voz, concebe como acidente ocasionado pela relação entre o processo verbal e o comportamento do sujeito, sendo elas: voz ativa e voz medial. Na ativa, o sujeito é o agente do processo indicado pelo verbo. Por sua vez, a medial, a qual subdivide em três: passiva, reflexiva e dinâmica. Abaixo, segue a explicação.

MEDIAL — Que, pela anexação à forma ativa de um pronome átono da mesma pessoa do sujeito gramatical, apresenta três modalidades: a) **Passiva:** Em que o sujeito é o paciente do processo verbal: Destruíu-se o velho casarão. Esta significação se realiza também, paralelamente, por uma locução de ser + particípio passado do verbo principal: Foi destruído o velho casarão. b) **Reflexiva:** Em que a ação parte voluntariamente do sujeito e sobre ele recai (de tal sorte, que ele encarna, a um só tempo, o agente e o paciente do processo verbal): Desmoralizado, o ditador matou-se. c) **Dinâmica:** Em que se exprime a mudanças de situação do sujeito, mas sem intervenção da vontade dele: Fernanda feriu-se num espinho da rosa. Os operários queimaram-se na explosão da mina (Lima, 2011, p. 170, grifo nosso).

No que tange à sintaxe do verbo, o material gramatical apresenta o verbo como núcleo do predicado, que pode ou não vir acompanhado de outros elementos. Por isso, para explicar essas relações, Lima (2011) explicita que as organizações sintáticas entorno do verbo ocorrem por meio do predicado verbal, do predicado nominal e do predicado verbo-nominal. O primeiro, conforme Lima (2011, p. 293), “da natureza desse verbo é que decorre os mais termos do predicado”. Ainda, ele informa que, na língua, existem verbos que são suficientes por si, os chamados intransitivos, outros, que “requerem a presença de um ou mais termos que lhes completem os significados” (Lima, 2011, p. 293), os transitivos. O segundo tem por núcleo um nome, que a gramática denomina predicativo, uma característica que se liga o sujeito pelo verbo de ligação. Enquanto o verbo-nominal “tem dois núcleos, um expresso por um verbo, transitivo ou intransitivo; outro, indicado por um nome, chamado, também de predicativo” (Lima, 2011, p. 294).

Seguindo a mesma perspectiva teórica dos gramáticos acima, Bechara depreende o verbo como parte nuclear da oração. Para ele, a “unidade de significado categorial (forma categorial) que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar e seu significado lexical (forma lexical/ lexema)” (Bechara, 2009, p. 209). O autor assevera que “o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número” (Bechara, 2009, p. 209). “Conjugar um verbo é dizê-lo, de acordo com um sistema determinado, em todas as suas formas nas diversas pessoas, números, tempos e vozes.” (Bechara, 2009, p. 225). A partir dessas poucas pistas, percebe-se que a noção da abordagem da gramática de Evanildo Bechara é mais centralizada na morfologia e na sintaxe da língua. Vale salientar que a definição de Bechara é mais aprofundada pelo fato do linguista manter-se atento às inovações linguísticas, mesmo que sua gramática esteja mais ligada à concepção tradicional de língua.

De acordo com esta gramática, os verbos geralmente indicam as três pessoas do discurso, em seus respectivos números (primeira, segunda e terceira pessoas do singular; primeira, segunda e terceira pessoas do plural). Em relação ao tempo verbal, sua gramática evidencia três: presente, pretérito e futuro. Conforme Bechara,

PRESENTE - em referência a fatos que se passam ou se estendem ao momento em que falamos: eu canto; PRETÉRITO - em referência a fatos anteriores ao momento em que falamos, é subdividido em *imperfecto*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*; FUTURO - em referência a fatos ainda não realizados e subdivididos em *futuro do presente* e *futuro do pretérito*. (Bechara, 2009, p. 221)

Quanto aos modos verbais, Bechara separa-os em cinco: indicativo (fatos verdadeiros), subjuntivo (fatos incertos), condicional (fatos que dependem de certa condição), optativo (ação desejada pelo agente) e imperativo (ordem/pedido). No entanto, apenas três desses modos (indicativo, subjuntivo e imperativo) são apresentados nos materiais didáticos de língua portuguesa. Já as vozes do verbo são ativa (o sujeito é agente da ação), passiva (o sujeito é objeto da ação verbal) e a voz reflexiva (o sujeito é agente e objeto ao mesmo tempo).

Ao se referir aos modelos de conjugação verbal, Bechara expõe três: regulares, irregulares e anômalos. Os regulares sendo os verbos que o radical não varia. Os irregulares, os que apresentam modificações quanto ao radical ou na flexão. E, por fim, os anômalos, as formas verbais irregulares cujo radical passa por alterações sem se encaixar em uma classificação específica, como postula Bechara (2009, p. 225-226).

Cunha e Cintra, na “Nova gramática do português contemporâneo” (2017), revela que nocionalmente o verbo

[...] é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. Na oração exerce a função obrigatória de predicado [...] o verbo apresenta as variações de NÚMERO, de PESSOA, de MODO, de TEMPO, de ASPECTO e de VOZ (Cunha; Cintra, 2017, p. 393).

Assim como Bechara (2009), os autores acima evidenciam os aspectos morfológicos (pessoa, tempo e modo) e sintáticos (o verbo como elemento formador do predicado das orações) da categoria gramatical exposta, o verbo. Ao mencionar a variação de número, os gramáticos apresentam o singular e o plural, que “estão relacionados diretamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.” (Cunha, Cintra, 2017, p. 394). Quanto aos modos verbais, são as diversas maneiras que o verbo assume para indicar as atitudes dos falantes em relação ao fato da enunciação, sendo eles: indicativo, subjuntivo e imperativo. O tempo, conforme Cunha e Cintra (2017), é o instante exato em que a ação expressa pelo verbo acontece. Ele ramifica-se em: presente, pretérito (passado) e futuro. No que concerne à variante aspecto, categoria que considera a ação expressa pelo verbo a partir do falante, podendo ser uma ação concluída ou não-concluída (incoativo, permansivo e/ou conclusivo), isto é, o modo como uma ação verbal é percebida, levando em conta a sua duração. Neves (2000, p. 63-64) declara que os verbos aspectuais formam perífrases (substituição de uma ou mais palavras por uma expressão) que indicam: Início de evento (aspecto inceptivo); Desenvolvimento de evento (aspecto cursivo), que pode gerar hábito (aspecto habitual) ou progressão (aspecto progressivo); Término ou cessão de evento (aspecto terminativo ou

cessativo); Resultado de evento (aspecto resultativo); Repetição de evento; Consecução; Intensificação; e Aquisição de estado. A categoria aspecto é o ponto que difere a definição da classe gramatical proposta pela gramática “Nova gramática do português contemporâneo” das outras GT, e a aproxima minimamente do conceito empregado na GF. A voz, de acordo com o manual, são três: fato praticado pelo sujeito (voz ativa), fato sofrido pelo sujeito (voz passiva), fato praticado e sofrido pelo sujeito (voz reflexiva). A nomenclatura dessa gramática no que diz respeito às vozes distancia-se das que são comumente utilizadas nas gramáticas escolares, de cunho normativista. No entanto, segue a mesma relação lógica do conceito.

Seguindo também a vertente da GT, que apresenta um modelo de análise exaustivo que orienta os manuais de gramática e os livros didáticos, a “Novíssima gramática da língua portuguesa” (2009), de autoria de Domingos Paschoal Cegalla, conceitua o verbo como “uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno” (Cegalla, 2009, p. 194). Com o intuito de complementar a definição, o gramático vai além, ao apontar que

dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões. Com efeito, o verbo reveste diferentes formas para indicar a pessoa do discurso, o número, o tempo, o modo e a voz. Ao conjunto ordenado das flexões de um verbo dá-se o nome de *conjugação* (Cegalla, 2009, p. 194).

A partir de tudo o que se foi discutido até o momento, constata-se que o verbo exerce função nuclear dentro da oração, segundo a GT, à medida que ele é apresentado como uma “palavra indispensável na construção do período” (Cegalla, 2009, p. 194). Em referência às flexões adotadas pelo verbo, as primeiras apresentadas na gramática de Cegalla são pessoa (1ª, 2ª e 3ª pessoas) e número (singular e plural). Em seguida, a flexão de tempo (presente, pretérito e futuro). Os modos, de acordo com o manual, “indicam as diferentes maneiras de um fato se realizar” (Cegalla, 2009, p. 195), sendo eles: indicativo (fato certo, positivo), subjuntivo (fato possível, incerto, duvidoso, hipotético) e imperativo (ordem, proibição, conselho, pedido). No que diz respeito à flexão da voz, a gramática apresenta três: ativa, passiva e reflexiva.

Sustentada nos estudos emergentes das teorias de vertente funcionalista, como já referido no capítulo anterior, a GF considera os usos linguísticos, tendo como objetivo “explicar regularidades nas línguas, e através delas, em termos de aspectos recorrentes das circunstâncias sob as quais as pessoas usam a língua” (Neves, 1994, p. 112). Para isso, essa vertente faz uso de diversos estudos que tomam aspectos da língua, dos gramaticais até os discursivos. Nesta ótica, observa-se a não exclusão dos estudos da sistematicidade da estrutura linguística e da instrumentalidade do uso da língua por parte dessa corrente (Neves, 1994, p. 112-113). No entanto, é mais apropriado definir os verbos tanto em suas propriedades sintáticas, semânticas quanto pragmáticas, fazendo com que compreendamos de forma abrangente os diversos usos do verbo e os inúmeros aspectos que se agregam para a produção dos enunciados linguísticos, como afirma Bagno (2011).

A GF compreende o verbo como “classe de palavra voltada a constituir o núcleo do predicado da oração” (Neves, 2018, p. 152). À vista disso, Neves articula a categoria do verbo ao predicado, em virtude de que

os **predicados** designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com seus **argumentos** (os **participantes** da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado. A **predicação** constitui, pois, o resultado da aplicação de um certo número de **termos** (que designam entidades) a um **predicado** (que designa propriedades ou relações). A construção de uma **oração** requer, portanto, antes de mais nada, um **predicado**, representado basicamente pela categoria **verbo**, ou, ainda, pela categoria **adjetivo** (construído com um **verbo de ligação**) (Neves 2000, p. 25, grifos nossos).

Ou seja, o verbo (sintagma verbal) é um elemento importante para a constituição da sentença, como afirma Castilho (2014, p. 250). Noutras palavras,

o sintagma verbal é a construção nucleada pelo verbo. E como a sentença é um verbo que articula seus argumentos, segue-se que a única diferença entre um sintagma verbal e uma sentença é que naquele não figura o sujeito, que aparece nesta (Castilho, 2014, p. 391).

O núcleo dos sintagmas verbais pode ser simples, composto e complexo. O primeiro tipo é constituído por um verbo pleno, que “que funcionam como núcleos sentenciais, selecionando argumentos e atribuindo-lhes papéis temáticos” (Castilho, 2014, p. 397), como pode-se observar em “O governo [**acha-se** seguro]” (Castilho, 2014, p. 391). O sintagma verbal composto é formado por dois núcleos, um verbo auxiliar e um verbo pleno. Para Castilho, o “verbo auxiliar é o que perdeu a capacidade de organizar um sintagma verbal e uma sentença, restringindo-se a atribuir ao verbo auxiliado os traços de pessoa, aspecto, tempo e modo de que este morfologicamente não dispõe” (Castilho, 2014, p. 392). Constatamos tal conceito em “O rapaz [[**disse** que [**ia contar**] toda a verdade]]” (Castilho, 2014, p. 391). Por último, o sintagma complexo, o qual é composto “por um verbo fortemente preso por um substantivo” (Castilho, 2014, p. 392), o que o autor denomina verbo suporte, como consta em: ‘Os aposentados [já se **deram conta** da inutilidade de suas reclamações]’ (Castilho, 2014, p. 392). Ainda nas palavras de Castilho (2014), alguns verbos não requerem complementos, porém, outros os exigem, esses complementos são os ditos argumentos, para a GF, e constituem a propriedade sintática da transitividade verbal. Para o autor,

A transitividade é sem dúvida alguma a propriedade gramatical mais importante do verbo. Sendo um princípio, encontramos sua atuação por toda a língua. Sua importância gramatical está em estruturar a sentença, ao selecionar seus argumentos (Castilho, 2014, p. 396).

Sendo assim, de acordo com a GF, é por meio da transitividade que os verbos e seus argumentos podem formar: predicados agentivos, predicados experienciais, predicados possessivos, predicados locativos, predicados causativos.

1.Predicados agentivos, tais como “X faz Y”. 2.Predicados experienciais, que exprimem propriedades de natureza perceptiva, cognitiva ou estados afetivos, tais como “X sabe/pensa/ama Y”. 3.Predicados possessivos, ou de transferência de posse, tais como “X tem/possui/envia/dá/recebe Y de/a Z”. 4.Predicados locativos, em que se estabelece uma relação não dinâmica de localização espacial, tais como “X está em/é de Y”. 5.Predicados causativos, em que um dos argumentos designa a entidade que sofre uma mudança de estado ou de lugar, como em “X abre/destrói/sobe Y” (Castilho, 2014, p. 397).

No que tange às características morfológicas do verbo, Castilho (2014, p. 391) afirma que o verbo é formado por um morfema (vocábulo prefixal) + um radical + um morfema (flexional sufixal). O radical é constituído pela raiz e a vogal temática (a, e, i), as quais configuram as três conjugações verbais do português. Os verbos auxiliares fazem parte dos morfemas-vocábulos prefixais, esses agem como especificadores do sintagma verbal, e os principais terão sempre as formas nominais (infinitivo, gerúndio e particípio) do verbo, que expressam o tempo, o aspecto e o modo, como aponta Castilho (2014, p. 393). Por sua vez, para a GF, os morfemas flexionais correspondem aos sufixos modo-temporais e número-pessoais.

Com relação às propriedades semânticas do verbo, “os verbos expressam os estados de coisas, entendendo-se por isso as ações, os estados e os eventos de que precisamos quando falamos ou quando escrevemos” (Castilho, 2014, p. 396). De acordo com a classificação semântica dos verbos formadores dos predicados das orações, a gramática funcionalista revela três: de ação ou atividades e os de processo (tidos como dinâmicos) e os verbos de estado (os não-dinâmicos, isto é, estáticos). Em se tratando dos verbos que expressam uma ação ou atividades, a gramática funcional revela que “genericamente, eles dizem o que alguém (um agente) faz ou o que algo (um causativo) causa” (Neves, 2018, p. 153), no entanto, “podendo haver, ou não, outro participante (afetado ou não), isto é, podendo haver ou não, um processo envolvido” (Neves, 2000, p. 26). Isso pode ser observado nos exemplos abaixo.

1. “Ela *iria* lá a pretexto de qualquer coisa esquecida” (Neves, 2018, p. 154)
2. “*Sapateou, cantou, abriu* os braços e *deu* um longo agudo que quase quebrou as taças de cristal. (BL)” (Neves, 2000, p. 26)

Os verbos que se referem a processos, comumente, revelam o que acontece. Eles “envolvem uma relação entre um nome e um estado, e o nome é paciente do verbo (afetado).” (Neves, 2000. p. 26). Percebemos nos exemplos a seguir.

1. “O coração lhe *pulava* no peito” (Neves, 2018, p. 154).
2. “O alfares não *morreu*, nem mesmo *adoeceu*. (ALF)” (Neves, 2000. p. 26).

Circunscrevendo-se no campo dos não-dinâmicos, os verbos de estado são genéricos, eles não dizem nem o que alguém faz nem o que acontece” (Neves, 2018, p. 153).

1. “Felizmente, lá não *havia* enredador” (Neves, 2018, p. 154).
2. “Não *existe* mais o edifício *Art Nouveau*” (Neves, 2000. p. 26).

As propriedades discursivas da categoria do verbo

considera-se como verbo a palavra (i) que introduz participantes no texto, via processo da apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo da predicação; (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos (Castilho, 2014, p. 396).

Das propriedades discursivas do verbo surgiram categorias advindas do texto, sendo elas: presente cênico, pretérito perfeito simples cênico, pretérito imperfeito descritivo, pretérito mais-que-perfeito cênico, futuro cênico, infinitivo de narração.

1. Presente cênico (Sten, 1953: cap. i; Weinrich, 1964/1968: 73); presente gnômico, ou presente das definições, ou das verdades eternas (Imbs, 1960: 27-30); presente descritivo, documentável nas narrativas de ações coletivas (Szertics, 1967: cap. iii); presente histórico, usado na narração de “atos diferentes que se sucederam uns aos outros com decisão e rapidez”, segundo Said Ali Ida (1923: 311). 2. Pretérito perfeito simples cênico (Sten, 1953: 71); pretérito narrativo, que sugere objetividade (Gilman, 1961; Weinrich, 1964/1968: 131), ou que expressa ações que se sucedem com rapidez (Szertics, 1967: 39). 3. Pretérito imperfeito descritivo (Sten, 1952: 164), com as seguintes modalidades: (i) imperfeito pitoresco, usado em lugar do pretérito perfeito simples para “evocar fatos únicos dispostos numa série, vistos porém em sua duração interior” (Imbs, 1960: 92); (ii) imperfeito “desrealizador”, próprio a indicar o pensamento fantasioso e a narrar os sonhos [imperfeito onírico] (Szertics, 1967: 73), ou nas conversas de crianças, quando se combinam jogos, brincadeiras [imperfeito hipocorístico]

(Imbs, 1960: 97); (iii) imperfeito cênico (Mourin, 1959: 120); (iv) imperfeito de ruptura, usado na abertura ou no encerramento brusco de uma descrição (Imbs, 1960: 93); (v) imperfeito de polidez ou de atenuação (Imbs, 1960: 97). 4. Pretérito mais-que-perfeito cênico (Sten, 1952: 219). 5. Futuro cênico (Sten, 1953: 42, 55, 73). 6. Infinitivo de narração (Sten 1952) (Castilho, 2014, p. 442).

De acordo com o funcionalista, esse novo modo de enxergar os verbos, por meio das categorias cênicas postuladas por Sten, foi possível elaborar perguntas como: “(1) relação entre a tipologia sintática do verbo e a categoria do tópico discursivo; (2) relação entre o tempo presente e a dissertação; (3) relação entre os tempos do passado e a narração” (Castilho, 2014, p. 442)

Outro fator importante a ser levado em consideração, em conformidade com a GF, é a gramaticalização do verbo. É relevante recordar que a gramaticalização é

um conjunto de processos por que passa uma palavra, durante as quais (i) ela ganha novas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas e semânticas; (ii) transforma-se numa forma presa; (iii) e pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. O exemplo clássico é dado pela gramaticalização do verbo *haver* (Castilho, 2014, p. 138).

Para Castilho (2014, p. 398), “o fenômeno mais interessante na gramaticalização do verbo é sua migração de verbo pleno para verbo funcional e deste para verbo auxiliar”. A título de exemplificação, o autor apresenta o um sentenças do português brasileiro coloquial em que ocorre a gramaticalização entre o verbo *ter* e o verbo *estar*:

a) Eu **tive** lá (por eu estive lá) (Castilho, 2014, p. 397).

b) Eu **tive** estudando na sua casa (por eu estive estudando na sua casa) (Castilho, 2014, p.397).

Após a apresentação das definições do verbo segundo a GT, associada aos estudos de cunho formalista, e da GF, de vertente funcionalista, podemos observar que a gramática tradicional estabelece limites bem demarcados no que tange à categorização do verbo. Porém, por sua vez, a gramática funcionalista amplia essa acepção. Esta observa, além do papel sintático, o papel semântico e discursivo do verbo dentro do período; enquanto aquela ocupa-se em estudar e revelar exclusivamente os aspectos morfológico e sintático. Contudo, sabemos que esse

tipo de classificação não contempla tamanha complexidade da categoria estudada nesta pesquisa.

Na próxima seção, propomos uma discussão a respeito do processo de desenvolvimento da mente humana e sua plasticidade, ou seja, sua capacidade de transformação. Em paralelo, abordaremos acerca dos atalhos que a mente dos indivíduos constrói para levar o outro ao convencimento, intitulados por Cialdini (2021) de princípios psicológicos da persuasão.

2.4 O DESENVOLVIMENTO DA MENTE: AS MUDANÇAS DE MINDSET E OS PRINCÍPIOS DOS GATILHOS MENTAIS

A linguagem é parte essencial para a formação dos indivíduos em sociedade. É a partir dela que o ser humano entra em contato com o mundo e com os outros seres que nele habitam, com a finalidade de transformá-lo e adequá-lo às suas reais necessidades. Tomasello (2003, p. 07) afirma que “cada ser humano só é capaz de criar artefatos culturalmente significativos se receber, de outros seres humanos e de instituições sociais, um montante significativo de assistência” Ou seja, ele percebe similaridades entre ele e seus co-específicos, dado que estes possuem vidas mentais e intencionais iguais às deles. Partindo desta constatação, percebe-se que o ser humano necessita de (muitos) estímulos para gerar conhecimento e, assim, desenvolver suas habilidades e mudar sua mentalidade. Pode-se observar isso nas relações que estabelecem com seus pares desde o aparecimento dos primeiros habitantes terrestres, os *Australopithecus*, grandes macacos bípedes, há mais de seis milhões de anos.

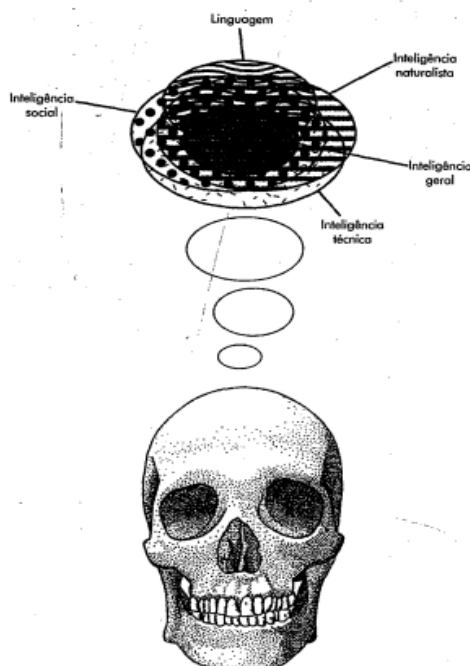
No primeiro momento do desenvolvimento das habilidades humanas foi necessária a evolução da estrutura corporal, ou seja, a elevação corporal dos primeiros homens arcaicos. Em seguida, o aperfeiçoamento do cérebro, como assevera Tomasello (2003). Com base nessas duas importantes transformações, os *Homo sapiens* puderam desenvolver habilidades cognitivas e, por consequência, manuais, mais aprimoradas do que as habilidades dos primeiros hominídeos. Conforme Tomasello (2003), devido às mudanças, os *Homo sapiens*

começaram a produzir uma pletera de novas ferramentas de pedra adaptadas a fins específicos, sendo que cada população da espécie criou sua própria “indústria” no uso das ferramentas - a ponto de algumas populações criarem coisas como processos computadorizados de manufatura. Começaram a usar símbolos para se comunicar e para estruturar sua vida social, incluindo não só símbolos linguísticos mas também símbolos artísticos na forma de pedras talhadas e pintura de cavernas - a ponto de algumas populações criarem coisas como linguagem escrita, dinheiro, notação matemática e arte. Inauguraram novos tipos de práticas e organizações sociais, do enterro cerimonioso dos mortos à domesticação de plantas e animais - a ponto de algumas populações criarem coisas como instituições religiosas, governamentais, educacionais e comerciais formalizadas (Tomasello, 2003, p. 02).

A partir da transformação mental e corporal dos antigos ancestrais pode-se perceber a importância destes para o desenvolvimento da humanidade, uma vez que antes estes produziram a arte, a religião e a ciência, como afirma Mithen (2002). Para esse autor, a construção da arquitetura mental humana pautada na passagem da mente especializada para a mente generalizada é fator primordial para entender sua evolução. Com o objetivo de comprovar seu pensamento, ele recorre às teorias da psicologia do desenvolvimento e desenvolve a teoria da história evolutiva da mente. Nela, Mithen (2002) postula que o processo de evolução da mente humana atravessou três fases importantes.

Ao se referir a primeira fase, Mithen (2002) declara que esta é composta por simples regras de aprendizagem geral, das quais os indivíduos utilizam-se para agir nos mais diferentes domínios. Sendo capaz de gerar pensamentos mais complexos, a segunda fase, em contrapartida, aponta para a criação dos domínios da inteligência da mente. Segundo a vertente científica, a mente dos indivíduos é capaz de fabricar utensílios (inteligência técnica), interagir socialmente (inteligência social) e produzir uma história natural (inteligência naturalista), entretanto, estas inteligências não interagem entre si. Assim sendo, percebe-se a construção cognitiva no modelo da teoria do canivete suíço, na qual a mente se organiza em áreas específicas para a solução de problemas, como podemos observar na imagem a seguir.

Figura 1: A mente do caçador-coleto moderno



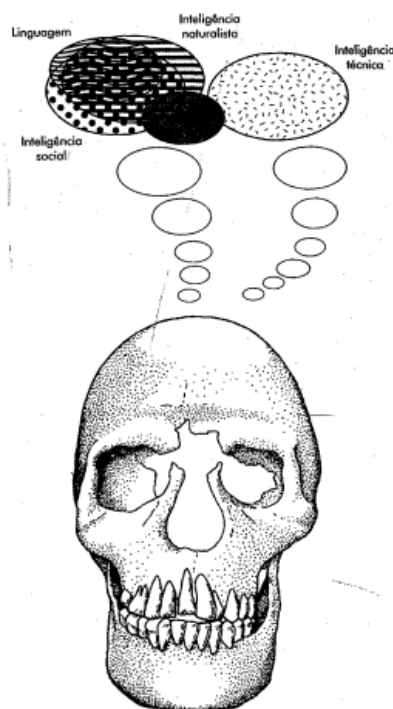
Fonte: Mithen, 2002, p. 250.

Ao mencionar a inteligência tecnicista, Mithen (2002, p. 260) menciona que ela surgiu com os humanos arcaicos, pois eles criavam “marcas ou objetos com formas preconcebidas”. No que diz respeito à inteligência social, o autor assevera que para se manter na sociedade, os indivíduos sempre fizeram uso da comunicação de forma intencional, principalmente por meio da linguagem falada. “A habilidade de atribuir significados a objetos ou marcas distantes de seus referentes” (Mithen, 2002, p. 261) faz parte do domínio da inteligência naturalista, que possibilita que o ser humano possa fazer inferências no mundo.

A terceira fase da evolução da mente proposta por Mithen é a da fluidez cognitiva. Por meio dessa fluidez da mente, “novas conexões entre os domínios das inteligências técnica, social e naturalista” (Mithen, 2002, p. 262) são criadas. Esses três processos cognitivos, que antes funcionavam isolados, passaram a funcionar juntos, concebendo um novo processo cognitivo, como nos apresenta o referido autor. A construção da mente do homem moderno se baseia nesta última fase, uma

vez que ela compreende o sujeito como ativo no processo do conhecimento. Tal aspecto pode ser observado na figura abaixo.

Figura 2: A primeira mente humana moderna



Fonte: Mithen, 2002, p.286.

Por esse prisma, podemos associar a evolução da cognição humana à teoria da mudança de mentalidade (*mindset*), ao passo que essas transformações possibilitaram uma nova forma dos indivíduos projetarem os pensamentos e agirem no mundo. Em sua obra “*Mindset: a nova psicologia do sucesso*” (2017), Dweck compreende os *mindsets* como crenças que os sujeitos possuem sobre si, consciente ou inconscientemente, que influenciam e norteiam nossa tomada de decisões para buscar atingir aquilo que desejamos ou não. Assim, essas crenças poderosas que habitam a mente possibilitam a mudança de pensamento sobre o sucesso e o fracasso. Conforme a autora, “quando adotamos um mindset, ingressamos num novo mundo” (Dweck, 2017, p. 23), sendo estes de características fixas ou de características mutáveis.

Num dos mundos, o fracasso está em encontrar uma adversidade. Tirar uma nota baixa. Perder um torneio. Ser despedido do trabalho. Ser rejeitado. Isso quer dizer que você não é inteligente nem talentoso. No outro

mundo, o fracasso significa não crescer. Não atingir as coisas que você dá valor. O que quer dizer que você não está realizando duas potencialidades (Dweck, 2017, p. 24).

Com base nesses dois mundos, a psicóloga apresenta-nos dois tipos de capacidade de pensar: o pensamento de *mindset* fixo e o de *mindset* de crescimento, que, se bem utilizados, são capazes de transformar a mente, visando o desenvolvimento das habilidades humanas.

Para a autora, o *mindset* fixo estabelece que as qualidades humanas são imutáveis, quer dizer, estáticas. Nesta perspectiva, pessoas que possuem o *mindset* fixo, em seu dia a dia, desvalorizam e menosprezam o esforço, além de temer todo e qualquer desafio que lhes é apresentado. Assim, elas preferem não correr riscos, para manter a alcunha de inteligentes, pois pessoas inteligentes são amigas íntimas do êxito, em conformidade com as ideias de Dweck. Com efeito, podemos, pois, atrelar essas características de pensamento às duas primeiras fases do processo de evolução da mente humana, já que nesses processos os indivíduos detinham certa resistência.

Por outro lado, o *mindset* de crescimento elabora uma proposta contrária. Pessoas nesse *mindset* são resilientes, pois são capazes “de se modificar e desenvolver por meio do esforço e da experiência” (Dweck, 2017, p. 15). Consequentemente, elas são mais flexíveis ao acolhimento do novo, pois o sucesso está atrelado ao desenvolvimento, que está ligado à inteligência. Diante disso, a referida autora afirma que

a paixão pela busca de seu desenvolvimento e por prosseguir nesse caminho, mesmo (e especialmente) quando não vão bem, é o marco distintivo do *mindset* de crescimento. Esse é o *mindset* que permite às pessoas prosperar em alguns dos momentos mais desafiadores de suas vidas (Dweck, 2017, p. 16).

Todavia, as verdadeiras competências dos indivíduos com essa mentalidade são desconhecidas, tendo em vista que a mola impulsionadora desse tipo de mentalidade, diferentemente do *mindset* que advoga a imutabilidade, é o desafio. “No *mindset* de crescimento, as pessoas não apenas buscam o desafio, mas prosperam com ele. Quanto maior o desafio, mais elas se desenvolvem” (Dweck, 2017, p. 29).

Diante da capacidade de resiliência mental abordada pelo mindset das qualidades mutáveis, evidenciamos que na fase do desenvolvimento cognitivo da fluidez da mente, os indivíduos apresentaram o mindset de crescimento. Mesmo que inconscientemente, assumiram riscos, enfrentaram desafios e continuaram se esforçando, em busca do desenvolvimento da espécie e o aperfeiçoamento das suas competências (Dweck, 2021).

Além dos fatores vistos até o momento, sendo estes físicos e mentais, Tomasello (2003) assegura a transmissão social e cultural como outro mecanismo responsável pelo desenvolvimento da espécie humana. Conforme o autor,

a transmissão cultural é um processo evolucionário razoavelmente comum que permite que cada organismo poupe muito tempo, para não falar de riscos, na exploração do conhecimento e das habilidades já existentes dos co-específicos (Tomasello, 2003, p. 4-5).

Desta maneira, ao considerar que ao longo do tempo os indivíduos foram levados a repetir as ações (construção de objetos ou de práticas sociais) produzidas pelos seus co-específicos, fica evidente sua importância no processo da construção do conhecimento. Contudo, de tanto repetir as ações, eles acabaram as modificando. A capacidade de transformar as coisas sem mudar a essência delas, intitulado por Tomasello (2003, p. 6) de “efeito catraca”, deve-se ao modelo da mente fluida apresentado por Mithen (2002). Essas repetições aperfeiçoadas da fabricação de objetos e de práticas sociais estabeleceram os processos de evolução cultural cumulativa que “exigem não só a invenção criativa mas também, e de modo igualmente importante, transmissão social confiável que possa funcionar como catraca para impedir resvalos para trás” (Tomasello, 2003, p. 6).

Os sujeitos (crianças, adultos, idosos, independente do gênero) se inter-relacionam e, por isso, percebem seus pares como seres mentais/intencionais iguais a eles. Pensando nisso, Tomasello (2003) concebe os processos de aprendizagem cultural humana, os quais são trazidos pela evolução da inteligência social dos sujeitos, sendo eles: aprendizagem por imitação, aprendizagem por instrução, e aprendizagem por colaboração. O novo modo do sujeito olhar para seus co-específicos

permite aos indivíduos imaginarem-se “na pele mental” de outra pessoa, de modo que não só aprendem do outro mas através do outro. Essa

compreensão dos outros como seres tão intencionais como si-mesmo é crucial na aprendizagem cultural humana, porque os artefatos culturais e a prática social - prototipicamente exemplificados pelo uso de ferramentas e de símbolos lingüísticos - apontam invariavelmente, para além deles mesmos, para outras entidades externas: ferramentas apontam para os problemas que elas foram feitas para resolver e símbolos lingüísticos apontam para as situações comunicativas que eles se destinam a representar (Tomasello, 2003, p. 7).

Por meio do novo modo de compreender seus pares, utilizando da linguagem, que desde os primórdios se revelou como elo de ligação entre ele e seus co-específicos, os sujeitos perceberam que eram capazes de

atribuir pensamentos, desejos e intenções a outras pessoas, pressupondo ou explicando suas ações ou intenções, interpretando suas emoções, ou seja, colocando-se mentalmente no lugar de outra pessoa. Essa capacidade, também denominada de empatia, tem como ponto principal a interpretação das intenções. A intenção é a determinação ou “gatilho” para a ação, consequentemente, para a linguagem que é uma atividade, essencialmente, cooperativa (Tomasello, 2010).

Assim, Bertoque (2018) defende o caráter social da linguagem, ao dizer que

ainda que haja neurônios que “provoquem” a imitação de um comportamento de linguagem, por exemplo, são as regularidades (os costumes) e as regras sociais (ditas ou não ditas) que determinarão sobre o agir e não o comportamento biológico. Logo, estamos afirmando que a ferramenta não é “objeto”, há um aparato biológico (ferramenta), mas a linguagem (objeto) em si é social (Bertoque, 2018, p. 288).

Diante dessa afirmação sustentada na consciência coletiva ou social, alicerçada principalmente na evolução do cérebro e da mente humana, apontamos mais uma vez para a habilidade dos indivíduos com a linguagem. De acordo com os estudos mais recentes da Neurociência, “a linguagem é estruturada em micro módulos que trocam informações dinamicamente entre os dois hemisférios cerebrais” (França, 2018). Da conexão entre essas duas áreas resultam as sinapses neurais, “que são transferências de informações geradas ou processadas entre os neurônios” (Bertoque, 2018, p. 283). As informações são lançadas no cérebro por meio de estímulos - *input* (entrada) e *output* (saída) - ou seja, informações, sons, sinais encontrados nos ambientes, como aponta a autora.

Como já mencionado, para estimular seus pares, os indivíduos fazem uso de recursos lingüísticos (textos verbais ou não-verbais; escrito ou falado; imagens, gestos). Por vezes, com a intenção de conseguir o “sim” do outro, visto que os

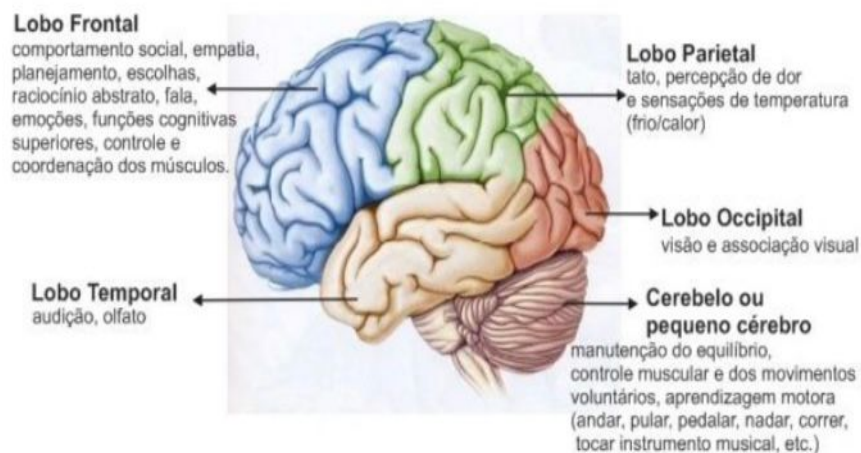
sujeitos são intencionalmente perspicazes, aplicamos estratégias mentais, que são recebidas pelo cérebro como “padrões de ação fixa” (Cialdini, 2021, p. 19). Nas palavras do autor:

Uma característica fundamental desses padrões é que os comportamentos que o compõem ocorrem da mesma maneira e na mesma ordem todas as vezes. É quase como se os padrões fossem instalados como programas animais. Quando uma situação pede um cortejo, o programa de cortejo é rodado; quando uma situação pede maternidade, o programa de comportamento maternal é rodado. *Clique*, e o programa apropriado é ativado; *rode*, e a sequência padrão de comportamento se desenrola (Cialdini, 2021, p. 19).

A psicologia social denomina essas estratégias de “princípios da influência” (Cialdini, 2021), ou melhor, gatilhos (atalhos) mentais, que são muito utilizados pelo marketing. Esses recursos psicológicos são muito empregados pelos sujeitos com o intuito de influenciar e, em razão disso, gerar mudanças nos outros (Cialdini, 2021, p. 15). Para isso, o dito influenciador emprega *inputs*, por meio de textos, músicas e imagens, que serão armazenados no cérebro, com o objetivo de persuadir os seus interlocutores, fazendo esses concordarem mecanicamente. Desse modo, percebe-se que esses princípios mentais interferem diretamente na tomada de decisões das pessoas que estão frente a eles.

Para as tomadas de decisões, complexo processo que dispõe de inúmeras facetas que envolvem a interação entre as regiões cerebrais e o processamento linguístico, é acionado no cérebro o córtex pré-frontal, localizado no lobo pré-frontal (região da testa). Essa região cognitiva é responsável por formar os planos, avaliar as consequências das ações e atitudes e executar as escolhas de modo consciente. Além dessa área cerebral, as regiões de Broca e Wernicke estão envolvidas na produção e compreensão da linguagem, pois favorecem a formação de argumentos e a avaliação das alternativas verbais e conceituais, aponta Bertoque (2018, 279). Importante por associar a linguagem e as emoções, o sistema límbico também desempenha importante papel no processamento da tomada de decisões. Assim, por meio do aparato cognitivo, podemos balancear os múltiplos fatores para tomar a melhor decisão em determinado contexto, deixando-nos ou não ser persuadidos. A seguir, na figura 3, podemos observar as categorias e as funcionalidades de regiões cerebrais (lobos):

Figura 3: Funções dos lobos cerebrais



Fonte: Bertoque, 2018, p. 278.

Arma utilizada por profissionais de diversos segmentos da sociedade, a persuasão se vale de princípios psicológicos fundamentais (os gatilhos mentais) que guiam o comportamento humano, sendo eles: a reciprocidade, a afeição, a aprovação social, a autoridade, a escassez, o compromisso e a coerência e, por fim, a unidade (Cialdini, 2021, p.15). Os princípios são considerados como

a capacidade de produzir um tipo distinto de influência automática nas pessoas: uma disposição para dizer “sim” sem parar para pensar primeiro. Os indícios sugerem que o ritmo e a pressão informacional da vida moderna vão tornar essa forma particular de concessão cada vez mais presente no futuro (Cialdini, 2021, p.15).

Em se tratando do princípio da reciprocidade, Cialdini (2021) o tem como um dos gatilhos mais potentes. Baseado nas ideias do arqueólogo Richard Leakey, o psicólogo afirma que é a regra da reciprocidade que nos confere a essência humana, porque desde os nossos ancestrais fomos ensinados a dividir o alimento e compartilhar as habilidades. Quando esse gatilho é acionado, o ser humano tende, obrigatoriamente, a retribuir o outro pelo que este lhe ofertou. Sendo assim, há uma espécie de dívida entre eles. Por ser uma regra tão relevante, o autor adverte:

Não se engane, as sociedades humanas obtêm uma vantagem competitiva significativa na regra da reciprocidade e, conseqüentemente, garantem que seus membros sejam treinados para segui-la. Cada um de nós aprendeu a respeitar essa regra desde a infância, e sabemos as sanções sociais e o desprezo direcionados aos que não a cumprem (Cialdini, 2021, p. 43).

A regra da afeição está atada às crenças e às emoções humanas. Portanto, de acordo com esse princípio, “somos mais influenciados por pessoas que gostamos - por exemplo, nossos amigos” (Cialdini, 2021, p. 88). Em consequência disso, inúmeras empresas e profissionais estrategicamente tornam-se “amigos” de seus clientes e dos amigos desses. No capítulo voltado para a regra da afeição, Cialdini (2021) lista os principais motivos pelo qual gostamos de alguém: atração física, semelhança, elogios, contato e cooperação, condicionamento e associação, e defesa.

Diariamente as pessoas são levadas a se guiar pelo olhar do outro. O gatilho da aprovação social constata que “para decidir no que acreditar ou como agir em uma situação, as pessoas tendem a observar o que os outros estão acreditando ou como estão agindo” (Cialdini, 2021, p. 209). Em consonância com as ideias do psicólogo, não é errado usar o comportamento dos outros para nos guiar, mas sim é visto como erro o usar dele automaticamente para que outras pessoas saiam ganhando em cima disso. Para a utilização desse princípio, o autor apresenta três condições: a incerteza, o número de adeptos e a semelhança.

A respeito do quarto gatilho, o princípio da autoridade, Cialdini (2021, p. 217) expõe que os sujeitos são orientados a obedecer às autoridades cegamente. Isto posto, percebe-se, pois, o intenso controle do comportamento humano por meio das pressões de alguém superior. De acordo com o autor, “as pessoas tendem a reagir à autoridade de forma automática como resposta aos meros símbolos da autoridade em vez de como resposta à natureza delas” (Cialdini, 2021, p. 249). Com isso, confere-se credibilidade aos indivíduos por seus títulos, roupas e paramentos como automóveis, como assevera o autor.

Com base na perda e na falta, o psicólogo postula a quinta arma da persuasão, a escassez. Para esse gatilho, quando as pessoas percebem que algo ou alguém é raro ou indisponível, elas não pensam na qualidade ou no preço, mas sim na privação. Cialdini (2021, p. 256) declara que “as pessoas parecem ser mais motivadas pela ideia de perder alguma coisa do que pela ideia de ganhar algo de valor igual”. As coisas mais difíceis de serem conquistadas aparentam ser mais valiosas, além disso, quando corremos o risco de perder algo/alguém, as pessoas fazem-se mais suscetíveis a essa estratégia. Nesta perspectiva, frases como “número limitado”, “prazo final”, “últimos exemplares” são táticas linguísticas utilizadas pelo marketing para engatilhar os sujeitos.

Outra arma de persuasão deveras importante apresentada no livro “As armas da persuasão 2.0” é o gatilho do compromisso e coerência. Nas palavras de Cialdini (2021), as pessoas tendem a querer parecer coerentes em suas palavras, crenças, posições e ações. Ao serem coerentes, estas reduzem a necessidade de processar as informações mais significativas em situações cotidianas semelhantes, visto que são comprometidas com suas atitudes anteriores. Sendo assim, a coerência está atrelada ao compromisso, pois “depois de assumir um compromisso, as pessoas ficam mais propensas a concordar com pedidos para manter o compromisso anterior” (Cialdini, 2021, p. 371). Por esse motivo, é de extrema importância assumir um compromisso (uma decisão inicial), que seja coeso, pois em uma outra situação, poderá ser cobrado do sujeito. Conforme assevera o autor, “nem todos os compromissos são igualmente eficazes na produção de ação futura coerente” (Cialdini, 2021, p. 371).

Finalmente, o autor nos revela o último princípio da influência, a unidade, tido como o mais novo gatilho mental. À medida que superamos “as pessoas entre as quais o pronome nós se aplica e aquelas às quais não se aplica” (Cialdini, 2021, p. 375), estamos ferindo esse princípio. O gatilho mental assevera que

aqueles que estão dentro dos limites do “nós” conseguem mais concordância, confiança, ajuda, afeição, cooperação, apoio emocional e perdão, e até são considerados mais criativos, morais e humanos. O favoritismo dentro do grupo não parece apenas ter um impacto de largo alcance na ação humana, mas também é primitivo, pois aparece em outros primatas e em crianças humanas e até bebês (Cialdini, 2021, p. 374).

Segundo o discurso acima, evidencia que “as pessoas tendem a dizer “sim” a alguém que consideram uma delas” (Cialdini, 2021, p. 374). Dessa maneira, a regra do princípio da unidade refere-se às identidades compartilhadas entre as pessoas. As identidades são entendidas como características que perpassam determinados grupos, e que servem como definir a si mesmos e aos outros, sendo elas: raça, etnia, nacionalidade, filiação familiar, política e religiosa. Essas categorias unem um sujeito aos seus co-específicos, ao transformar facilmente o “nós” em um eu compartilhado.

Graças ao avanço tecnológico, essas estratégias são facilmente observadas na internet por meio da venda de produtos ou divulgação de ideias. Com a finalidade de atrair os indivíduos e influenciar suas tomadas de decisão, representantes

comerciais, em suas redes de relacionamentos, professores que possuem canais educacionais na plataforma *YouTube* (sim, *edutubers*) e em outras redes sociais, entre outros profissionais que mobilizam esses atalhos mentais. Focando na esfera educacional, pois é o ponto crucial desta pesquisa, voltemo-nos o olhar para o *YouTube* e os *edutubers*, que nítida e corriqueiramente fazem uso desses mecanismos com o propósito de persuadir seus alunos, consumidores em potencial.

3 OS CAMINHOS DA PESQUISA: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, propomos apresentar os parâmetros utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. No momento embrionário desta pesquisa, realizamos um projeto-piloto, com o objetivo de fazer a curadoria de canais do *YouTube* do componente Língua Portuguesa. Em seguida, realizamos o estudo da arte, no intuito de constatar a relevância temática. Realizado, confirmamos sua pertinência, dada a escassez de estudos referentes à plataforma *YouTube* e o ensino de Língua Portuguesa. Assim, para conhecermos mais o *corpus*, acessamos a plataforma e buscamos visitar os canais de edutubers de Língua Portuguesa mais consumidos. Para isso, utilizamos o critério de que o canal precisava possuir mais de 50 mil (cinquenta mil) inscritos, dado que esse número, para nós, confirma a hipótese de que os canais são deveras procurados e revela a popularidade destes profissionais.

Depois de selecionados, analisamos os canais e as videoaulas dos edutubers para termos uma ideia do perfil pedagógico desses profissionais. Dentre os canais apreciados no primeiro momento, selecionamos sete, sendo eles: o canal do professor Noslen, seguido dos canais da professora Pamba, Português com Letícia, Gramática em vídeo: professor Fábio Alves, Pablo Jamilk, Português para desesperados: Carol Mendonça, Português para concurso, Diego Pureza e Caminhos da linguagem. A título de confirmar os dados expostos, adiante, disponibilizamos a sistematização das informações (Quadro 3).

Quadro 3: Canais do YouTube selecionados na fase primária da pesquisa

PROFESSOR	Nº DE INSCRITOS	O QUE ENSINA?	O QUE VENDE?
NOSLEN https://www.youtube.com/@ProfessorNoslen	4.550.000	GRAMÁTICA, LITERATURA E REDAÇÃO	CURSOS PARA CONCURSOS/ ENEM
PAMBA https://www.youtube.com/@ProfessoraPamba	2.110.000	GRAMÁTICA E REDAÇÃO	CURSOS PARA CONCURSOS E ENEM
PORTUGUÊS COM LETÍCIA https://www.youtube.com/@PortuguesComLeticia	952.000	GRAMÁTICA	CURSOS PARA CONCURSOS

e.com/@PortuguesComLeticia			
GRAMÁTICA EM VÍDEO – FÁBIO ALVES https://www.youtube.com/@professorfabioalves	534.000	GRAMÁTICA	CURSOS PARA CONCURSOS/ ENEM / REFORÇO ESCOLAR
PABLO JAMILK https://www.youtube.com/@PabloJamilk	561.000	GRAMÁTICA, LITERATURA E REDAÇÃO	CONCURSO PÚBLICO
PORTUGUÊS PARA DESESPERADOS - CAROL MENDONÇA https://www.youtube.com/@PortuguesParaDesesperados	141.000	GRAMÁTICA	CURSOS PARA CONCURSOS E ENEM
CAMINHOS DA LINGUAGEM - COM PROSA JÚNIOR https://www.youtube.com/@caminhosdalinguagem/featured	67.000	LINGUÍSTICA APLICADA	CURSOS PARA CONCURSOS

Fonte: o autor, abr., 2023.

Curiosamente, como será notado ao longo deste capítulo, dois dos oito canais educacionais anunciados no quadro acima, e que foram escolhidos para compor o *corpus* deste estudo, se revelaram como os mais consumidos pelos estudantes. Não obstante, dentre os outros canais, o terceiro selecionado, é de total desconhecimento dos alunos da educação básica.

3.1. Procedimentos metodológicos

Após muitos questionamentos acerca do uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação como recursos pedagógicos, buscamos esclarecer tal discussão. Como já se sabe, a temática é deveras relevante para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos educandos, pois estes fazem o uso dessas ferramentas, sobretudo das videoaulas dispostas na plataforma de vídeos

YouTube, para construir conhecimentos. Para o desenvolvimento desta pesquisa, recorreremos às metodologias qualitativa e aplicada. No que concerne à pesquisa qualitativa, ela se constrói como parte da realidade social dos indivíduos, “pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (Minayo, 2009, p. 21). Quanto aos seus dados gerados por essa abordagem metodológica, são retirados das situações sociais, e analisados de modo minucioso, “com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (Goldenberg, 2004, p. 53). Ainda segundo a autora citada, os “dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los” (Goldenberg, 2004, p. 53). Com relação à metodologia aplicada, Gil (2010) revela que este tipo de pesquisa abrange estudos elaborados com a finalidade de resolver problemas no âmbito das sociedades em que os pesquisadores vivem. O caráter desta pesquisa, ou seja, seus procedimentos técnicos, será documental e bibliográfico.

De acordo com Gil (2002), a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não foram analisados ou que ainda podem sofrer alterações. Neste tipo de estudo, as fontes são variadas, podendo ser encontradas em arquivos de instituições públicas ou privadas. Nas palavras do autor,

[...] a pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos “de primeira mão”, que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. De outro lado, há os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. (Gil, 2002, p. 46).

Em função do exposto, consideramos os formulários e as videoaulas da plataforma *YouTube* e os cadernos de prova do ENEM como fontes para a pesquisa, visto que são fontes ricas e estáveis de dados. Outro fator relevante para o desenvolvimento desta pesquisa é não ser necessário o contato com os sujeitos da pesquisa. Segundo Gil (2002, p. 46), “em muitos casos o contato com os sujeitos é difícil ou até mesmo impossível. Em outros, a informação proporcionada pelos sujeitos é prejudicada pelas circunstâncias que envolvem o contato”.

No início, utilizamos os dados gerados por formulários elaborados por nós na plataforma *google forms* e disponibilizados no *website* “Revelando a língua”, do professor Thiago Nascimento. Ressaltamos que os dados dos sujeitos que responderam aos questionários não serão revelados, uma vez que eles foram anonimizados, ou seja, no preenchimento, não coletamos os dados dos participantes. Conforme a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), “a anonimização é uma técnica de processamento de dados que remove ou modifica informações que possam identificar a pessoa, garantindo sua desvinculação” (Brasil, 2020, *on-line*).

A fim de disponibilizar materiais didáticos que auxiliassem os alunos no desenvolvimento das suas habilidades e competências, o *website* surgiu durante a pandemia da Covid-19, período em que todo o mundo precisou se reinventar, com o distanciamento físico das pessoas e o fechamento das instituições. Por esse motivo, as escolas foram obrigadas a fechar as portas e os laços que estavam sendo construídos, porque era início de ano, precisou ser interrompido abruptamente. Pedagogicamente, no início, os educandos foram prejudicados, tendo em vista que passaram meses sem aulas, tudo em face de preservar a vida. Tempos depois, as escolas foram instadas a oferecer o auxílio pedagógico aos alunos, visando à garantia da aprendizagem deles. Assim, com muita dificuldade e rejeição por parte de alguns, as TDIC ganham força na educação brasileira. No entanto, sabe-se que nem todos os estudantes tiveram a oportunidade de utilizá-las, visto que o acesso às redes e às tecnologias é desigual no país. Como já mencionado, é nesse cenário que surge a ideia do *website*. A principal proposta dele é se beneficiar da tecnologia para desenvolver as aprendizagens dos educandos. Nele, pode-se encontrar vídeos explicando e esclarecendo conteúdos do componente curricular Língua Portuguesa, tanto de produção própria quanto de edutubers diversos; dicas de leitura e de gramática, quiz, questionários sobre conteúdos etc.. A seguir, observamos a imagem da interface do site.

Figura 4: Interface do website “Revelando a língua”



Fonte: o autor, jul., 2024.

O primeiro formulário intitulado “Revelando o uso das redes sociais e do *YouTube* no ambiente educacional” contava com questões a respeito do uso das TDIC no ambiente escolar. Nele, os educandos que fizessem uso do site poderiam deixar suas impressões acerca da temática, revelando suas preferências em relação a quais redes eles mais utilizam para adquirir conhecimentos pedagógicos. As perguntas foram as seguintes:

Tabela 1: Formulário sobre o uso das redes sociais e do *YouTube*

REVELANDO O USO DAS REDES SOCIAIS E DO YOUTUBE NO AMBIENTE EDUCACIONAL
1) Quais as ferramentas digitais você mais acessa na internet? Você pode escolher mais de uma opção. • Ebook • Bookgram • Audiolivro • Podcast • Fanfiction • Facebook • Blog • Vlog • Jogos • Gif • Meme • Jornal

● Instagram ● Pinterest ● Facebook ● YouTube ● X (Twitter)
2) Qual é o principal motivo pelo qual você usa as redes sociais? ● Manter contato com amigos. ● Assistir a vídeos educacionais. ● Compartilhar materiais de estudo. ● Seguir celebridades e influenciadores.
3) Em relação ao uso das tecnologias digitais como ferramentas na escola, você concorda que elas podem ser boas aliadas? ● Sim ● Não
4) Atualmente, percebemos cada vez mais a inserção das redes sociais como parte das ferramentas usadas em sala de aula. Das plataformas abaixo, qual você mais utiliza para estudar. ● Instagram ● Tik Tok ● YouTube ● Facebook ● X (Twitter) ● WhatsApp ● Pinterest ● LinkedIn
5) Na Plataforma de vídeos Youtube, você costuma acessar algum canal para assistir videoaulas de Língua Portuguesa? ● Sim ● Não
6) Com qual frequência você assiste às videoaulas? ● Sempre. ● Às vezes. ● Nunca.
7) Qual (is) o (s) canal (is) ou professores mais visualizados por você no Youtube? (ABERTA)

8) Na Plataforma Instagram, você costuma acessar algum perfil de dicas de língua portuguesa? • Sim • Não
9) Com qual frequência você consome esse tipo de conteúdo? • Sempre • Às vezes • Nunca
10) Qual (is) o (s) canal (is) ou professores mais visualizados por você na plataforma Instagram? (ABERTA)
11) Por qual motivo você busca as videoaulas? • Por não conseguir compreender o conteúdo ministrado pelo professor em sala de aula. • Para complementar o conteúdo estudado em sala de aula. • Para estudar para as avaliações. • Para fixar o conteúdo ministrado em sala de aula.
12) Qual é a importância do uso das redes sociais para o desenvolvimento do pensamento crítico entre os educandos? • Acesso a diferentes pontos de vista e discussões. • Suscitar a divulgação de conteúdo sem verificação de fontes. • Aumento do número de seguidores. • Compartilhamento de memes e piadas.

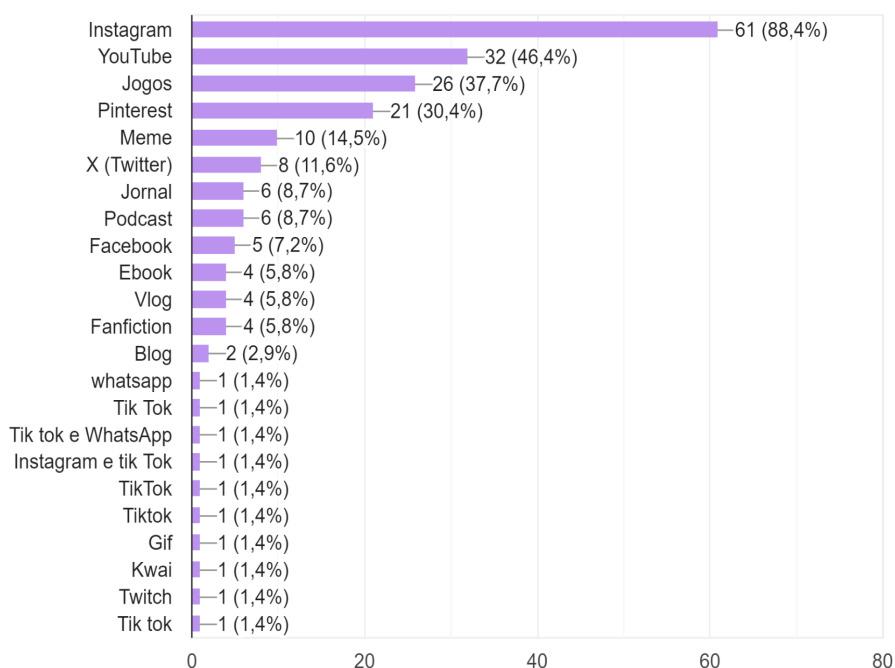
Fonte: o autor, fev., 2024.

A partir da observação e análise deste formulário, observamos que os educandos avaliam positivamente a inserção das ferramentas digitais no contexto educacional, pois fazem parte do seu dia a dia, podendo ser observado no gráfico 1. Para a maioria dos pesquisados, os recursos tecnológicos são considerados aliados no processo de ensino-aprendizagem. (Gráfico 2).

Gráfico 1: Ferramentas digitais mais consumidas pelos educandos

Quais as ferramentas digitais você mais acessa na internet? (Você pode escolher mais de uma opção)

69 respostas

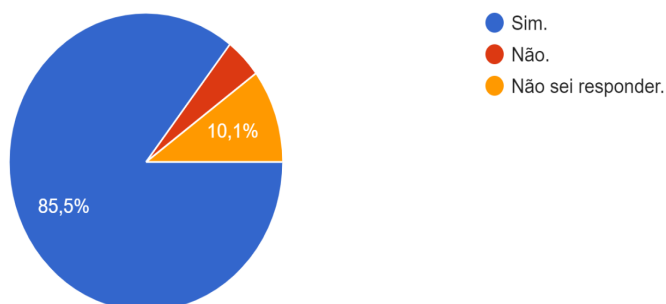


Fonte: o autor, jul., 2024.

Gráfico 2: Tecnologias como instrumentos pedagógicos

Em relação ao uso das tecnologias digitais como ferramentas na escola, você concorda que elas podem ser boas aliadas?

69 respostas



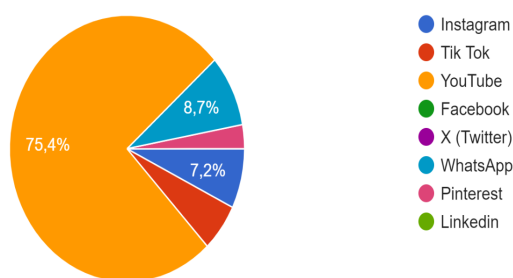
Fonte: o autor, jul., 2024.

Constatamos também a relevância de tomar as videoaulas de Língua Portuguesa da plataforma *YouTube* como *corpus* do nosso estudo. O formulário apontou para a grande utilização da plataforma pelos educandos da educação básica, como podemos observar no gráfico a seguir:

Gráfico 3: O *YouTube* e sua relevância no processo da aprendizagem

Atualmente, percebemos cada vez mais a inserção das redes sociais como parte das ferramentas usadas em sala de aula. Das plataformas abaixo, qual você mais utiliza para estudar.

69 respostas



Fonte: o autor, jul., 2024.

Como resposta à pergunta que versa sobre o motivo da busca da plataforma citada, os números apresentados pelo gráfico abaixo demonstram que os resultados apresentaram valores muito próximos, o que comprova que os discentes respondentes, por vezes, fazem uso desse tipo de conteúdo, sobretudo, para compreender o conteúdo exposto pelo professor durante as aulas e para estudar para as avaliações, mas também para complementar seus conhecimentos e fixar o conteúdo ministrado em sala de aula.

Gráfico 4: Motivação da busca dos canais da plataforma *YouTube*

Por qual motivo você busca as videoaulas de língua portuguesa dos canais da plataforma *YouTube*?

69 respostas



Fonte: o autor, jul., 2024.

Além das informações acima, o formulário nos revelou os nomes dos canais da plataforma *YouTube* e dos seus respectivos proprietários, os edutubers, mais visualizados pelos estudantes. De acordo com as respostas coletadas, os canais mais consumidos são: professor Noslen, Português sem enrolação, Português com Letícia, Professora Pamba. Contudo, diante dos nomes evidenciados, selecionamos dois canais apresentados pelo formulário. O critério de escolha deu-se pelo número de inscritos no canal da plataforma *YouTube*, no mínimo 50 mil inscritos. Esse critério nos revela o nível de popularidade desses profissionais na plataforma analisada. No caso de dois canais (Pamba e Noslen) elegidos para compor nosso *corpus*, estes possuem mais de 1 milhão de assinantes, fazendo dos seus canais os mais buscados. Para contrastar com os canais que possuem maior número de inscritos, que possuem didática e metodologia semelhantes, selecionamos o canal Caminhos da linguagem, do professor Prosa Júnior, que trilha outra abordagem pedagógica.

Para a seleção, acessamos a plataforma *YouTube* e pusemos as entradas [aulas de português]; [língua portuguesa]; [professor noslen]; [professora pamba]; [caminhos da linguagem]. Desse modo, para esta pesquisa, selecionamos os seguintes canais:

Quadro 4: Dados dos canais selecionados para a pesquisa

Nome do canal	Edutuber /responsável	Número de inscritos	Número de vídeos	Eixos que lecionam	Público-alvo	Acesso em:
Professor Noslen	Professor Noslen	4,96 mi	976	Gramática, Redação e Literatura	Concurseiro, alunos da educação básica com foco no ENEM.	05 de ago. de 2024
Professora Pamba	Professora Pamba	2,52 mi	641	Gramática, Redação e Literatura	Concurseiro, alunos da educação básica com foco no ENEM.	05 de ago. de 2024
Caminhos da linguagem	Prosa Júnior	74,4 mil	455	Leitura, Produção de textos, Gramática, Análise linguística,	Estudantes da educação básica e superior.	05 de ago. de 2024

				Arte.		
--	--	--	--	-------	--	--

Fonte: o autor, ag., 2024.

O passo seguinte foi a busca pelo nosso objeto de pesquisa. Para esse propósito, decidimos levantar as provas de Linguagens do ENEM da última década (de 2014 a 2023), com o intuito de coletar os dados necessários. Primeiramente, buscamos os cadernos de aplicação das provas de Linguagens, códigos e suas tecnologias. Em seguida, analisamos todas as questões de Linguagens, levando em consideração quais os conteúdos de Língua Portuguesa apareciam com mais frequência. Dentre tantos assuntos, interpretação de gêneros discursivos diversos, figuras de linguagem, variação linguística, literatura, elementos coesivos, percebemos a recorrência das questões voltadas para a categoria gramatical do verbo. Na prova, o conteúdo é abordado pelo viés da análise linguística, que tem por base a linguística funcional. Com isso, nosso objetivo era possuir material para confrontar o ensino de língua ofertado pelos edutubers com o que pragmaticamente é cobrado no exame. Em breve, nas subseções 3.1.1 e 3.1.2, detalharemos mais sobre o processo da coleta das provas do ENEM.

Após a escolha do objeto de pesquisa, os verbos, voltamos aos canais dos edutubers selecionados para observar suas aulas sobre a classe gramatical. Assim, separamos os vídeos a seguir para análise:

Quadro 5: Videoaulas selecionadas dos canais educacionais

Nome do canal/ <i>Edutuber</i>	Título do vídeo e duração	Número de visualizações + data de publicação	Link da plataforma	Data de acesso
Professor Noslen	Verbo - Aula 1 (12 min e 18 s.)	4.7000.000 visualizações 20 de jun. de 2016	https://www.youtube.com/watch?v=T8MB4vzTAv4&t=1s	13 de ago. de 2024
Professor Noslen	Verbo - Aula 2 (13 min e 17 s.)	2.667.548 visualizações 27 de jun. de 2016	https://www.youtube.com/watch?v=vvXx5hGeqKA&t=654s	13 de ago. de 2024
Professor Noslen	Vozes verbais (11 min e 04 s.)	2.698.063 visualizações 3	https://www.youtube.com/watch?	13 de ago. de 2024

		de jul. de 2017	v=GjbZMa0UmoE	
Professor Noslen	Sintaxe dos verbos (07 min e 46 s.)	2.381.706 visualizações 25 de jul. de 2016	https://www.youtube.com/watch?v=uPoNVpFf4FQ	13 de ago. de 2024
Professora Pamba	Verbos: verbo de ação (06 min e 31 s.)	194.122 visualizações 27 de abr. de 2019	https://www.youtube.com/watch?v=Xf-lfxjJzms&t=295s	13 de ago. de 2024
Professora Pamba	Verbos de ligação: tipos de verbos (9 min e 45 s.)	478.985 visualizações 19 de jan. de 2019	https://www.youtube.com/watch?v=s6Cljc2xsy4	13 de ago. de 2024
Professora Pamba	Vozes verbais: voz ativa, voz passiva e voz reflexiva (23 min e 16 s.)	628.393 visualizações 13 de jul. de 2020	https://www.youtube.com/watch?v=_eXmEYLHM5c&list=PLPwuAOI5BHi-VOGXoD8Yt5hvpbVADRTpA&index=11	13 de ago. de 2024
Professora Pamba	Modos verbais: infinitivo, subjuntivo e imperativo (11 min e 58 s.)	1.165.000 visualizações 5 de jan. de 2021	https://www.youtube.com/watch?v=pKEcyl_QDHc&list=PLPwuAOI5BHi-VOGXoD8Yt5hvpbVADRTpA&index=11	13 de ago. de 2024
Caminhos da linguagem (Prosa Júnior)	Como fazer um bom estudo do verbo (09 min e 27 s.)	1.103 visualizações 6 de set. de 2018	https://www.youtube.com/watch?v=L5e0iFw9nPg&t=7s	13 de ago. de 2024
Caminhos da linguagem (Prosa Júnior)	Como estudar o presente (09 min e 34 s.)	431 visualizações 13 de set. de 2018	https://www.youtube.com/watch?v=M9_Kgg90sCU&list=PLRgO3LhkamNclovxShq_bsvFONaAiLFQA&index=6	13 de ago. de 2024
Caminhos da linguagem (Professor Prosa Júnior)	Como estudar o passado verbal (06 min e 17 s.)	189 visualizações 20 de set. de 2018	https://www.youtube.com/watch?v=0PHd1LcwFbw&list=PLRgO3LhkamNclovxSh	13 de ago. de 2024

			q_bsvFONaAiL FAQ&index=6	
Caminhos da linguagem (Professor Prosa Júnior)	Como estudar o futuro (06 min e 44 s.)	142 visualizações 27 de set. de 2018	https://www.youtube.com/watch?v=cTHtj8qxWRA&list=PLRgO3LhkamNclovxShq_bsvFONaAiLFAQ&index=7	13 de ago. de 2024

Fonte: o autor, ag., 2024.

Após a seleção dos vídeos, fizemos uso do *software YouTube Scribe* (a partir agora *YTScribe*) para realizar a transcrição das videoaulas que nos serviriam de objeto de análise. O *YTScribe* é uma ferramenta/extensão elaborada pela plataforma Google que serve para transcrever vídeos da plataforma *YouTube*.

Momentos depois, utilizamos mais uma vez do *website* “Revelando a língua” para divulgar um novo formulário. Neste, elaboramos questões acerca do ensino da categoria do verbo na perspectiva funcionalista. Entre elas, adicionamos a questão 101 do ENEM de 2015, considerada nível médio de dificuldade por nós. Abaixo, seguem as questões do formulário para serem observadas:

Quadro 6: Formulário sobre os conhecimentos gramaticais: verbos

VERBOS
1) Leia as orações abaixo e assinale a alternativa que possui verbo. • Que dia magnífico. • Bom dia a todos. • Trabalho digno desse homem. • Vendo sua mãe entretida.
2) Você teve dúvida para responder a questão acima? Se sim, qual a sua dificuldade?
3) Analise a sentença e classifique a palavra destacada. <u>Cozinha</u> digna desse chefe. A palavra destacada é um: • advérbio • adjetivo • verbo • substantivo

4) Você teve dúvida para responder a questão acima? Se sim, qual a sua dificuldade?
5) Na frase: “para ocultar a verdadeira origem.” a palavra sublinhada estabelece: • um estado. • um processo. • uma ação. • um fenômeno.
6) Você teve dúvida para responder a questão acima? Se sim, qual a sua dificuldade?
7) (ENEM-2015) Leia e observe o cartaz abaixo. A rapidez é destacada como uma das qualidades do serviço humano, funcionando como estratégia de persuasão em relação ao consumidor do mercado gráfico. O recurso da linguagem verbal que contribui para esse destaque é o emprego: • do termo "fácil" no início do anúncio, com foco no processo. • de adjetivos que valorizam a nitidez da impressão. • das formas verbais no futuro e no pretérito, em sequência. • da expressão intensificadora "menos do que" associada à qualidade. • da locução "do mundo" associada a "melhor", que quantifica a ação.
8) Você teve dúvida para responder à questão acima? Se sim, qual a sua dificuldade?

Fonte: o autor, ag., 2024.

Concomitante à aplicação do formulário de pesquisa, realizamos uma revisão bibliográfica que, como assevera Gil (2002, p.44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” Diante disso, por serem considerados “fontes bibliográficas por excelência” (Gil,

2022, p. 45), selecionamos algumas gramáticas, umas de natureza normativista, sendo elas: a “Gramática metódica da língua portuguesa” (1961), de Napoleão Mendes de Almeida; “Gramática normativa da língua portuguesa” (2011), Rocha Lima; “Moderna gramática portuguesa” (2009), produzida por Evanildo Bechara; a “Novíssima gramática da língua portuguesa” (2009), de Domingos Paschoal Cegalla; e a “Nova gramática do português contemporâneo” (2017), elaborada por Celso Cunha e Lindley Cintra. Além dessas, outras de cunho funcionalista: “Gramática do português revelada em textos” (2018) e “Gramática de usos do português” (2000), ambas de autoria de Maria Helena de Moura Neves; e a “Nova gramática do português brasileiro” (2014), de Ataliba de Castilho. A partir desses documentos, consideramos, pois, as definições da categoria em estudo e os aspectos gramaticais elaborados pelos gramáticos.

Na próxima subseção, iremos discorrer a respeito do processo da coleta dos dados da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), apresentando informações quanto ao contexto histórico da avaliação e as possíveis mudanças ocorridas especificamente no caderno que contém o exame de Linguagens.

3.1.1 Um breve histórico do ENEM

Concebido nos anos 90, mais especificamente no ano de 1998, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) tinha como objetivo avaliar a aprendizagem dos discentes do ensino médio de todo o território brasileiro. Para mais, visava a melhoria do currículo pedagógico desse segmento através dos documentos oficiais, à época os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). Neste ano, foram aplicadas 63 questões em um dia de prova.

Com o passar do tempo, além de analisar e qualificar o desenvolvimento dos alunos da última etapa do ensino básico, a avaliação foi elevada à principal porta de entrada para as universidades brasileiras, não a única. Isso ocorreu no ano de 2004, no decorrer do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com a instituição do ProUni (Programa Universidade para Todos). Em 2009, com a criação do SISU (Sistema de Seleção Unificada), o exame ganhou um novo formato. A primeira mudança, a prova passou a ser aplicada em dois dias; a segunda, o aumento do número de questões objetivas, de 63 para 180, sendo elas: 45 questões referentes a

cada área de conhecimento e uma redação, que se fez presente desde a implementação do exame. Já em 2013, o ENEM transformou-se em único meio de ingressar nas universidades públicas brasileiras. Neste ano, “pela primeira vez, quase todas as instituições federais adotaram o Exame como critério de seleção.” (Inep, 2020). No tocante à prova de linguagens, códigos e suas tecnologias, ela acontecia no segundo dia de avaliação, juntamente com as provas de redação e matemática e suas tecnologias.

No ano de 2017 novas mudanças ocorreram na aplicação do exame. Nesse ano, a prova de linguagens não mais aconteceu no segundo dia de aplicação, e sim no primeiro dia. Outra alteração se deu na formatação do caderno, que nos anteriores, apresentava a prova de Linguagens no mesmo caderno que a prova de Matemática e suas tecnologias. Entretanto, em 2017, apareceu no caderno em que constavam as questões de Ciências Humanas e suas tecnologias, como se mantém até os dias atuais. Ademais, a proposta de redação que anteriormente localizava-se no início do caderno de prova, a partir desse ano, passou ao meio do caderno.

Na prova de redação, as propostas versam sobre temáticas atuais nacional e mundialmente. Elas vêm acompanhadas de textos motivadores de diversos gêneros discursivos, que devem ser lidos, compreendidos e interpretados pelos estudantes para que estes compreendam bem a proposta e, em seguida, produzam um texto dissertativo-argumentativo. No final do texto, após a defesa da tese, o discente obrigatoriamente precisa construir uma proposta de intervenção detalhada e articulada com a temática apresentada. A produção é avaliada de acordo com as cinco competências expressas na matriz de referência, que valem de 0 (zero) a 200 (duzentos) pontos, totalizando, ao final, 1.000 (mil) pontos, são eles:

Figura 5: Critérios de avaliação da redação do ENEM

Competência I	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
Competência II	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência III	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência IV	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência V	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Fonte: A redação do Enem 2023: cartilha do participante. Brasília, 2023.

Posterior à apresentação histórica e estrutural do exame, na próxima subseção, aludiremos sinteticamente sobre o tratamento dispensado às questões da prova de linguagens, códigos e suas tecnologias, principalmente em relação ao trato com as questões gramaticais durante a última década. Além disso, exporemos os itens encontrados sobre a classe gramatical verbo.

3.1.2 A prova de linguagens do ENEM e a categoria gramatical verbo: a coleta dos dados

A prova de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM apresenta 45 questões de múltipla escolha que versam sobre as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa (Análise linguística e interpretação textual), Literatura, Arte, Educação Física, Língua Estrangeira (Inglês ou Espanhol) e Tecnologias da Informação e Comunicação. Todas as questões do exame são pautadas no trabalho com os gêneros textuais, tendo em vista que este está alinhado ao que está proposto nos documentos oficiais. Outra particularidade do exame é trazer questões que unem disciplinas do mesmo campo de atuação, atribuindo à prova um caráter interdisciplinar. Nos primeiros anos do exame, as questões de gramática eram extremamente gramatigueiras, a qual utilizava do texto como pretexto para a resolução da questão. Sendo assim, sua abordagem era tradicional, como podemos observar na imagem abaixo.

Figura 6: Primeira questão da prova do ENEM de 1999 (caderno amarelo)

01	SONETO DE FIDELIDADE <i>De tudo ao meu amor serei atento Antes e com tal zelo, e sempre, e tanto Que mesmo em face do maior encanto Dele se encante mais meu pensamento.</i> <i>Quero vivê-lo em cada vão momento E em seu louvor hei de espalhar meu canto E rir meu riso e derramar meu pranto Ao seu pesar ou ao seu contentamento.</i> <i>E assim, quando mais tarde me procure Quem sabe a morte, angústia de quem vive Quem sabe a solidão, fim de quem ama.</i> <i>Eu possa me dizer do amor (que tive): Que não seja imortal, posto que é chama Mas que seja infinito enquanto dure.</i> (MORAES, Vinícius de. <i>Antologia poética</i>. São Paulo: Cia das Letras, 1992) A palavra mesmo pode assumir diferentes significados, de acordo com a sua função na frase. Assinale a alternativa em que o sentido de mesmo equivale ao que se verifica no 3º. verso da 1ª. estrofe do poema de Vinícius de Moraes. (A) "Pai, para onde fores, / irei também trilhando as mesmas ruas..." (Augusto dos Anjos) (B) "Agora, como outrora, há aqui o mesmo contraste da vida interior, que é modesta, com a exterior, que é ruidosa." (Machado de Assis) (C) "Havia o mal, profundo e persistente, para o qual o remédio não surtiu efeito, mesmo em doses variáveis." (Raimundo Faoro) (D) "Mas, olhe cá, Mana Glória, há mesmo necessidade de fazê-lo padre?" (Machado de Assis) (E) "Vamos de qualquer maneira, mas vamos mesmo." (Aurélio)
----	---

Fonte: INEP, 1999.

Opondo-se à abordagem da questão acima, observamos inúmeras modificações quanto ao trato das questões sobre gramática, ou melhor, “Análise Linguística” na elaboração das questões de provas atuais. Essas questões são reflexivas e necessitam que os estudantes articulem conhecimentos de diversas áreas do conhecimento para a sua resolução.

Figura 7: Questão 103 do caderno de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM de 2015 (caderno amarelo)

QUESTÃO 103 ◇◇◇◇◇

Em junho de 1913, embarquei para a Europa a fim de me tratar num sanatório suíço. Escolhi o de Clavadel, perto de Davos-Platz, porque a respeito dele me falara João Luso, que ali passara um inverno com a senhora. Mais tarde vim a saber que antes de existir no lugar um sanatório, lá estivera por algum tempo Antônio Nobre. “Ao cair das folhas”, um de seus mais belos sonetos, talvez o meu predileto, está datado de “Clavadel, outubro, 1895”. Fiquei na Suíça até outubro de 1914.

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

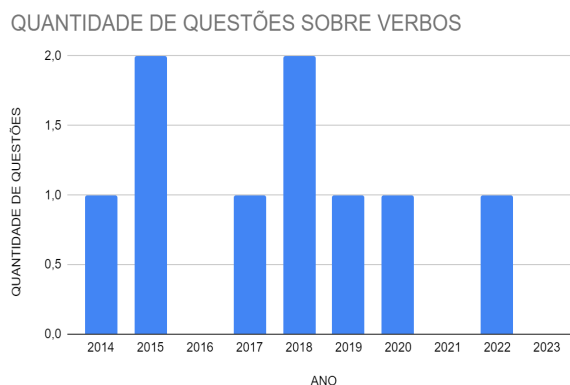
No relato de memórias do autor, entre os recursos usados para organizar a sequência dos eventos narrados, destaca-se a

- A construção de frases curtas a fim de conferir dinamicidade ao texto.
- B presença de advérbios de lugar para indicar a progressão dos fatos.
- C alternância de tempos do pretérito para ordenar os acontecimentos.
- D inclusão de enunciados com comentários e avaliações pessoais.
- E alusão a pessoas marcantes na trajetória de vida do escritor.

Fonte: INEP, 2015.

No tocante às provas analisadas para esta pesquisa, dos anos de 2014 a 2023, constatamos que as questões referentes à categoria gramatical do verbo se faziam presentes na prova de linguagens de quase todos os anos. Abaixo, apresentamos um gráfico contendo o número de questões encontradas.

Gráfico 5: Gráfico com as quantidades de questões sobre verbos encontradas nas provas do enem de 2014 a 2023



Fonte: o autor, mai., 2024.

A título de exemplificação, no ano de 2014, a questão 120 do caderno amarelo trazia um texto intitulado como “E se a água potável acabar? O que aconteceria se a água potável do mundo acabasse?”, seguido do comando da questão “A língua portuguesa dispõe de vários recursos para indicar a atitude do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado. No início do texto, o verbo **dever** contribui para expressar?”. Para a resolução desta questão, além de identificar o verbo mencionado, o aluno necessitaria refletir sobre o funcionamento da língua. Vejamos abaixo:

Figura 8: Questão 120 do caderno de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM de 2014 (caderno amarelo)

QUESTÃO 120 =====

E se a água potável acabar? O que aconteceria se a água potável do mundo acabasse?

As teorias mais pessimistas dizem que a água potável deve acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes por semana. Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você, imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne. Mas, não é só ela que faltará. A Região Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no país, a agricultura e a agropecuária são, hoje, as maiores consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.

Disponível em: <http://super.abril.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2012.

A língua portuguesa dispõe de vários recursos para indicar a atitude do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado. No início do texto, o verbo “dever” contribui para expressar

- A** uma constatação sobre como as pessoas administram os recursos hídricos.
- B** a habilidade das comunidades em lidar com problemas ambientais contemporâneos.
- C** a capacidade humana de substituir recursos naturais renováveis.
- D** uma previsão trágica a respeito das fontes de água potável.
- E** uma situação ficcional com base na realidade ambiental brasileira.

Fonte: INEP, 2014.

Outro exemplo, a citar, encontra-se na prova de 2022. O item 18 da referida prova apresenta um excerto do livro “Fim”, de autoria de Fernanda Torres. Em seguida, o comando: “O recurso que caracteriza a organização estrutural desse texto é o(a)?”. A questão suscita que o educando perceba que as mudanças dos eventos ocorrem por meio do jogo temporal proporcionado pelo uso da categoria gramatical do verbo. Observe a seguir:

Figura 9: Questão 108 do caderno de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM de 2022 (caderno azul)

QUESTÃO 18

Morte lenta ao luso infame que inventou a calçada portuguesa. Maldito D. Manuel I e sua corja de tenentes Eusébios. Quadrados de pedregulho irregular socados à mão. À mão! É claro que ia soltar, ninguém reparou que ia soltar? Branco, preto, branco, preto, as ondas do mar de Copacabana. De que me servem as ondas do mar de Copacabana? Me deem chão liso, sem protuberâncias calcárias. Mosaico estúpido. Mania de mosaico. Joga concreto em cima e aplaina. Buraco, cratera, pedra solta, bueiro-bomba. Depois dos setenta, a vida se transforma numa interminável corrida de obstáculos. A queda é a maior ameaça para o idoso. "Idoso", palavra odienta. Pior, só "terceira idade". A queda separa a velhice da senilidade extrema. O tombo destrói a cadeia que liga a cabeça aos pés. Adeus, corpo. Em casa, vou de corrimão em corrimão, tateio móveis e paredes, e tomo banho sentado. Da poltrona para a janela, da janela para a cama, da cama para a poltrona, da poltrona para a janela. Olha aí, outra vez, a pedrinha traiçoeira atrás de me pegar. Um dia eu caio, hoje não.

TORRES, F. *Fim*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

O recurso que caracteriza a organização estrutural desse texto é o(a)

- ☐ A justaposição de sequências verbais e nominais.
- ☐ B mudança de eventos resultante do jogo temporal.
- ☐ C uso de adjetivos qualificativos na descrição do cenário.
- ☐ D encadeamento semântico pelo uso de substantivos sinônimos.
- ☐ E inter-relação entre orações por elementos linguísticos lógicos.

Fonte: INEP, 2022.

Além do conteúdo em questão, referentes aos usos da língua, outros foram contemplados, tais quais: formação das palavras, vícios de linguagem, polissemia, funções da linguagem, figuras de linguagem, estratégias argumentativas, variação linguística. Tais conteúdos são frequentemente utilizados na elaboração dos itens avaliativos.

Os conteúdos gramaticais empregados no exame são ministrados em todas as salas de aula do país, sendo elas físicas ou virtuais. Nas aulas, os docentes buscam uma metodologia que garanta a aprendizagem dos discentes de modo que estes construam saberes efetivos, como é o caso dos *edutubers* apresentados a seguir.

3.2 APRESENTAÇÃO DOS EDUTUBERS E DAS SUAS REDES SOCIAIS

Os professores multiplataformas selecionados, sem dúvida, possuem grande relevância para a educação, pois os estudantes, independentemente do nível de

ensino, buscam seus canais educacionais para adquirir conhecimentos acerca dos conteúdos linguísticos. À proporção que os estudantes consomem, o quantitativo de inscritos nos canais aumentam. Os docentes mencionados a seguir possuem grande número de inscritos, o que demonstra sua popularidade entre os consumidores de seus conteúdos.

O primeiro *edutuber*, Noslen Borges, é proprietário do canal “Professor Noslen” e do *website* “Clube do Noslen”, onde oferece cursos e materiais de língua portuguesa voltados a alunos que pretendem se submeter a prova do ENEM, diversos vestibulares e/ou concurso público. O docente é formado em Licenciatura em Letras pela Universidade Tuiuti do Paraná. Durante todos os anos de docência, o profissional ministrou aulas em escolas privadas, cursinhos pré-vestibulares e prestou tutoria em universidades à distância. No canal do *YouTube* e em seu site, Noslen se intitula como “o maior professor de Português do mundo.”. Abaixo, observamos a página inicial do canal do *YouTube* e do *website* do docente.

Figura 10: Interface do canal do *YouTube* do professor Noslen



Fonte: *YouTube*, ago., 2024.

Figura 11: Interface do *website* do professor Noslen



Fonte: Noslen, ago., 2024.

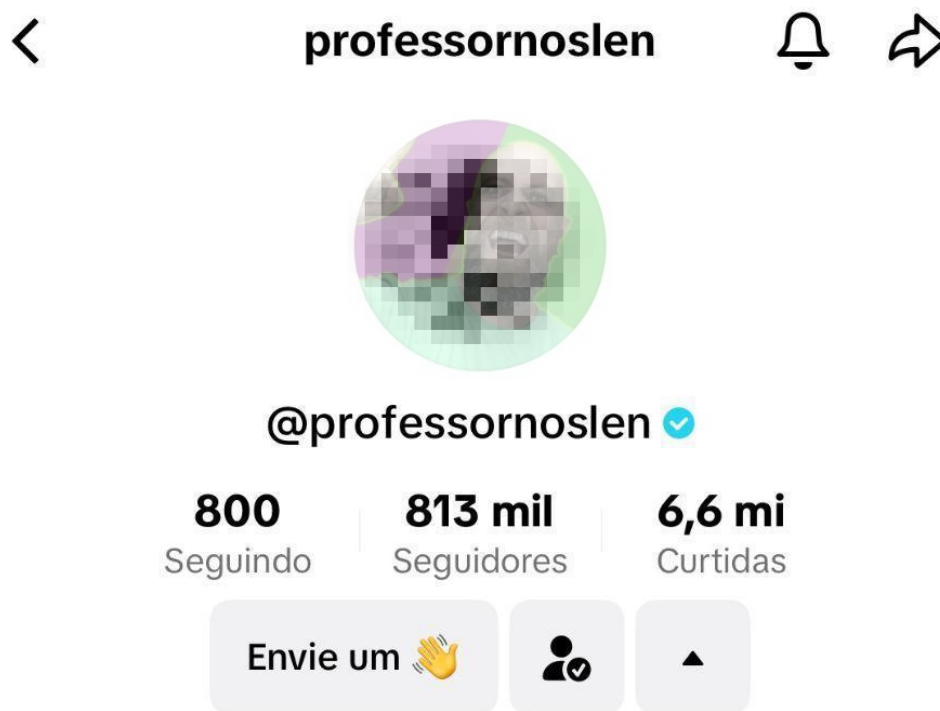
Nestas plataformas, Noslen promove suas redes e vende os seus produtos. As aulas são ministradas de forma lúdica, dinâmica e afetiva para a construção do conhecimento dos estudantes, como afirma o professor. Além da conta no *YouTube*, com mais de 4,96 mi, o professor possui perfil no *Instagram*, com mais de 1,1 mi, e perfil na rede *TikTok*, essa com mais de 813 mil seguidores. Nessas outras redes, o docente emite dicas sobre os conhecimentos linguísticos, de forma breve, simples, criativa e bem-humorada.

Figura 12: Interface do perfil do *Instagram* do professor Noslen



Fonte: *Instagram*, ago., 2024.

Figura 13: Interface do perfil do *TikTok* do professor Noslen



Fonte: *TikTok*, ago., 2024.

Com 2,52 mi de inscritos, o canal do *Youtube* da professora Pamella Brandão, a Pamba, também oferece aulas de língua portuguesa para estudantes que pretendem prestar vestibulares diversos, ENEM e concurso público. A Pamba é formada em Licenciatura e bacharelado em Letras e Literatura, na Universidade Mackenzie, em São Paulo, com habilitação em tradução na Université Sorbonne - Paris. A professora é especialista em Administração de Empresas pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) e em Filosofia pela UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo). Além disso, é mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

As videoaulas de seu canal educacional versam sobre os conteúdos de interpretação e compreensão textual, gramática e redação. Para a separação dos conteúdos pedagógicos, são criadas *playlists* para facilitar o acesso aos vídeos (videoaulas). Com o slogan “Eu te ensino e te provo em tempo recorde!”, a docente oferece um ensino de língua materna prazeroso e leve, segundo ela.

Figura 14: Interface do canal do *YouTube* da professora Pamba



Fonte: *YouTube*, ago., 2024.

Outra ferramenta digital utilizada pela professora para a captação do seu público é o *website*. Nele, a docente realiza a venda de materiais (vídeos, cadernos de questões, simulados) para os clientes/ alunos que acessam a plataforma, principalmente, como já citado, os concurseiros e os “enemzeiros”. No site, diferentemente da plataforma *YouTube*, Pamba disponibiliza aulas de literatura. Abaixo, observamos a página inicial do *website* da professora.

Figura 15: Interface do *website* da professora Pamba



Fonte: Pamba, ago., 2024.

Como ferramentas para atrair o público-alvo, a professora Pamba também faz uso de outras redes sociais, dentre elas: *Facebook*, *TikTok* e *Instagram*. Assim como o professor Noslen, a docente opera essas redes com o objetivo de se tornar mais conhecida e fazer propaganda do seu produto, seu curso. A seguir, observamos as imagens das páginas iniciais das suas redes sociais.

Figura 16: Interface do perfil do *Instagram* da professora Pamba



Fonte: Instagram, ago., 2024.

Figura 17: Interface do perfil do *TikTok* do professora Pamba



Fonte: TikTok, ago., 2024.

Do mesmo modo que os canais apresentados até o momento, o canal *Caminhos da linguagem*, encabeçado pelo professor Prosa Júnior, discute sobre temas relacionados à linguística e à língua materna. Nele, o professor multiplataforma exibe aulas de gramática, análise linguística, literatura, arte e curiosidades sobre a língua portuguesa. Além disso, concede dicas de interpretação e compreensão de texto e redação.

Figura 18: Interface do canal do *YouTube* Caminhos da linguagem



Fonte: *YouTube*, ago., 2024.

O docente também possui conta em outra rede de relacionamento, o Instagram. Nessa plataforma, Prosa Júnior divulga seus vídeos da plataforma *YouTube* e o curso "Caminhos da escrita", no qual oferta ao consumidor aulas para que este aprenda o passo a passo de como escrever um trabalho acadêmico de modo fácil e objetivo.

Figura 19: Interface do perfil do *Instagram* dos Caminhos da linguagem



Fonte: *Instagram*, ago., 2024.

Depois do percurso metodológico explicitado, no próximo capítulo, buscamos analisar os dados coletados à luz das teorias mencionadas no capítulo 1. Em vista disso, investigaremos as videoaulas dos canais selecionados, procurando compreender qual a concepção de língua e gramática que perpassa as aulas dos edutubers responsáveis pelos canais, bem como verificar quais os gatilhos mentais empregados pelos docentes para atrair os alunos e mudar a mentalidade pedagógica dos educandos. Para melhor compreensão e visualização da pesquisa, a seguir, exibimos um quadro com as categorias de análise.

Quadro 7 – categorias de análise

Categoria	Classificações
Concepções de língua	Expressão do pensamento; instrumento de comunicação; forma de interação.
Concepções de gramática	Gramática Tradicional (normativista); Gramática Funcionalista (contextualizada)
<i>Mindset</i>	<i>Mindset</i> fixo; <i>mindset</i> de crescimento
Gatilhos mentais	Reciprocidade; afeição; aprovação social; autoridade; escassez; compromisso e coerência; unidade.

Fonte: o autor, 2024.

4 “DO ZERO À APROVAÇÃO”: APRECIÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Nesta seção, analisaremos as videoaulas extraídas do *YouTube* e apresentadas no capítulo metodológico. À priori, discutiremos visando comparar as concepções de língua/linguagem (linguagem como expressão do pensamento; como instrumento de comunicação; como forma de interação) e de gramática (Gramática Tradicional e Gramática Funcional) adotadas pelos professores multiplataforma em suas videoaulas. É sabido que cada escolha teórico-metodológica gera consequências, sejam elas positivas e/ou negativas. Por isso, após a identificação da concepção utilizada por cada *edutuber*, investigaremos a qual *mindset* cada concepção de língua/linguagem está atrelada, pois, a depender da escolha, os educandos podem ou não ter um desempenho pedagógico próximo ao desejado. Por último, perscrutaremos os gatilhos mentais acionados nos estudantes do ensino básico pelos *edutubers*, tendo em vista que, consciente ou inconscientemente, estes fazem uso desses recursos para influenciar a tomada de decisões do público-alvo.

4.1 AS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GRAMÁTICA DOS *EDUTUBERS* E A CONSTRUÇÃO DOS *MINDSET* DOS ESTUDANTES

É de conhecimento de todos que atualmente o ensino ultrapassou as fronteiras da sala de aula física e chegou às plataformas digitais, graças à aparição da internet. A nova realidade, com a inserção das TDIC no âmbito educacional, tornou possível um modo de ensinar diferente, na qual professores e alunos não necessitam estar no mesmo tempo e espaço para que o evento aula aconteça. Nesta perspectiva surge a tendência da educação ubíqua, que torna o âmbito educacional mais acessível, dinâmico e flexível. Por meio da tecnologia, esta metodologia permite que os estudantes instruíam-se de qualquer lugar e a qualquer instante. Constata-se isto no ensino promovido na plataforma *YouTube*, no qual os *edutubers* oferecem aulas de diversos componentes curriculares. Nestas aulas, cada docente estabelece escolhas teórico-metodológicas para embasar a sua prática pedagógica. Além do *YouTube*, os professores fazem uso de outras Redes Sociais para divulgar e alavancar suas plataformas digitais e a venda de seus produtos educacionais, disponibilizando dicas rápidas sobre diversos conteúdos, acionando, assim, gatilhos mentais nos estudantes.

No que se refere ao ensino do português ministrado pelos *edutubers* na plataforma de vídeos *YouTube*, as videoaulas versam sobre diversos conteúdos da língua, e subdividem-se nos eixos de Gramática (Análise Linguística), Literatura e Produção de texto (Redação), na maioria dos canais. Cada qual com seus aportes teóricos, com sua didática e metodologias, os *edutubers* lecionam as aulas de modo objetivo e breve. Estes, para o ensino de língua materna, necessitam fazer escolhas quanto à concepção de língua/linguagem e de gramática que assumem em sua *práxis*, uma vez que sua escolha influenciará diretamente o desenvolvimento das habilidades (leitura, escrita, interpretação, comunicação) dos educandos. A partir da concepção de língua/linguagem adotada pelo docente, este pode entender a língua como um sistema de regras - que se baseia no ensino das regras e da estrutura, assim como postula GT e a gramática normativa - ou como uma prática social - que foca na língua em seus usos reais, isto é, na interação, como postulado pela GF.

Com base nas concepções defendidas, o docente é capaz de conduzir suas aulas de forma a aprimorar as habilidades e competências, como já mencionamos, e, assim, desenvolver a mentalidade (*mindset*) dos alunos. Ao assumir a concepção de língua/linguagem como expressão do pensamento ou instrumento de comunicação, na qual a gramática normativa é tida como norteadora, o professor potencializa o *mindset* fixo dos estudantes. Nesse caso, o docente foca sua prática no ensino das regras da gramática normativa propostas pela GT, reduzindo a capacidade crítica e reflexiva dos discentes. Por outro lado, ao adotar a concepção de língua como forma de interação, a qual considera os fenômenos sociais de interação (valorizando a fala e a enunciação nas mais variadas esferas sociais) e faz uso da GF, o educador otimiza a mentalidade (*mindset*) de crescimento dos educandos. Dessa maneira, o docente, por meio de atividades mais reflexivas e contextualizadas, na qual toma o texto como centro, é capaz de ensinar os estudantes que suas habilidades, inteligência e talentos são capazes de ser aperfeiçoados por meio de esforço, dedicação e aprendizagem contínua.

Na seção a seguir, analisaremos doze videoaulas sobre a categoria gramatical do verbo de três canais de língua portuguesa do *YouTube*, a fim de percebermos quais as concepções de língua e gramática dos *edutubers* responsáveis evidenciam. O primeiro canal investigado é o do professor Noslen. Posteriormente, o canal da professora Pamba, seguido do canal Caminhos da linguagem (Professor Prosa Júnior).

4.1.1 “Tudo *susse*, moçadinha?”: uma análise sobre o verbo em das videoaulas do canal do *YouTube* do professor Noslen

Com mais de quatro milhões de inscritos, o que faz dele o canal de língua portuguesa mais consumido da plataforma, nele o professor Noslen apresenta inúmeras videoaulas sobre os mais diversos conteúdos referentes ao componente curricular. Por muitas vezes, esses conteúdos são arquivados em *playlists*, objetivando facilitar a organização do canal. Dentre os conteúdos, para fim deste estudo, evidenciamos a categoria gramatical do verbo. Na *playlist* “Classe de palavras” encontramos videoaulas acerca de todas as classes gramaticais, selecionamos as intituladas “verbos - aula 1” e “verbo - aula 2”. Já na *playlist* “Sintaxe” visualizamos aulas digitais que versam sobre as palavras enquanto elementos de uma frase, considerando suas relações de ordem, concordância e subordinação. Desses vídeos, escolhemos o nomeado “Sintaxe do verbo”. Por fim, elegemos a videoaula “Vozes verbais”, encontrada na *playlist* “Estudo da formação das palavras”, para encerrar a análise a respeito das concepções de língua e gramática promovidas nas aulas do *edutuber*.

A seleção de uma concepção de língua e de uma concepção de gramática é de extrema relevância para a prática docente do profissional de língua portuguesa, seja ele da sala de aula física ou da virtual, tendo em vista que estas pautaram suas escolhas metodológicas e a triagem dos conteúdos ensinados. À vista disso, Antunes afigura que

em se falando do ensino, os pontos de vista sobre os fenômenos linguísticos são decisivos: o que se faz em sala de aula; o que se deixa de fazer; o que se escolhe, o que se rejeita; o que se prioriza; o que se adia; tudo tem seu começo naquilo que acreditamos que seja linguagem, língua, gramática, texto e, ainda, os complexos processos de aprender e de ensinar (ANTUNES, 2014, p. 16).

Na *práxis* pedagógica visualizada nas aulas digitais do professor Noslen, por inúmeras vezes, evidencia-se um ensino sistemático de regras gramaticais e da estrutura da língua difundidos pela gramática normativa, que, por sua vez, baseia-se nos estudos formalistas da GT. De acordo com Possenti (1996), a vertente tradicional de gramática compreende a língua como um conjunto de regras que devem ser seguidas e obedecidas à risca, pois, de acordo com Geraldi (1984), a

língua é compreendida como um objeto estático e distante das interações sociais. Nesta abordagem, como afirma Cunha e Tavares (2016), a gramática é entendida como um conjunto de rótulos e propriedades de itens gramaticais e papéis sintáticos a eles vinculados. Nela, realizam-se atividades de identificação e classificação, mas quase nunca analisa os itens e funções na interação entre seres humanos.

Nessa abordagem de aula, o texto é desconsiderado como objeto central, como prega a concepção como expressão de pensamento. Na realidade, ele nem aparece. Para exemplificar os conceitos gramaticais, são apresentadas frases soltas, retiradas de textos aleatórios (desconhecidos do aluno) ou improvisadas no momento da exposição, que garante a memorização rápida das regras fixas da gramática. Contudo, sabe-se que esse tipo de ensino não visa ao desenvolvimento comunicativo dos estudantes, pois despreza os usos reais da língua realizados por meio de textos.

Noslen prioriza o ensino dos conceitos gramaticais fundamentados na gramática normativa e disseminados nos materiais didáticos dos estudantes, como podemos observar no exemplo a seguir. Assim, ele privilegia mais os aspectos morfológicos e sintáticos das categorias gramaticais. Na primeira videoaula examinada (Apêndice A), ao conceituar a categoria gramatical do verbo, o docente argumenta que o verbo é exclusivamente “aquela palavra responsável em expressar ação, estado ou fenômenos da natureza” (Noslen, 2016). O conceito demonstrado pelo docente se aproxima do que está posto na gramática de Almeida (1961, p. 149) ao descrever a forma verbal apenas como “palavra que indica ação ou resultado de ação (estado)”, e na gramática de Lima (2011, p. 168), que compreende o verbo como uma palavra nuclear da oração que expressa um acontecimento ou um fato. Assim, ele é tido como a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. O conceito exposto pelo *edutuber* não leva em consideração o fator “aspecto” difundido pela gramática normativa de Cunha e Cintra (2017) e Neves (2000), que revela o ponto de vista do falante sobre a ação verbal, sendo esta concluída ou não. Destacamos, aqui, que, por ser uma gramática normativista mais contemporânea, a de Cunha e Cintra apresenta o aspecto, que se faz em evidência nas gramáticas de cunho funcionalista.

Em seguida, nessa aula, ainda alicerçado no ensino normativo da língua, o qual se respalda no ensino da gramática tradicional, Noslen informa que na aula irá

“focar na parte dos tempos verbais, como funciona (sic) os verbos, essa relação aí. Muito bem! Nós temos dois tipos de verbos, pessoas. Primeiro, nós temos os verbos chamados verbos regulares e os verbos irregulares” (Noslen, 2016). A partir disso, ele conceitua os dois tipos de verbos, fazendo uso de linguagem coloquial e muito bom-humor, como podemos observar em:

Qual é a diferença entre eles? Verbo regular é onde eu tenho o radical, não se altera na conjugação, meu! Professor, vamos lá de novo, verbo regular é aquele onde o seu radical não se altera na conjugação verbal, certo? Então o verbo regular, eu vou conjugá-lo e o radical dele, vamos lembrar o que é radical? Eu já falei de radical lá em morfologia, né? Lembra da formação de palavras? Muito bem, radical é a parte da palavra responsável em estabelecer a raiz dessa palavra, né? A família dessa palavra, por exemplo, verbo cantar. Qual é o radical do verbo cantar? C - a - n - t, cant. Verbo cantar radical é cant. Muito bem, por que? Verbo cantar, todas as palavras derivadas de cantar surgem do radical cant. *Susse? Tranquilo?* Muito bem, agora veja só, esse verbo é regular porque quando eu conjugo o verbo cantar em todos os tipos de tempos verbais o radical não se altera. Por isso ele é regular. O verbo irregular, diferentemente do verbo regular, vai ter uma alteração no seu radical quando eu conjugo ele, quer ver? (Noslen, 2016).

Ao se referir aos tempos verbais, conforme a gramática normativa, ainda na aula 1, o professor afirma que há três tempos verbais: passado (pretérito), presente e futuro. Na conceituação, a explicação é aparentemente objetiva e simplória. Na fala do docente,

temos duas maneiras de conjugar (os verbos), temos aí o modo, chamado modo indicativo. [...] Modo indicativo é uma certeza de acontecimento, certo? [...] No modo indicativo eu vou ter quais tempos verbais? Presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito mais que perfeito do indicativo, futuro do presente do indicativo e futuro do pretérito do indicativo. Tranquilão isso? [...] temos o modo subjuntivo. [...] O subjuntivo é uma possibilidade de acontecimento, possibilidade, certo? [...] E aí que tempos verbais eu tenho no subjuntivo? Eu tenho presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo. Três tempos verbais só (Noslen, 2016).

Para finalizar a explanação acerca dos modos, o *edutuber* explica que

temos mais um modo ainda, qual outro modo nós temos? Modo imperativo, imperativo vem do que? De imperador, Império. Ou seja, o Imperador é aquele cara que manda você fazer alguma coisa. Então o modo imperativo são os verbos que dão uma coordenada, manda você fazer algo. O imperativo é dividido em dois: imperativo afirmativo e imperativo negativo, certo? Tranquilão? Numa boa? (Noslen, 2016).

Essas breves conceituações não abarcam a complexidade da categoria gramatical do verbo, tendo em vista que os verbos apresentam diversas

particularidades não apresentadas nem discutidas pela Gramática Tradicional, mas que são encontrados na Gramática Funcional. Em razão disso, torna-se compreensível quando o *edutuber* afirma que aprender sobre o verbo é “coisinha simples, coisinhas bem de boa. Só pra gente entender melhor, que muita gente fica batendo a cabeça muitas vezes com isso aí, mas é muito sossegadinho” (Noslen, 2016), como observado no vídeo intitulado “verbo - aula 2” (Apêndice B). Ainda nessa aula, de forma breve, Noslen explana a respeito do infinitivo, para isso explicita que

o verbo pode ter três formas nominais: primeiro, ele pode estar no infinitivo, pode estar no gerúndio e pode estar no particípio. “O que que isso, professor?”, muito bem, o verbo está no infinitivo quando está terminado em r. [...] então, por exemplo, quando eu uso numa frase “ler é um prazer”. Olha só, ler, o verbo, está terminando em r. Está no infinitivo. Bem tranquilo? Bem fácil? Susse? Também tem o gerúndio. Que que o gerúndio? O gerúndio é quando o verbo termina em NDO. Então, vamos lá pensando num exemplo pra vocês... saindo de casa encontrei alguns amigos. Saindo, óh! NDO, está no gerúndio. Bem tranquilinho? Bem fácil? Tem o particípio. O que que é particípio? É quando o verbo termina em DO. [...] E aí vejam gente, quando ele (o verbo) está na forma nominal, ele pode não ser função de verbo na frase. Ele pode ter função de advérbio, de adjetivo, ele pode ter função de substantivo, por isso que ele está na forma nominal, saca a idéia? (Noslen, 2016).

Neste trecho, também, pode-se observar definições baseadas na gramática normativa. Nele, por exemplo, o docente perde a oportunidade de discutir no que diz respeito à diferença entre o verbo “ler”, terminado em “er” e o substantivo “prazer” também terminando em “er”, encontrados na frase dada como exemplo “ler é um prazer” (Noslen, 2016). Na perspectiva funcional, essa seria uma oportunidade ideal para uma reflexão sobre a língua, uma vez que a perspectiva funcionalista se preocupa com o desenvolvimento das competências comunicativas dos falantes, visto que ela é compreendida como “uma atividade sociocultural” (Givón, 1995), além de ser uma “entidade não suficiente em si” (Neves, 2022, p. 51). Assim, por meio da prática ancorada na GF, a discussão poderia ser iniciada pela análise funcional das palavras. O professor poderia explorar os sentidos das palavras, para fazer com que os alunos percebessem que embora as palavras denotem ação e apresentem terminações iguais (“ER”), elas pertencem a classes morfológicas distintas. A primeira sendo verbo, a segunda, substantivo. Não obstante, na referida aula, o *edutuber* também expõe acerca do conteúdo das vozes verbais. Conforme a explicação do docente, amparado na GT,

temos três vozes: uma chamada voz ativa, outra chamada voz passiva e outra chamada voz reflexiva. Sossegadinho? Passiva, ativa e reflexiva, muito bem? Voz ativa, na voz ativa quando eu tenho um sujeito fazendo a ação da minha oração, fácil? Então vamos pensar assim, Noslen comeu pinhão. “Professor, que que é pinhão?, o pessoal que não conhece a região sul do país aí. Pinhão é uma fruta característica do pinheiro e a gente aqui no sul come muito isso. Gordo só pensa em comida, né, cara? Vamos lá! “Noslen comeu pinhão”. Veja, essa é uma voz ativa. Por que voz ativa? Porque Noslen é o sujeito da oração, está agindo sobre o pinhão, está fazendo ação da oração. Então, isso é a voz ativa. Fácil? Tranquilo? O que seria a voz passiva? A voz passiva é a inversão disso. É quando o sujeito sofre a ação na oração. Então, por exemplo, nessa oração que eu fiz, mantendo a mesma estrutura, a mesma ideia: “o pinhão foi comido pelo Noslen.” Muito bem? O que acontece aí? O pinhão é o meu sujeito. Mas concorda que ele continua sofrendo ação ainda de ser comido? Sacaram a ideia? Então, se o sujeito sofre a ação é uma oração passiva. Fácil? Ação ativa, sujeito faz a ação. Ação passiva, sujeito sofre ação, oração passiva. Voz ativa, sujeito faz ação da oração. Voz passiva, sujeito sofre a ação na oração. [...] A voz reflexiva é quando eu tenho o sujeito fazendo ação sobre ele mesmo. Vamos pensar comigo aqui, ó. “Noslen cortou-se.” Mentira! Eu não faço essas coisas. “Noslen cortou-se.” A ação do Noslen é sobre ele mesmo, e percebe que esse SE que está junto do verbo, ele auxilia na construção da reflexão, por isso que é uma ação reflexiva, através do verbo e do pronome SE. Muito tranquilinho? Muito fácil? Nossa gente, e pra arrematar isso tem uma variação da voz reflexiva, que é a voz recíproca, quando eu tenho, por exemplo, o sujeito composto, um sujeito plural, eu consigo fazer uma voz recíproca. Recíproca é quando a ação é entre o sujeito, é uma ação mútua, por exemplo, os jogadores abraçaram-se após o jogo. Então, os jogadores é um sujeito, abraçaram-se é uma ação mútua entre eles. Então, os jogadores abraçaram-se após o jogo. Uma ação mútua, ação recíproca, voz recíproca, beleza? A voz recíproca é uma variação da voz reflexiva, muito tranquilo? Muito fácil? (Noslen, 2016).

No vídeo nomeado “Vozes verbais” (Apêndice C), o *edutuber* reitera os conceitos apresentados na videoaula acima observada. No entanto, para exemplificar cada definição, considera apresentar novas frases desconexas, sendo elas: “Noslen comeu o brigadeiro” (Noslen, 2017), para demonstrar a voz ativa; “O brigadeiro foi comido pelo Noslen” (Noslen, 2017), para a voz passiva analítica; “Compram-se carros velhos” (Noslen, 2017), passiva sintética; “Noslen e Diego abraçaram-se” (Noslen, 2017), voz recíproca. Desse modo, em mais uma videoaula, nota-se que o docente não promove um ensino fundado na concepção de língua como processo de interação, no qual os educandos podem usar a língua para persuadir, informar, argumentar, narrar, entre outras funções, como suscita os documentos oficiais da educação. Segundo a BNCC, o ensino de língua materna deve propiciar “experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais

permeadas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (Brasil, 2018, p. 65-66).

A última videoaula do canal analisada discorre a respeito da sintaxe do verbo (Apêndice D), mais especificamente sobre a relação dos verbos com o predicado, segundo ele, “é uma aula que é base para a parte de predicados” (Noslen, 2016). Todavia, o professor não desenvolve a explicação sobre a importância da categoria para a formação do predicado da oração, o que consideramos ser imprescindível. Para iniciar a aula, o professor multiplataforma (Noslen, 2016) informa aos que assistem à videoaula que a categoria do verbo tem duas funções dentro da sintaxe: como verbo de ligação e como verbo significativo. Ao Introduzir os verbos de ligação, menciona que

o verbo de ligação é quando ele tem a função de expressar estado, certo? Ou sentimentos, ou ainda ligar o sujeito a uma característica, isso é um verbo de ligação. E o verbo de ligação, ele pode ser expresso de várias maneiras, tem alguns verbos que vão ser sempre ligação, tem outros que podem ser de ligação ou não. [...] vou dar um exemplo para vocês aqui, vou colocar uma oraçãozinha bem simples, por exemplo, “Noslen é rechonchudo”. Põe essa oração em algum lugar aí, produção. Noslen é rechonchudo. Muito bem. Olha só. Eu disse que o verbo de ligação tem por função ligar ou expressar o estado, um sentimento ou ainda ligar uma característica ao sujeito. Olha só nossa oraçãozinha, qual seria o sujeito dessa oração? “Noslen é rechonchudo”, Noslen é o sujeito, beleza? Qual seria meu verbo? É, beleza, o verbo “ser”. E depois do verbo “ser” vem o que? “Rechonchudo”. Todo mundo concorda comigo que rechonchudo é característica de Noslen, beleza? Beleza! Perceba que o verbo ser, do é que está aí no meio, ele está somente ligando o Noslen que é o sujeito a sua característica rechonchudo, ou seja, esse verbo está tendo a função de ligação. Fácil? Tranquilo? Nós temos alguns verbos que são naturalmente de ligação, ou a maioria deles quando apresentam-se dentro de uma oração tem função de ligação, e aí esses verbos vou falar pra vocês como funcionam. Quais são esses verbos que são normalmente de ligação? Eu falo que eles são os verbos do “CAFÉS P2”. Como assim, cafés p2? Olha só, coloca para nós em algum lugar, produção, “CAFÉS P2”. “Ah, professor, esse para 2 tá estranho, parece p ao quadrado”. Tá, pensa que é para 2. O que é isso aí que coloquei pra vocês, gente? São as iniciais dos verbos que normalmente são de ligação, vejam normalmente são de ligação, quais são esses verbos? Eu vou falar pra vocês, vai aparecer pra você vê na tela, olha lá. Verbo continuar, C, continuar. Depois, andar, muito bem, andar. Depois, ficar ou até fazer, os dois podem ser na letra F. Maravilha! Estar, e último ser, beleza. E o p2? É que são dois verbos começados com P, certo? Dois. Quais são eles? Parecer e Permanecer. Muito bem! Tá aí os verbos do café p2. Quando esses verbos aparecem numa oração, normalmente, eles têm função de ligação, mas lembrando, normalmente, cuidado com dois desses verbos aí. Qual deles? O verbo andar e o verbo ficar, por quê? O verbo andar pode ser o que? Uma ação, não pode? Estou andando no parque, certo? Andar no parque é uma ação e aí ele não pode ser ligação, só vai ser ligação quando se vai mandar expressar um estado ou ligar características, por exemplo, eu ando tristonho. E aí não é caminhar tristonho, mas sim o que está tristonho. Sacaram a ideia? Então, nesse sentido, o verbo andar é de ligação. A mesma coisa com o verbo ficar, certo? Ficou parado, opa, é

uma ação, ok? Aí não é ligação. Quando que vai ficar vai ser de ligação? Quando expressar o estado, sentimento. Ficou triste, certo? E aí, isso é de ligação, tranquilo? Normalmente esses verbos que apareceram no café p2, têm a função de ligação, mas também podem não ter a função de ligação (Noslen, 2016).

Nesse trecho, nota-se que, na sua explanação, o docente apresenta um conceito posto pela GT e, em seguida, uma frase aleatória, construída no momento da explicação, totalmente desvinculada de um texto, para exemplificar e clarificar o conceito exposto. Aqui, mais uma vez é percebido o ensino tradicional de língua, dado que nesse tipo de ensino não há uma preocupação em refletir sobre as categorias gramaticais, neste caso, o verbo, como recurso organizador de informações para atender a objetivos comunicativos específicos, como apresentado na gramática de Neves (2000):

Os verbos, em geral, constituem os **predicados** das **orações**. Os **predicados** designam as propriedades ou relações que estão na base das **predicações** que se formam quando eles se constroem com seus **argumentos** (os **participantes** da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado. A **predicação** constitui, pois, o resultado da aplicação de um certo número de **termos** (que designam entidades) a um **predicado** (que designa propriedades ou relações). A construção de uma **oração** requer, portanto, antes de mais nada, um **predicado**, representado basicamente pela categoria **verbo**, ou, ainda, pela categoria **adjetivo** (construído com um verbo de ligação) (Neves, 2000, p. 25).

Outro ponto que fortalece o mencionado acima é que o *edutuber*, para facilitar a “decoreba” dos alunos - por isso a gramática ser considerada algo simples de aprender - apresenta uma “dica” a respeito dos verbos mais utilizados como verbo de ligação. Em função disso, no final da aula, ele profere que

aula aqui é mega importante, mega curta, porque eu preciso que você grave o que é um verbo de ligação e o que é um verbo significativo, porque eles serão imprescindíveis para o que? Para a parte do predicado e depois também para a parte de transitividade verbal, que são as aulas que vem na sequência, certo? (Noslen, 2016).

Do mesmo modo, ao tratar dos verbos significativos (verbos de ação), o *edutuber* se vale da GT para conceituá-los:

O verbo significativo é aquele que expressa ação ou fenômenos da natureza, ah que beleza. E aí gente, dentro dos verbos significativos, eu terei N verbos, muitos verbos, porque a maioria dos nossos verbos expressam ação, certo? Então, verbos significativos, eu tenho muitos. Vamos pensar numa frase qualquer que tenha um verbo significativo. Sei lá.

“Noslen correu feliz” Que idiota, né? “Noslen correu feliz.” Correu é um verbo significativo porque expressa ação. Tranquilo isso, gente? (Noslen, 2016).

A partir do exposto até aqui, pode-se atrelar a perspectiva de ensino de língua (linguagem como expressão do pensamento) e de gramática (de abordagem tradicional) do professor Noslen ao considerado desenvolvimento do *mindset* fixo. À proporção que sua prática não desafia os alunos, pois os mantém sempre na zona de conforto - com definições gramaticais simplórias e inquestionáveis - o *edutuber* os aprisiona numa falsa crença de que as qualidades humanas são imutáveis. Com isso, consciente ou inconscientemente, o docente promove a ideia de que se o estudante “decorar” os conceitos gramaticais expostos na GT, este já não precisa se preocupar, pois saberá aplicar em qualquer situação/ exames.

Essa crença pode ser encarada como “perigosa”, uma vez que desconsidera a capacidade de reflexão do indivíduo, isto é, tolhe o poder de criticidade do discente em relação ao uso da língua em situações sociocomunicativas diversas. Além disso, um aluno de mentalidade fixa, muito provavelmente, alcançaria atingir o solicitado nas atuais provas do ENEM, se considerarmos a elaboração dos enunciados dos itens do exame, tendo em vista que estas fazem uso da abordagem funcionalista da linguagem, a qual valoriza os usos efetivos da língua e incentiva a leitura e a análise de diversos gêneros e a produção dos gêneros, além de reconhecer as variedades e as mudanças linguísticas do idioma. Assim, aulas que utilizam da abordagem visualizada na atividade docente do *edutuber* não o torna capaz de responder ao item do ENEM encontrado na figura 8.

Na próxima subseção de análise, focalizaremos no canal da professora Pamba. Em especial, em três videoaulas no tocante à categoria gramatical proposta por este estudo, tendo como objetivo perceber em qual concepção de língua e gramática está delineada a prática da *edutuber* e a qual concepção de *mindset* a ação didático-pedagógica se vincula.

4.1.2 “Fala, pupilinhos!”: as videoaulas sobre o verbo do canal do *YouTube* da professora Pamba em foco

Proprietária de um dos canais educacionais do componente curricular Língua Portuguesa mais conhecidos do *YouTube* nacional, em virtude do número de

inscritos na plataforma, a *edutuber* Pamba aparentemente é bastante requisitada quando o assunto é conhecimentos linguísticos. Em seu canal são divulgadas videoaulas relacionadas aos vários eixos do ensino de língua portuguesa, focando mais no ensino da Redação e da Gramática. O canal oferece diversas videoaulas acerca dos conteúdos programáticos para o ensino da gramática da língua, dentre eles, a categoria gramatical do verbo.

Ao iniciar a primeira aula avaliada (Apêndice E), que discorre a respeito dos verbos de ação (tidos como verbos nocionais, para a gramática tradicional normativista), a professora afirma que para o aluno entender o que é predicado, é necessário compreender o que é verbo e os seus tipos.

Quando a gente fala sobre verbo de ação, verbos que expressam fenômenos da natureza, verbo de ligação, nós estamos falando de pré-requisito de estudo para entender o predicado, tudo bem? Então, você tem que entender o que é um verbo de ligação, um verbo de ação, um verbo que expressa fenômeno da natureza para depois você estudar o predicado, então, isso aqui é um pré-requisito para estudar predicado, beleza? (Pamba, 2019).

A *edutuber*, no decorrer da aula, assegura que para estudar os verbos, ela prefere separar o conteúdo em diversos vídeos curtos, pois, de acordo com ela, é mais fácil estudar o conteúdo em pequenas partes, visto que se ela publicasse em um só arquivo ficaria bagunçado (Pamba, 2019). Essa fala da professora faz com que os discentes associem às videoaulas à sala de aula física, onde os conteúdos programáticos são divididos de acordo com o planejamento do docente. Além disso, pode-se associar essa repartição à lógica capitalista atual, de um mundo neoliberalista, empregada pelos recursos digitais dos *streamings*, que faz com que a divisão dos conteúdos programáticos das videoaulas e sua curta duração monetize ainda mais os materiais produzidos (videoaulas) para a plataforma por meio do engajamento dos inscritos. Ao falar do conteúdo da aula, os verbos de ação (também conhecidos como nocionais ou significativos, segundo a gramática normativa), Pamba os define como palavras que indicam “a ação de um sujeito, ele indica a ação” (Pamba, 2019). A definição dada pela professora é a mesma expressa pelas GT e os manuais didáticos, como observamos no capítulo teórico. Isso aponta para uma concepção de gramática que considera as regras e a estrutura gramatical de frases isoladas, que julga o certo e o errado na língua, em oposição aos usos reais nas diversas situações sociocomunicativas, e que, sobretudo, se

preocupa com o desenvolvimento da competência comunicativa dos falantes. A título de exemplificação, pode-se observar esse ponto nos trechos a seguir.

A docente, ao diferenciar os verbos de ligação dos verbos de ação, de forma bem prolixa e confusa, afirma

Quando falo que o verbo de ligação liga o sujeito a uma característica desse sujeito, e essa ligação ele indica para mim o modo, o estado que o sujeito está, aqui, eu só estou falando da ação desse sujeito. Eu não estou falando se ele está triste, se ele está feliz, qual que é o modo que ele está, não interessa! Só estou falando que ele fez, o que está fazendo, o que deixou de fazer, o que ele fará, tudo bem? Não estou falando do modo, nem do estado, estou falando da ação. Então, eu falo assim: “eu não irei à sua casa” (exemplo), eu não irei. Quem não irá à sua casa? Eu. Então, nós temos aqui o nosso sujeito, certo? Quando eu falo que eu não irei à sua casa, isso é uma ação minha. Na verdade, é a minha falta de ação, que eu não irei, tudo bem? Mas, então ele o verbo ir aqui, ele está indicando uma ação (Pamba, 2019).

E segue dizendo:

o mesmo verbo, ele pode ser um verbo de ligação, mas ele também pode servir como ação. Eu viro pra você e falo assim: “eu ando todos os dias até a minha casa”. É a minha ação. Eu ando todos os dias, ok? Então, eu falo assim: “Ele anda pela rua”. Isso daqui, pela rua, não é um modo ou estado dele, é uma ação. Ele anda pela rua, esse verbo indica ação. O verbo andar em si é um verbo que indica ação. Só que a gente tem que sempre analisar o que vem depois do verbo, eu viro e falo assim: “Ele anda triste”. Quando eu falo triste, eu estou falando do modo, do estado em que ele se encontra. Então, aqui, quando eu estou falando de modo, estado, ele é um verbo de ligação, porque ele liga sujeito a uma característica do sujeito, que é o modo que ele está, triste. Aqui ele liga sujeito à ação do sujeito, que a andar, é o ato de andar pela rua (Pamba, 2019).

Dadas as conceituações acima evidencia-se, na prática da docente, o uso centralizador da gramática normativista, tendo em vista que essa define o verbo de ligação como gerador do predicado nominal juntamente com o seu complemento, o predicativo, de acordo com Almeida (1961). Contudo, ainda assim, a explanação da professora faz-se incompleta, pois ela não menciona essas particularidades do verbo de ligação, como, por exemplo, os verbos de ligação serem os mesmos verbos de estado, tidos como verbos **não-dinâmicos**, segundo a GF de Neves (2000). Na aula analisada, destaca-se também a perda do foco do conteúdo ministrado, uma vez que a aula deveria versar sobre os verbos de ação, todavia, a edutuber focaliza mais na diferença dessa categoria com a dos verbos de ligação.

No entanto, no segundo vídeo analisado, intitulado “Verbos de ligação: tipos de verbos” (Apêndice F), na abertura da aula, Pamba (2019) afirma para os estudantes, como de costume, que aprender o conteúdo é rápido e fácil. Noutro momento, em outra aula, ela diz “eu vou mostrar para vocês, língua portuguesa é um negócio muito fácil. Vocês ficam aí chorando. Negócio que é facinho.” (Pamba, 2020). Essas falsas promessas são uma das estratégias para atrair os educandos. Nesta videoaula, retoma o conceito dos dois tipos de verbos vistos na aula anterior: verbos de ação e verbos de ligação, e apresenta a acepção dos verbos de fenômenos da natureza, como visualizado no trecho abaixo.

Olha só, nós temos três tipos de verbos em língua portuguesa. Nós temos o verbo de ligação, que é o que nós vamos estudar hoje aqui, nós temos um verbo chamado de significativo ou nocional, que é o verbo de ação, que é uma outra aula que eu vou falar disso, e temos os verbos que expressam fenômenos da natureza, beleza, gente? Tranquilo até aqui? (Pamba, 2019).

Baseando-se na GT e aprofundando o conceito do verbo de ligação, a *edutuber* explicita que

Como o próprio nome já diz, ele liga alguma coisa. Aí as pessoas não entendem, “que que ele liga, professora?” Ele liga o sujeito a uma característica dele. Nós vamos entender por parte, vou mostrar isso pra você, tá? Um verbo de ligação, ele mostra o estado, o módulo (*sic*) de um sujeito. Sabe o sujeito da oração? Ele está em algum estado, em algum modo e o verbo de ligação é quem liga este sujeito a este modo, a este estado. Vamos ver na prática? [exemplo] “Ele era assustador”. Vamos achar o verbo aqui. Achei! Verbo “ser” ali. O “era”. Tudo bem? Se a gente separar sujeito do predicado fica mais claro. Quem era assustador? Quem que é o nosso sujeito? “Ele”, beleza? Então, eu tenho um verbo aqui no meio, certo? Ligando o sujeito a algo. O que que é este algo? Quando eu digo pra vocês que ele era assustador, “assustador”, vocês conseguem entender que é uma característica do sujeito? Que no caso é “ele”. “Ele era bonito”, “ele era assustador”, “ele era legal”, “ele era divertido”, é uma característica. Então, o verbo de ligação, gente, ele liga sujeito a um estado, a um modo desse sujeito, a uma característica desse sujeito, deu pra entender? Por que eu chamo ele de verbo de ligação? Porque ele liga uma coisa à outra. Tudo bem? É muito fácil, aqui tira onda. Qual que é o nome, não vou falar sobre isso agora, mas qual é o nome que eu dou para esse, essa característica do sujeito, lá na análise sintática? Predicativo do sujeito. Cês sabem o que isso significa? Característica do sujeito. Sempre que eu tenho um verbo de ligação, eu tenho a característica do sujeito. Sempre! Porque, o verbo de ligação ele liga sujeito a uma característica, um modo a um estado dele, show de bola? Fácil! (Pamba, 2019).

Entretanto, tal explicação não discute a fundo, por exemplo, a relação do verbo de ligação com o restante do predicado, ou seja, com o predicativo. Muito menos, utiliza de textos reais para observar seus usos na prática, como defendido

pela concepção da linguagem como forma de interação. Práticas apresentadas e defendidas pelo tipo de aula ministrada pela Pamba não contemplam a formação integral das habilidades comunicativas do aluno.

Para finalizar a breve videoaula, como de praxe no ensino tradicional de gramática, a professora multiplataforma, para validar a afirmação de que o ensino dos verbos é fácil, apresenta uma “dica” contendo os principais verbos de ligação utilizados. Nas palavras dela, são os que mais caem nas avaliações.

Principais verbos de ligação, sempre verbos de ligação, tudo bem? O verbo ser, o verbo estar, viver, permanecer, parecer, continuar, ficar e virar são os que mais caem nas provas. Principalmente esses dois aqui, né? Principalmente os dois primeiros (ser e estar), sempre são verbos de ligação. Então, quando você está fazendo uma prova, você bate o olho e são esses verbos, gente, de cara, você nem precisa perder tempo. Você já sabe que é verbo de ligação, tudo bem? E que vai ter ali uma característica do sujeito. Show de bola! Fácil? (Pamba, 2019).

Contudo, a dica apresentada induz ao erro, tendo em vista que os dois verbos apontados apenas como verbos de ligação também são frequentemente utilizados como verbos auxiliares em uma locução verbal. Outro ponto relevante omitido pelo docente, é a capacidade desses dois verbos não serem nem verbo de ligação nem verbo auxiliar, como no exemplo “Eu estou na escola agora”.

Por sua vez, a terceira aula avaliada (Apêndice G), refere-se às vozes verbais. Nela, a edutuber afirma que “vozes verbais é um conteúdo que as pessoas acham um pouquinho mais chatinho, mas cai muito em prova” (Pamba, 2020). Por isso, no início da videoaula, ela retoma parte do conceito de verbo e, paralelamente, expõe a definição das vozes verbais. Consoante a edutuber,

o verbo, ele sofre algumas variações. Então, ele sofre variação de número, gênero, voz, tempo, num é verdade? Então, ele tem diversas variações, e nós vamos estudando aqui no nosso canal uma por uma dessas variações. Uma delas é a voz verbal, certo? Então, olha só na sua tela, o verbo faz diversas flexões em língua portuguesa, como já disse, número, né? Pessoa, tempo, voz, e por aí vai. O verbo flexiona, e aí, especificamente nessa aula, nós estamos estudando isso. O verbo, ele se flexiona para indicar quem pratica a ação e quem recebe uma ação. Então, quando a gente fala de voz verbal nós estamos falando assim, uma voz indicar quem está praticando e uma voz vai indicar quem está recebendo ação do verbo, certo? E a essa flexão do verbo que nós damos o nome de voz verbal. (Pamba, 2020).

Nota-se que a explicação da docente é pautada na GT, conforme constatamos na gramática de Bechara (2009), ao postular que as vozes do verbo são ativa, quando o sujeito é agente da ação verbal; passiva, o sujeito sendo objeto

da ação do verbo; e reflexiva, tendo o sujeito como agente e objeto concomitantemente, e na de Cunha e Cintra (2017), mais atualizada, que revela três vozes verbais, entretanto, com nomenclatura diferente, sendo elas: fato praticado pelo sujeito, fato sofrido pelo sujeito, fato praticado e sofrido pelo sujeito. A GT desconsidera a voz verbal como forma que “gramaticaliza a perspectiva, uma das categorias constitutivas do discurso” (Castilho, 2014, p. 436).

No decorrer da aula digital, a *edutuber* conceitua e exemplifica, com exemplos vagos, os três tipos de vozes. Para definir a primeira voz, esclarece que na oração de voz ativa é o

sujeito que pratica ação. Então quando eu falo que a oração está na voz ativa, é um sujeito que pratica ação. Então eu falo assim: o professor forneceu uma apostila, como que a gente sabe quem é o sujeito predicado? Então, faz a pergunta para o verbo: quem forneceu uma apostila? O professor, então eu tenho um ser aqui, certo? Que ele faz a ação, ele faz o ato de fornecer a apostila. Esse, quando a oração está na voz ativa, que eu tenho um sujeito que faz ação, eu falo que ele é um sujeito agente. Olha só, agente tudo junto, porque vem do verbo agir, aquele que age, aquele que faz, não se esqueçam disso, beleza? (Pamba, 2020).

De acordo com Pamba (2020)

Na voz passiva, eu tenho sujeito que vai receber essa ação, então, olha lá, o sujeito ele recebe a ação, o sujeito sofre a ação do verbo, por um outro sujeito que a gente vai chamar de agente da passiva, eu já falo sobre isso. [...] O que é um agente da passiva, gente? Nada mais é que o sujeito na voz ativa. Então, quando que eu tenho agente da passiva? Somente quando a oração está na voz passiva. Olha só, aqui ele é o sujeito, certo? [apontando para o exemplo] Quando eu passo para voz passiva, aqui, ele é o agente da passiva na análise sintática. [...] sim, gente, eu só tenho a agente da passiva quando a oração está na voz passiva e o agente da passiva é o antigo sujeito na voz ativa. É o antigo sujeito agente. [...] passar da voz ativa para a voz passiva é muito fácil, criatura, basta você fazer o seguinte, tudo que tá na frente, eu sei que você tá gritando aí, vai para trás. Tudo que tá atrás vai para frente [...] Nós temos dois tipos de voz passiva, nós temos a voz passiva analítica e nós temos a voz passiva sintética ou pronominal. [...] Porque analítica? Porque eu utilizo essa locução verbal, então, associa sempre o seguinte, analítica ela é longa, porque ela usa uma locução o verbo. Então, ela fica longa. Eu analiso que foi reformado, é um verbo só, uma locução verbal, só para vocês associarem, tá? [...] Como que é a fórmula matemática da voz passiva sintética? Verbo transitivo indicador da ação, mais pronome apassivador SE, tudo bem? É o pronome apassivador SE, mais o sujeito paciente, por quê, né? Se nós estamos falando de voz passiva, ela tem um sujeito paciente. Olha só, sempre, presta atenção nisso é muito importante, principalmente quando nós estudamos as funções da partícula SE, para que seja passiva sintética o verbo ele tem que ser transitivo. Porque, por exemplo, se a partícula SE, e eu nem vou entrar nesse quesito agora, que isso daí é para a gente estudar

as funções da partícula SE. Se a partícula SE, se junta a um verbo que é intransitivo, e esta oração não está mais na voz passiva, ela agora, ela tem um sujeito indeterminado, então isto é um assunto mais longo que a gente tem que estudar especificamente nas funções da partícula SE, tudo bem?

Por fim, sobre a voz reflexiva, a professora esclarece que nela o sujeito além de fazer a ação, ele mesmo recebe essa ação. E como reflexiva, pensa no espelho, de reflexo, eu olho e a imagem volta para mim (Pamba, 2020). Assim, ela continua dizendo que para formar a voz reflexiva, é preciso

um verbo, e tá lá na voz ativa. Eu tenho um pronome oblíquo reflexivo. Então, nós temos os pronomes oblíquos em português, lembra? Então, sempre nós teremos um verbo, que estará ligado ao me, te, se, nos, vos, tudo bem? Ele também vai servir como objeto, porque esses pronomes, eles vão retomar o próprio sujeito. Vamos olhar no exemplo para ficar mais claro. Olha só. “Eu me cortei sem querer.” Quando eu falo que eu me cortei, quem fez ação? Eu. E quem recebeu esse corte? Eu mesmo, tudo bem? (Pamba, 2020).

A explicação acima é bem simplória e direta. Ela nem contextualiza nem discute, exemplificativamente, a capacidade do pronome reflexivo de se tornar uma partícula apassivadora em algumas situações do uso da língua, como apresentado por Castilho (2014, p. 439). Além da voz reflexiva, a *edutuber* anuncia a voz reflexiva recíproca, que, tomada em concordância com a GT, ocorre quando “dois ou mais sujeitos fazendo uma ação. Esses dois ou mais sujeitos, eles, recebem essa mesma ação que eles tão fazendo” (Pamba, 2020).

Como já mencionado, a GT expõe que os modos verbais é uma das características da categoria gramatical dos verbos, sendo eles a forma do indicativo (certeza), do subjuntivo (incerteza) e imperativo (ordem/conselho/pedido). Esse conceito é muito difundido também pelos materiais didáticos, uma vez que estes, na maioria das vezes, fazem uso da abordagem tradicional da língua e da gramática. Ocupando-se da última videoaula (Apêndice H), que nos serviu de corpus a ser analisado do canal, a professora apresenta três modos verbais (indicativo, subjuntivo e imperativo). Na sua fala, ela enfatiza que o objetivo da aula é fazer com que os estudantes identifiquem as variações dos modos verbais para depois responder às questões propostas por elas no final da videoaula.

Você vai aprender a identificar cada um deles, principalmente quando cai na sua prova. Tu vai para identificar, para claro, resolver questões e sim, nós temos a nossa atividade final, atividade de fixação, eu quero saber se você

entendeu ou não o conteúdo. Então, fica até o final, entenda todo o conteúdo, e venha fazer atividade comigo, beleza? (Pamba, 2021).

Ao conceituar os modos verbais, a *edutuber* diz que “os modos verbais explicitam as intenções e as atitudes ao fato que é expresso pelo verbo” (Pamba, 2021) em conformidade com o exposto pela gramática de Lima (2011, p. 168), que entende os modos do verbo como “as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo”. A explanação se distancia da exibida pela GT de Bechara (2009), ao passo que o gramático veicula cinco ao invés de três modos verbais, sendo eles: indicativo (fatos verdadeiros), subjuntivo (fatos incertos), condicional (fatos que dependem de certa condição), optativo (ação desejada pelo agente) e imperativo (ordem/pedido).

Tampouco a explicação da docente se aproxima da abordagem desenvolvida pela GF, tendo em vista que, para essa,

o *modus* (modo) evidencia de que ato de fala se trata: o dos “conteúdos que se realizam no mundo” (indicativo), o das “situações imaginárias que não precisam corresponder ao que acontece no mundo” (subjuntivo) e o da “ordem”, bem diferente “da asserção e da suposição” (imperativo) (Castilho, 2021).

Sendo assim, após a análise das videoaulas do canal, consideramos como problemática a prática pedagógica da *edutuber*. Isso porque ela é organizada pela concepção de língua como “expressão de pensamento” (Geraldi, 1984) - que prioriza o ensino pautado nas regras sistemáticas da língua promovido pela GT - posto que a *edutuber* Pamba privilegia o ensino mais tradicional dos verbos, com seus aspectos morfológicos (identificação da estrutura) e sintáticos (formação do predicado) em detrimento do ensino mais completo e complexo dos verbos, voltados também para os aspectos pragmáticos e discursivos, como indicado pela Gramática Funcional. Ressaltamos que esse tipo de ensino não possibilita que os estudantes respondam questões propostas pelo ENEM, pois estas demandam dos alunos uma ação diferente para respondê-las, que visa uma reflexão acerca do uso dos elementos gramaticais. Sendo assim, consideramos que as aulas digitais do canal da professora Pamba propiciam o desenvolvimento da mentalidade (*mindset*) fixa dos educandos, visto que o ensino da gramática normativa/prescritiva limita a capacidade crítico-reflexiva do aluno e o desenvolvimento das habilidades comunicativas.

Destarte, por meio do ensino das regras gramaticais fixas, que tratam “as questões gramaticais de modo artificial, distanciando-se das situações de uso, e, assim, deixando de considerar justamente os aspectos centrais de sua natureza” (Cunha e Tavares, 2016, p.15), os educandos não se permitem a novos desafios, pois temem o fracasso, como assevera Dweck (2017, p. 12). Este tipo de ensino é promovido por professores presos a uma única concepção, a qual não olha para os usos efetivos dos verbos. Nele, os estudantes são levados a acreditar na falsa ideia de que não precisam melhorar, pois já dominam as regras e, por isso, são capazes de aplicá-las em qualquer questão. Isso ocorre porque elas, por se considerarem inteligentes ao extremo, possuem a crença de que sempre devem ter êxito (Dweck, 2017, p. 25). A autora ainda revela que pessoas que vestem esse tipo de *mindset* acreditam que as particularidades humanas são invariáveis, por isso, não necessitam de melhorias.

Dando continuidade à análise dos vídeos coletados dos canais educacionais do *YouTube* dos *edutubers* de língua portuguesa, na próxima subseção, buscamos analisar também quatro aulas digitais do canal “Caminhos da linguagem”, encabeçado pelo professor Prosa Junior. Como nas duas apreciações anteriores, objetivamos identificar a concepção de língua/linguagem e de gramática utilizada pelo professor em suas aulas de língua materna, perscrutando a qual categoria de *mindset* a prática está atribuída.

4.1.3 “Saudações, caminhantes!”: investigando as videoaulas sobre o verbo do canal do *YouTube* Caminhos da linguagem (Professor Prosa Junior)

Exibindo uma perspectiva linguística diferente das visualizadas pelos dois *edutubers* anteriores, que enxergam a língua e a gramática pelo viés tradicionalista, o professor multiplataforma responsável pelo canal Caminhos da linguagem, Prosa Junior, em suas aulas digitais, possibilita o ensino alicerçado nas ideias interacionistas da linguagem, visto que nelas, como poderemos observar nas videoaulas, o docente se vale de textos ou frases retiradas de textos utilizadas nos reais usos para analisar a categoria gramatical ensinada. Consequentemente, o docente se aproxima da perspectiva da língua/linguagem como “instrumento de interação” conjecturado por Geraldini (1984), que preza pelas situações

sociocomunicativas da língua, pois esta é um produto da interação, portanto, um ato dialógico.

Na primeira aula digital investigada do canal (Apêndice I), pode-se observar tal perspectiva de língua já no título do vídeo: “Como fazer um bom estudo do verbo”. O uso da palavra “estudo” nos direciona para a ideia de que o *edutuber* levará os alunos a explicações sobre a categoria que propiciará a análise crítica e o pensamento criativo, e não apenas ao ensino de regras fixas atreladas a exemplos desconexos da realidade. Ao iniciar a aula, Prosa Junior traz uma discussão com respeito à categoria gramatical estudada, ao passo que estimula a capacidade reflexiva dos educandos, pois os faz refletir sobre o conceito do verbo. Assim, o professor declara que a categoria do verbo é

uma das palavras mais importantes de qualquer idioma, o verbo é central na construção de qualquer mensagem que nós queremos transmitir. Bom, não digo qualquer, mas a maioria delas. A primeira coisa que nós precisamos para conhecer os caminhos do verbo é entender o que é o verbo e qual a função dele dentro da comunicação. Quando nós pensamos em verbo, logo, nos vem à mente: palavra que indica **ação**. Mas, espera aí! Palavra que indica ação? [som de tiros] Tiroteio!! Muito bem! Tiroteio é uma palavra que indica ação? Mas será que é verbo? [som de aplausos] ... “Palmas”. Palmas é uma palavra que indica ação. Mas será que é verbo? Não, essas palavras não são verbos. Temos palavras que indicam ação e são verbos, por exemplo, pular, andar, correr, são palavras que indicam ação e são verbos. Mas, nem toda palavra que indica ação é um verbo (Caminhos, 2018, grifo nosso).

Assim como posto na GT e na GF, no discurso do *edutuber* observamos o verbo sendo tido como núcleo da oração/sentença (sintagma verbal). Logo depois de apresentar a definição proposta pela GT, o *edutuber* implementa uma dúvida no estudante: “será que verbo é palavra que indica ação?”. Na fala, nota-se que a explicação sobre os verbos encontrada nas gramáticas normativas aparentemente não dá conta das situações suscitadas nos usos reais da língua.

Noutro momento da aula, o docente, mais uma vez, a fim de fazer os estudantes refletirem acerca dos usos da categoria gramatical do verbo e questionar as regras estáticas da GT, provoca-os a pensar.

A segunda coisa que a gente pensa é que o verbo é uma palavra que indica **fenômeno da natureza**, por exemplo, chover. Por isso a gente pensa que o verbo é a palavra que indica fenômeno da natureza. Mas será que todos os fenômenos da natureza são verbos? Olha só, que bonito! Arco-íris, arco-íris é um fenômeno da natureza, mas será que é verbo? [som de trovão] Trovão! Trovão também é um fenômeno da natureza, mas também não é

verbo. Então, nem todos os fenômenos da natureza são verbos. E por último, nós temos **estado**. Verbo é uma palavra que indica estado, por exemplo, continuar. Você continua bem? Você continua mal? Como você continua? Mas, peraí, aí, nós temos, por exemplo, a palavra sono. Sono é um estado, mas será que é verbo? Não é verbo! Sono não é o verbo. Então, afinal de contas, o que é o verbo? (Caminhos da linguagem, 2018, grifo nosso).

O trecho exibido acima explicita mais uma vez a incompletude das regras fixas impostas pelas GT dada às situações efetivas de uso da língua materna. Na explanação, Prosa Junior continua a apresentação do conceito do verbo, agora, referindo-se à capacidade da categoria de expressar os fenômenos da natureza e os estados, como pleiteado pelas gramáticas normativas. Não obstante, o *edutuber*, de forma inteligível, esclarece aos alunos que as definições não abarcam o que é percebido na realidade linguística do idioma nem atendem às necessidades exigidas pela sociedade, como afirma Bagno (2003). Em umas das suas falas, o *edutuber* afirma que “temos que olhar a situação de comunicação para entender o que está acontecendo e a intenção da pessoa que está falando” (Caminhos da linguagem, 2018).

Para clarificar o conceito da categoria estudada, o docente menciona que

verbo é uma palavra que é conjugada, essa é a diferença. E ela tem a conjugação em dois aspectos muito básicos, que é a conjugação que nós temos de pessoa e a conjugação que nós temos no tempo, o que marcam bem o verbo. Então, o verbo é conjugado por 6 pessoas, ou, como algumas pessoas podem falar, pelas três pessoas que estão no singular ou no plural. Então, nós temos: eu, tu, ele, nós, vós e eles, que conjugam o verbo na pessoa. E nós temos o presente, o passado e o futuro, que conjugam o verbo no tempo. Essa é a principal diferença entre o verbo. Nós vamos ver na prática alguns exemplos que às vezes confundem e vamos refletir sobre os caminhos do verbo (Caminhos da linguagem, 2018).

A reflexão feita pelo *edutuber* oportuniza o desenvolvimento da habilidade linguística do aluno, julgado como o principal objetivo do ensino de língua portuguesa. Na explicação, percebe-se que o professor mesmo tendo uma prática mais próxima da vertente funcionalista, para explicar, se vale de conceitos da GT, uma vez que o funcionalismo não exclui o estudo da sistematicidade da estrutura linguística nem da instrumentalidade do uso da língua (Neves, 1994). Na tentativa de exemplificar a acepção mencionada, utiliza-se da palavra “almoço”, para fazer com que os estudantes percebam que a mesma palavra pode atender a duas categorias gramaticais. Observe:

Vamos pensar nesse primeiro exemplo: “que almoço gostoso!”, exemplo número um. Vamos agora número dois: “almoço todos os dias em um restaurante”. Qual é a diferença da palavra almoço para a palavra almoço? Bom, uma delas é o verbo. Vou dar um tempinho para vocês aí, relóginho na tela. Qual que é o verbo, número um ou número dois? Acabou o tempo! E a resposta correta é o número dois, almoço todos os dias em um restaurante. E por que que esse dois é o verbo? Porque ele está sendo conjugado, e conjugado por quem? Pelo eu! Quem almoça todos os dias no restaurante? E, por isso, é um verbo. Agora, que almoço gostoso, “que” não conjuga ninguém. Lembra que eu falei das seis pessoinhas que conjuga o verbo? Então, “que” não conjuga ninguém. A gente dentro da nossa comunicação do dia a dia diferencia isso através também da sonoridade, nós temos o almoço que significa o substantivo, o nome, e almoço significa verbo, beleza? (Caminhos da linguagem, 2018).

Na finalização da referida aula, o docente trata das flexões verbais.

Nós podemos dividir os estudos dos verbos em desinências, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal. A número-pessoal é essa que nós estamos falando aqui, que é justamente das pessoas, eu, tu, ele, nós, vós e eles. E desinência número-pessoal, que é de número, singular e plural. Nós temos também a desinência modo-temporal, logo nós temos três. E o que é o modo? É a atitude do falante ao utilizar o verbo em alguma situação de comunicação no seu cotidiano, então, nós temos o modo indicativo, o modo subjuntivo e o modo imperativo que eu abordo mais especificamente no vídeo posteriores a esse. E, nós podemos estudar os verbos na comunicação dia a dia, e aí, o nosso estudo amplia muito. Os caminhos dos verbos são espetaculares! E esse estudo nós vamos fazer mais especificamente em outros vídeos, que vamos dar mais detalhadamente os tempos verbais em situações de comunicação, beleza? (Caminhos da linguagem, 2018).

No primeiro momento do trecho acima, evidencia-se uma explicação muito próxima da difundida pelas aulas tradicionais de gramática, à medida que o docente não elabora sobre aspectos mais funcionais das flexões. Notamos que é dado mais destaque às características morfológicas do verbo. Todavia, por se tratar de uma videoaula para publicação em uma plataforma digital, que solicita brevidade, no final, o *edutuber* esclarece que em outros vídeos educacionais acerca dos verbos detalhará mais e apresentará exemplos retirados de usos das situações reais. Assim sendo, percebemos uma inclinação do professor para o ensino de uma gramática contextualizada, que a partir de Antunes (2014, p. 47) é compreendida como uma gramática que não perde de vista a dimensão global do texto, com seu eixo temático, seu propósito comunicativo, suas especificidades de gênero, os interlocutores previstos, o suporte etc.

A videoaula 2 (Apêndice J) aborda o estudo do presente verbal. Por isso, no início, o docente reflete sobre o tempo verbal, ao passo que declara que “na

gramática conhecemos bem o estudo do presente. Mas, e na comunicação? Bem, logo de início, podemos ver que o presente é aquele que representa o agora. Por exemplo, “os alunos olham para o quadro”. Mas será que o presente é apenas utilizado para coisas do momento?” (Caminhos da linguagem, 2018).

Após refletir e desconstruir a definição possibilitada pela GT, o *edutuber* apresenta os tipos de presente, sendo eles: presente habitual (ações que são realizadas regularmente), presente permansivo (ações ou estado que permanece em curso por um tempo relativamente longo) e presente universal (fatos incontestáveis). Como apontam as gramáticas tradicionais mais atuais e as gramáticas funcionalistas, a categoria tempo está vinculada intrinsecamente à categoria aspecto, uma vez que esta leva em conta a ação expressa pela categoria do verbo com base no falante, como aponta Cunha e Cintra (2017). Na gramática de Neves (2000, p.63), estes são chamados de verbos aspectuais, que podem configurar aspecto inceptivo, cursivo, terminativo, resultativo, iterativo, entre outros, que no curso do evento podem formar os outros tantos aspectos.

Sobre o presente habitual (do modo indicativo), o professor conceitua-o como o que “reflete um hábito que não está preso dentro de um momento, pelo contrário é algo que atravessa o passado, o presente e o futuro” (Caminhos da linguagem, 2018). E exemplifica com a sentença “Faço ginástica todos os dias” (Caminhos da linguagem, 2018). Para apresentar o presente permansivo, Prosa Junior exhibe a oração retirada de um provérbio popular “Quem canta seus males espantam” (Caminhos da linguagem, 2018), em seguida, afirma que este “é o presente que reflete não apenas o momento, na realidade, é um presente que passa por gerações” (Caminhos da linguagem, 2018). Com relação ao presente universal, o *edutuber* diz que este “reflete o conhecimento que é amplamente difundido para uma gama de pessoas” (Caminhos da linguagem, 2018). E, a título de curiosidade, afigura

Alguns estudiosos colocam estes três usos do tempo verbal presente com único nome: presente permansivo, porém, outros estudiosos denominam com nomes diferentes, de acordo com a situação comunicativa. O que, para nós do “Caminhos da linguagem” é mais interessante, poder estudar o presente de acordo com as situações de comunicação (Caminhos da linguagem, 2018).

Como suas aulas são alicerçadas na perspectiva funcional, ele utiliza de notícias para analisar os tipos de verbos citados acima. Nele, o profissional apresenta o presente narrativo, como podemos observar no exemplo a seguir.

vamos conhecer agora o uso do presente também na mídia. Agora pense nessa notícia: “Itália vira o jogo e Brasil está fora do torneio.” Bom, na realidade a Itália virou o jogo, isso já aconteceu, não é? Seria um passado? Aqui nós temos o uso do presente no lugar do passado para trazer uma ideia de atualidade para sentença que está sendo proferida. Esta técnica é muito utilizada pelo jornalismo, para que os leitores pensem que estão lendo uma notícia fresquinha. Os estudiosos, chamam esse tempo presente de presente narrativo que é utilizado para trazer vivacidade para as histórias contadas. Agora uma situação que acontece muito no dia a dia, quando falamos para as pessoas: quando eu voltar eu te conto. Bom, não seria: quando eu voltar eu te contarei? Bom, aqui é uma outra troca. Nós trocamos o futuro pelo presente e essa intenção comunicativa é para aproximar a pessoa do fato que irá acontecer (Caminhos da linguagem, 2018).

Ainda ao falar do presente verbal, na sequência, o professor aborda o do modo subjuntivo. Para isso, ele sugere que os discentes imaginem uma situação em que

está saindo do seu curso e vê uma moça que está sozinha no ponto de ônibus. E pensa, vou ajudá-la, vou saber se ela está bem. E pergunta: “tá tudo bem moça?” Ela disse: “tudo, estou esperando o carro que me leva para casa.” Agora vamos substituir apenas o verbo desta oração. Estou esperando o carro que me leve para casa, será que o sentido mudou? Com certeza, agora nós temos um sentido bem diferente, na oração número um parece que ela tem mais segurança que alguém vai buscá-la. Na dois, ela está um pouco perdida e está precisando, quem sabe, de uma carona. Temos aqui a demonstração de dois modos temporais. Na frase um: estou esperando o carro que me leva para casa, temos o presente do indicativo que demonstra sempre certeza e segurança, já na oração número dois nós temos o modo subjuntivo, o presente do subjuntivo, que expressa incertezas. Estou esperando um carro que me leve para casa. É o talvez que demonstra para nós a incerteza do nosso dia a dia (Caminhos da linguagem, 2018).

No final da videoaula, o docente afirma que o estudo dos tempos verbais na comunicação ampliará ainda mais a capacidade de interação e de persuasão dos educandos, garantindo-lhes um bom resultado na prova do ENEM (pois esse tipo de estudo tem aparecido muito no exame) e na área profissional escolhida. (Caminhos da linguagem, 2018), tendo em vista que esse tipo de avaliação vislumbra os verbos tanto em suas propriedades sintáticas e semânticas quanto às pragmáticas, ao passo que nos faz compreender de forma abrangente os diversos usos do verbo e

os inúmeros aspectos que se agregam para a produção dos enunciados linguísticos (Bagno, 2011).

Por sua vez, no que diz respeito à aula sobre o passado verbal (Apêndice K), vale ressaltar que a aula não foi ministrada por Prosa Junior em virtude de um problema de saúde, mas sim por uma professora convidada. Explanou-se que se trata de uma ação que “já foi realizada, ou seja, infinita” (Caminhos da linguagem, 2018). Para exemplificar e distinguir o pretérito perfeito, o pretérito imperfeito e o mais-que-perfeito do indicativo, a docente informa que

quando dizemos que uma ação foi realizada ela é perfeita e por isso chamamos de **pretérito perfeito**. O pretérito perfeito é conhecido como ontem, utilizamos para aquelas coisas que já foram na nossa vida, página virada. Agora vejamos esta outra afirmação: minha avó fazia um bolo que era uma delícia. E agora? Será que ela fez um bolo só? Parece que a pessoa se refere a um tipo de bolo, não é mesmo? E pelo jeito que o bolo era gostoso, parece que ela fez mais de uma vez, não é? Então, aqui diferente da afirmação anterior não temos uma ação acabada, mas algo que aconteceu mais de uma vez no passado. Por isso, não posso dizer que algo acabado, perfeito, por esse motivo chamamos este tempo verbal de **pretérito imperfeito**, pois é algo que teve uma continuidade. [...] As pessoas então faziam várias encomendas de bolo para ela, porém, como minha avó era muito competente, sempre deixava um ou dois bolos prontos. Então, quando o cliente encomendava o bolo, ela já tinha feito. Agora vamos pensar juntos, o cliente encomendou esse bolo no passado ou no presente? No passado, e a minha avó, ela fez o bolo antes da encomenda. Então, a ação de fazer um bolo aconteceu e um passado antes de outro passado. Então, esta ação não é só perfeita, ela é muito mais que perfeita, este é o **pretérito-mais-que-perfeito**, que é usado para referir a ações que aconteceram no passado antes de outro passado. E o passado do passado. Podemos utilizar o pretérito-mais-que-perfeito na sua forma composta, como mostrado na frase, ou na sua forma simples, quando o cliente encomendou o bolo e a minha avó já o fizera. O pretérito-mais-que-perfeito é muito usado para expor situações em que se perdeu algo como: quando chegamos todo mundo já tinha jantado, ou em situações para demonstração de proatividade como no caso da minha avó (Caminhos da linguagem, 2018).

Ao falar do pretérito do subjuntivo, ela retoma o exemplo da avó e, de forma breve, expõe:

Vamos imaginar que a fama dela como doceira se espalhou por todo lugar. Então, quando havia uma reunião de família ou amigo, e se minha avó fizesse um bolo, todo mundo comia. Aqui entramos pelo caminho de algo que ainda não aconteceu, mas que se acontecesse ocorreria outra coisa. Este é o pretérito do subjuntivo. O subjuntivo está sempre ligado à incerteza como, por exemplo, uma suposição. Também podemos usá-lo nas situações em que temos uma condição de desejos (Caminhos da linguagem, 2018).

Na aula, percebemos o uso das categorias discursivas do verbo, ao passo que a concepção de língua e gramática que norteia a aula do canal compreende o verbo como a palavra (i) que introduz participantes no texto, via processo da apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo da predicação; (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos, como exposto por Castilho (2014, p. 396).

Por fim, a última videoaula analisada do canal Caminhos da linguagem é sobre o futuro do verbo. Na aula, são ensinadas as variantes do futuro verbal dentro do processo da comunicação. No início da aula, o professor multiplataforma explana, por meio da análise da frase “Irei a Cuiabá.”, como acontece o futuro do presente.

vamos imaginar uma situação: Irei a Cuiabá amanhã. Então, veja lá na nossa reta. Vamos colocar uma parte da sentença em um ponto aí no meio. Irei à Cuiabá, nesse pontinho aí no meio, beleza? Agora vamos refletir um pouquinho. Eu estou dizendo que eu irei à Cuiabá hoje ou no futuro? O momento da fala eu estou falando no futuro, ou estou falando no presente? No presente, né? Eu estou dizendo hoje no presente que no futuro eu irei à Cuiabá. Eu parto do presente para o futuro, é por isso que o nome desse tempo verbal é futuro do presente, porque ele parte do presente para o futuro (Caminhos da linguagem, 2018).

Já para conceituar o futuro do pretérito é explicitado que este é “o futuro que parte do passado, porque ele faz parte do pretérito para ir para o futuro” (Caminhos da linguagem, 2018). As Gramáticas Tradicionais relacionam esse tempo às noções de uma ação que irá acontecer em relação a outra ação que já aconteceu. Com o intuito de levar os discentes à reflexão do uso do futuro do pretérito, o *edutuber* apresenta a seguinte situação

O futuro do pretérito também é utilizado para diferentes situações de comunicação. Veja aí! Seria correto fazermos dessa maneira? (Situação de dúvida); não sei se aquele acontecimento faria nosso atleta desistir. (Dúvida no passado); Se ganhasse na loteria, poderia fazer tudo o que quisesse (possibilidade). Aceitaria uma xícara de café? (um discurso polido, suavizar o discurso). Esse uso do futuro do pretérito o conecta com diferentes situações de comunicação que vão muito além apenas da função inicial que eu tinha mostrado para vocês (Caminhos da linguagem, 2018).

A partir das discussões e dos exemplos expostos até aqui, percebe-se que nas videoaulas do docente as definições da GT são consideradas, dado que sua sistematização se faz necessária para o estudo dos recursos linguísticos. Entretanto, não faz dela a principal abordagem linguística para a realização do estudo da língua em suas aulas. A abordagem de língua e de gramática assumida pelo *edutuber* pode

ser vinculada a uma compreensão de ensino que promove a formação do *mindset* de crescimento dos estudantes, dado que estimula seu pensamento crítico e reflexivo. Ao formular esse tipo de mentalidade, o docente desenvolve diversas habilidades, isto é, as aptidões do aluno, dentre elas, a capacidade da resiliência e a busca por desafios cada vez maiores, objetivando o seu potencial. Portanto, as reflexões propostas no decorrer da aula, mesmo apresentando exemplos soltos de textos reais, por conta da brevidade, possibilitam, de certo modo, que os alunos assumam uma postura mais ativa no que diz respeito aos usos da língua em suas interações reais, além do desenvolvimento do estudo para situações pontuais como a resolução de exercícios de provas que manifestam a mesma perspectiva linguística, por exemplo, o ENEM.

Na última seção deste estudo, voltaremos nosso olhar para as estratégias de gatilhos mentais utilizadas pelos *edutubers* dos canais educacionais de Língua Portuguesa selecionados. Essas estratégias são muito utilizadas pelo marketing, a fim de atrair os consumidores aos produtos oferecidos pelas empresas. No caso da Plataforma de vídeos *YouTube*, sobretudo nas videoaulas disponibilizadas pelos profissionais da educação multiplataforma, é notório o emprego desses recursos para a captação dos estudantes da educação básica, vejamos.

4.2 O IMPACTO DOS *EDUTUBERS*: OS PRINCÍPIOS DOS GATILHOS MENTAIS SOBRE OS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NA PLATAFORMA *YOUTUBE*

Nas discussões tecidas durante todo este estudo, já se evidenciou que a esfera social educacional, principalmente após o surgimento da cultura digital e das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), foi se transformando significativamente. Com isso, novas possibilidades para o ensino-aprendizagem dos diversos componentes curriculares estão surgindo nos mais diferentes contextos, sejam eles físicos ou virtuais.

No meio de tantas ferramentas digitais, destaca-se a plataforma de vídeos *YouTube*, tida como um dos *softwares* mais populares e acessados do mundo. Seu uso permite que o indivíduo crie, compartilhe e/ou consuma conteúdos, inclusive os educativos, produzidos em qualquer parte do mundo. Por isso, o recurso digital tem um grande potencial para assegurar a democratização ao acesso do conhecimento,

além de promover a autonomia dos alunos na busca do conhecimento, como postula a educação ubíqua. Santaella (2010, p. 19) afirma que a aprendizagem dispensada por meio da educação ubíqua se vê livre das restrições de tempo e espaço, precisando apenas que o discente tenha disponível um *smartphone* ao seu alcance. Ela pode ser utilizada, por exemplo, na modalidade da Educação a Distância (EaD), tanto para uma educação formal quanto para uma educação técnica.

Assim, encontramos disponíveis na plataforma materiais pedagógicos, as videoaulas (gênero discursivo digital emergente), que se ocupam dos diversos componentes curriculares, elaborados, como já citado em partes anteriores deste texto, pelos *edutubers*. No *YouTube* existem dois tipos de videoaulas, um produzido por professores certificados pela plataforma, os quais fazem parte do *YouTube Edu*, outros criados por indivíduos comuns, podendo ser ou não professores, que não possuem canais credenciados na plataforma. Nesses dois pêndulos, são perceptíveis distinções quanto ao uso de alguns recursos tecnológicos que compõem a configuração dos canais. As videoaulas combinam a linguagem oral e escrita, a verbal e a não verbal e possibilita uma nova proposta de ensino, o ensino virtual, que além de promover o ensino-aprendizagem dos educandos, viabiliza a venda de cursos, produtos e serviços e a própria imagem do responsável pelos canais (Mussio, 2016, p. 341-345), propiciando, dessa forma, a monetização da educação. A comercialização dos conteúdos produzidos para o *YouTube* pode ser entendida como movimento perigoso, visto que pode tanto impactar o papel do professor de sala de aula quanto o processo de aprendizagem dos estudantes. Sendo uma das consequências dessa afirmativa, a falta de interesse dos estudantes pelo processo de aprendizagem em sala de aula, tendo em vista que estes acreditam ser capazes de assimilar os conteúdos em dez minutos.

As videoaulas muitas vezes se organizam em torno de uma mesma disposição organizacional: a saudação inicial do *edutuber*, a apresentação do docente e do conteúdo pedagógico sugerido para a discussão (a categoria do verbo), o desenvolvimento do conteúdo programático com exemplificações e, enfim, a saudação final. Essa estratégia faz parte da estrutura do gênero, que necessita de organização sistemática em virtude da sua brevidade, ou seja, do curto tempo

de duração da aula. Além do mais, a tática possibilita ainda mais a monetização do conteúdo, uma vez que por poderem assistir onde e quantas vezes quiserem o mesmo vídeo, já que este é breve, os estudantes, a cada acesso, aumenta o número de visualizações.

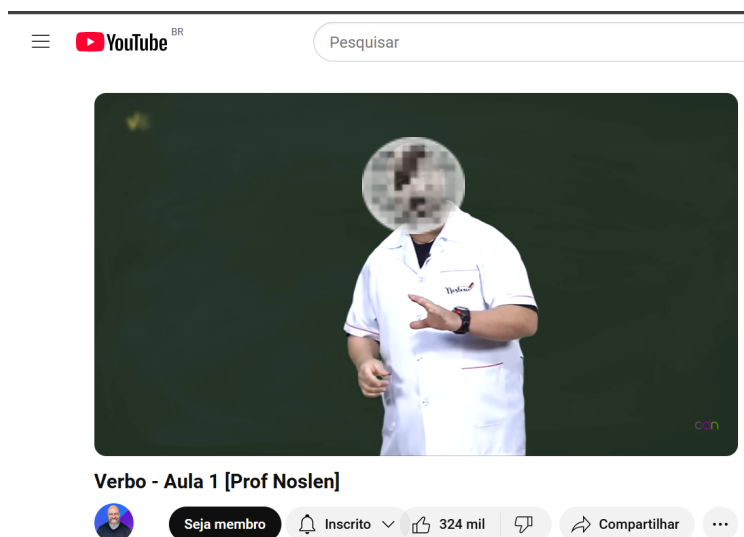
Objetivando a disseminação e monetização dos conteúdos, os *edutubers* utilizam de “inúmeros recursos, como montagens de cenário, aperfeiçoamento da postura vocálica, utilização de expressões típicas do discurso pedagógico, técnicas de marketing, constituição do seu *ethos* enunciativo [...]” (Mussio, 2016, p. 345). Dessa maneira, com base na psicologia social e nos estudos cognitivos da linguagem, denominaremos esses recursos de gatilhos mentais, que, segundo Cialdini (2021, p. 15), se configuram como princípios psicológicos fundamentais que guiam o comportamento humano, sendo eles: reciprocidade, afeição, aprovação social, autoridade, escassez, compromisso e consistência, unidade. Como já visto, o cérebro faz uso desses estímulos (podendo ser verbal ou não verbal, oral ou escrito) para induzir o sujeito a tomada de decisão rápidas, na maioria das vezes, de forma inconsciente. Esse movimento cognitivo faz com que o desgaste mental seja evitado.

Nas videoaulas avaliadas, notamos constantemente o uso desses atalhos (gatilhos mentais), seja nas falas (discurso verbal ou escrito), seja no uso de ferramentas e adereços⁵, por exemplo, dos *edutubers*. O uso deles é totalmente inclinado para a captação dos indivíduos que “navegam” pelo *YouTube* em busca de conteúdos pedagógicos. Os professores demonstram-se como autoridades quando se trata dos conteúdos por eles ministrados, por isso, utilizam de seus títulos, roupas e paramentos para conferir-lhes confiabilidade (Cialdini, 2021, p.17). Ao utilizar de seu título de professor, os *edutubers* se autointitulam “o (a) melhor professor (a) do *YouTube*”, como podemos constatar nas apresentações dos canais da plataforma. O professor Noslen, como observado na imagem abaixo, para acionar o gatilho nos discentes, o docente, na maioria das aulas digitais, vale-se do

⁵ Outros elementos podem ser analisados, como cor, som, tom de voz entre outros. Todavia, neste recorte da pesquisa, poucos recursos serão.

uso de jaleco⁶, que faz referência à profissão neoliberal de médico, o intitulado doutor pelos indivíduos da sociedade.

Figura 20- Gatilho da autoridade através das roupas



Fonte: YouTube, jan., 2025.

De acordo com Cialdini (2021, p. 231), as roupas são um tipo de símbolo de autoridade tangíveis que possibilita a nossa obediência mecânica, por isso o docente, na tentativa de atrair os alunos ao seu canal, faz uso de tal recurso. A professora Pamba também utiliza dos recursos persuasivos. Em seus vídeos, a *edutuber* está sempre bem vestida, utilizando ternos ou camisas de manga longa, pois, consciente ou inconscientemente, ela compreende que por simbolizarem status, as “roupas elegantes e caras têm uma aura de sucesso e posição econômicas” (Cialdini, 2021, p. 234). Por isso, “as pessoas não resistem a pedidos de figuras vestidas como autoridade” (Cialdini, 2021, p. 231). Assim, na perspectiva dos *edutubers*, os recursos serão essenciais para a conquista dos estudantes.

⁶ Esse vestuário também é utilizado por professores que lecionam em instituições mais conservadoras/tradicionais.

Figura 21- Gatilho da autoridade através dos paramentos

Fonte: *YouTube*, jan., 2025.

Outro fator utilizado para acionar o gatilho da autoridade nos estudantes inscritos nos canais é a credibilidade. Cialdini (2021, p. 237) afirma que “as pessoas em geral ficam felizes, até ansiosas para seguir as recomendações de alguém que sabe mais do que elas do assunto em questão”. Para isso, os *edutubers* Noslen e Pamba, por serem credenciados na plataforma YouTube, possuem uma placa disponibilizada pela plataforma para os canais que possuem grande número de inscritos, e, por consequência, os mais confiáveis. Por esse motivo, eles são tidos especialistas confiáveis quando o assunto é o estudo da língua portuguesa. A partir disso, os professores aumentam sua capacidade de influência. O canal “Caminhos da linguagem”, pela baixa procura e pela pouca quantidade de inscritos, não recebeu a placa. Ao nosso ver, esse canal, por não fazer parte do *YouTube Edu*, não é disseminado de igual modo pelo *software*, garantindo-lhe a não confiabilidade do canal.

A incessante busca pelos canais dos *edutubers* confere o acionamento do gatilho da aprovação social, que se configura como o princípio que depende do olhar do outro para decidir como agir ou no que acreditar (Cialdini, 2021, p. 209). Parte dos canais da plataforma analisados possuem um grande número de inscritos. Noslen possui o maior número de inscritos no *YouTube*, o que faz do seu canal o mais conhecido no que se refere ao ensino de língua portuguesa, com aproximadamente 5.000.000 (cinco milhões) de associados. A Pamba apresenta

mais de 2.500.000 (dois milhões e quinhentos) inscritos. Fazendo dela, nesta pesquisa, a segunda *edutuber* mais buscada na plataforma. Os dois professores possuem as melhores instalações e os melhores equipamentos tecnológicos para as gravações das videoaulas. Aqui, percebemos uma das condições do princípio mental observado, a semelhança entre os canais, que servem de otimizador do gatilho. De acordo com Cialdini (2021, p. 176) nossa confiança aumenta quando percebemos que as ações são semelhantes. Em discrepância com estes, Prosa Junior, do canal Caminhos da linguagem, possui aproximadamente 75.000 (setenta e cinco mil) inscritos. O número de inscritos afiança a baixa popularidade do canal, ou seja, sua pouca aprovação social.

Um dos fatores que concede popularidade aos canais e dos seus responsáveis é a afetividade, visto que, para esse gatilho, as emoções humanas nos direcionam a consentir facilmente as outras pessoas (Cialdini, 2021, p. 89). Nas videoaulas examinadas identificamos o estímulo desse gatilho em vários momentos, seja nas saudações iniciais, seja no meio da explanação do conteúdo, quando os *edutubers* exemplificam o conteúdo ou chamam a atenção dos estudantes. Nas saudações iniciais, cada docente utiliza de uma expressão para se dirigir aos estudantes, uma espécie de nominar o grupo de estudantes que desfrutam de seus vídeos, a fim de aproximá-los e garantir sua fidelidade ao canal. O Noslen faz uso da palavra “moçada”, a Pamba, “pupilinhos”, e o Prosa Junior alude a eles como “caminhantes”, fazendo referência ao nome do seu canal.

Com esse movimento, os *edutubers* conquistam o carinho e o afeto dos alunos, pois, com os apelidos dados, os estudantes deixam de ser apenas consumidores dos conteúdos e passam a ser “amigos” dos professores. Com isso, os *edutubers* iniciam o processo persuasivo para fazer com que os alunos gostem deles. Cialdini (2021, p. 100) declara que inúmeras empresas e profissionais estrategicamente tornam-se “amigos” de seus clientes e dos amigos desses visando conseguir seu “sim” irrefletidamente. Ainda operando o gatilho da afetividade, os docentes persuadem os educandos por meio de uma linguagem acessível (coloquial) e repleta de entretenimento. Observamos na fala do Noslen (citação 1), da Pamba (citação 2) e do Prosa Junior (citação 3).

Pessoal, tranquilo até aqui? Essa primeira parte de verbos foi só pra gente conhecer um pouco mais sobre a conjugação verbal bem de boa, numa boa. Na próxima parte a gente vai entrar no outros detalhezinhos pra gente

arrematar essa parte de verbo que não é nada complexo, nada complicado. Tranquilo aqui, gente? Fácil ? Sussa quem nem musse? Leve como a neve? De boa na lagoa? Pessoas, eu queria aproveitar para dizer para vocês assim, cara o comentário de vocês aqui, cara, tá sensacional! Velho, eu me emociono cada vez que eu vejo um... cara, verdade velho! Continua aqui, continuou com a gente! Tamos juntos até o final (*YouTube*, 2016).

Fala, pupilinhos! Tudo bom com vocês? E bora lá, eu não sei se eu estou pronta fisicamente, emocionalmente para esta aula, pois é, aí eu falei assim, falei para minha filha. Minha filha que está aqui em meu ventre quase saindo, eu falei: filha, vou montar uma aula sobre vozes verbais, os alunos clamam, os alunos tiram a roupa, giram camisa no ar, falando: “professora, faça aula de vozes verbais” (*YouTube*, 2020).

Esse vídeo foi mais rapidinho, mais tranquilo para que a gente possa começar a introduzir o assunto do verbo. Você tem alguma dúvida a respeito do verbo? Deixe aqui nos comentários, você pode mandar um e-mail para mim e entrar nas nossas redes sociais Um grande abraço para você, fique com Deus, e até a próxima! (*YouTube*, 2018).

Outro gatilho afetivo empregado é acionado por meio das vinhetas (apresentação curta que exhibe uma mensagem publicitária) dos canais. Através delas, os docentes estimulam os estudantes a sempre que as escutar, lembrem-se do *edutuber* e, conseqüentemente, dos materiais disponibilizados gratuitamente pelo profissional na plataforma.

A gratuidade das videoaulas mobiliza nos discentes o gatilho da reciprocidade, sendo este, conforme Cialdini (2021, p.39), o gatilho mais poderoso para o marketing. Ao oferecer vídeos educacionais curtos que aparentemente sanaram as dificuldades apresentadas pelos discentes, estes, muitas vezes de maneira inconsciente, se sentem na obrigação de retribuir a gentileza com a simples ação de se inscrever, ou seja, fazer parte do canal. Podemos observar o acionamento do gatilho, também, na fala dos *edutubers*, no momento em que no início ou no final de cada aula, ou, até mesmo no meio da explicação do conteúdo, em forma de apelo, solicitam que os estudantes se inscrevam e ativem o sininho para receber as notificações das atualizações do canal. Vejamos, abaixo, na fala do professor Noslen:

Assim, eu queria poder mandar abraço, todo mundo me pede um abraço, mas eu vou fazer o seguinte, vou mandar um abraço geral pra moçada. Então, não se esqueça de se inscrever. Então pessoas, continuem aqui clicando, compartilhando, curtindo, assistindo às aulas, estamos juntos! Até a próxima, abraço! (*YouTube*, 2016).

No discurso da *edutuber* Pamba também fica evidente o uso do gatilho da reciprocidade. Logo no início da videoaula, apelando para que os alunos assistam ao vídeo até o final, pois ajuda na monetização do vídeo, declara:

Vamo lá! Se só isso já não vale seu like agora. Só a minha loucura aqui já vale seu like. Mas, é sério, senta o dedão no like, que é importante para entender que você gosta do meu modelo de aula e assim eu consigo produzir cada vez mais materiais e aulas gratuitamente para você, beleza? E nem deixe de se inscrever no canal, clica nesse botão vermelho e no sininho. Um dos conteúdos que mais gera dúvidas e cai muito em provas. Cai muito, gente! Concurso público, vestibular adora esse assunto aqui. Porque o pessoal confunde, e não é difícil. Essa que é a coisa, não é? Um assunto difícil, mas chega na hora da prova, a gente fica cego. Eu vou mostrar para você algumas dicas, algumas técnicas para que você não erre mais, tá bom? (YouTube, 2021).

No trecho acima, o gatilho da reciprocidade se atrela aos gatilhos da autoridade e da afetividade, objetivando a permanência do estudante na página da plataforma. Notamos que em comparação com os outros *edutubers*, a professora Pamba é a que mais utiliza dessa estratégia mental. O *edutuber* do canal “Caminhos da linguagem”, nas aulas digitais examinadas, não empregou esse gatilho no viés da gratuidade nos estudantes. Talvez, essa não utilização faça com que o canal não possua um número significativo de inscritos e não seja disseminado em grande escala na plataforma. Utilizando desse atalho mental, os *edutubers* promovem sua imagem e a venda de seus produtos pedagógicos. Sua operação nas videoaulas disponibilizadas visa a venda de seus cursos e materiais didáticos ofertados em seus *websites*.

Ao nosso ver, o gatilho da reciprocidade proporciona o acionamento de mais um gatilho, que Cialdini denomina de “Compromisso e coerência” (2021, p. 301), uma vez que as pessoas tendem a querer parecer coerentes em suas palavras, crenças, posições e ações. Sendo assim, para manter a coerência, os estudantes buscam sempre os mesmos profissionais para “curar” suas dificuldades, o que faz com que não necessitem buscar por outros canais, pois aquele já se mostrou eficaz em outras situações semelhantes anteriores. Para se fazerem coerentes, os discentes se comprometem, ainda que sem refletir, com os *edutubers*, promovendo

a obediência a todos os pedidos e ordens dos docentes. Também identificamos o referido atalho no número de visualizações das videoaulas trazidos no quadro 5.

Identificamos a ativação do gatilho da escassez em seus *websites*. Embora não sejam objeto de pesquisa para este estudo, consideramos relevante sua apresentação. Cialdini (2021, p. 256) assevera que “as pessoas parecem ser mais motivadas pela ideia de perder alguma coisa do que pela ideia de ganhar algo de valor igual”. À vista disso, notamos que os *edutubers* operam o gatilho nos educandos, com a finalidade de engatilhar os estudantes que buscam, ao fazerem sentir que os cursos oferecidos possuem número limitado de inscritos ou quando exibem um cronômetro afirmando ser os últimos minutos para a aquisição do produto disponível na promoção na aba inicial da página dos *websites*.

Depois do exposto, podemos constatar que os *edutubers*, em suas práticas pedagógicas e de marketing, disparam inúmeras categorias dos gatilhos mentais nos estudantes, com o intuito de fidelizar os alunos e monetizar cada vez mais os vídeos disponíveis em seu canal do *YouTube*. Contudo, os princípios persuasivos, como mencionado, são muito utilizados pelo marketing para a promoção e venda de produtos. Nesse ponto, evidenciamos algo que consideramos problemático para esta discussão: a capacidade e o poder dado pela internet do professor de ter 5 milhões de potenciais alunos/ consumidores ao mesmo tempo. É inegável que, nestas circunstâncias, este não se importará com as especificidades educacionais de cada aluno e, por sua vez, com a qualidade dos conteúdos ensinados, pois se tornaria tarefa inalcançável. E, o mais grave, ao esvaziamento da importância do conhecimento significativo, que propicia sentido ao que está sendo aprendido ao invés de apenas memorizá-lo de forma mecânica, como percebido na atividade docente de alguns *edutubers*. Indo de encontro ao que pregam os *edutubers*, aprender demanda mais do que cinco minutos, uma vez que a informação necessita de tempo para ser acomodada e ressignificada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA SE MANTER ATUALIZADO, “ATIVE O SININHO”

É inegável o impacto das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na sociedade, tendo em vista que estas proporcionam relevantes alterações praticamente em todos os âmbitos e aspectos do cotidiano. Por meio delas, os indivíduos redefiniram profundamente suas rotinas e suas relações sociais, porque elas auxiliam desde o modo que nos comunicamos atualmente, até a forma como acessamos as muitas informações. Em vista disso, o uso de inovações como a internet, os *softwares*, os *smartphones* e as redes sociais, sem dúvidas, facilitaram o acesso à busca do conhecimento e, definitivamente, nos aproximaram enquanto sujeitos. Entretanto, vale salientar que este impacto não apresenta apenas um lado positivo, visto que o uso delas pode causar riscos como o uso excessivo dos dispositivos tecnológicos e aumento da desigualdade digital. Essa discussão tem estado presente cada vez mais na sociedade atual, principalmente após a implementação da Lei nº 15.100/2025, que restringe o uso do celular em escolas públicas e privadas brasileiras.

Sobretudo para os nativos digitais (Prensky, 2001), tais ferramentas são indispensáveis para o desenvolvimento de diversas tarefas, inclusive, as ligadas à esfera educacional, tendo em vista que eles consideram tudo o que se distancia da modernização digital como obsoleto. Por isso, a fim de tornar mais simples e dinâmica a aprendizagem, estão sempre recorrendo a recursos digitais como jogos educacionais interativos, aplicativos educacionais, a plataforma de vídeos *YouTube*, entre outros. Por esse motivo, a escola não pode se manter alheia à questão, pois esta também está inserida no mundo em que o digital impera. Assim, os documentos oficiais da educação, ao se darem conta da nova e atual realidade, incluíram em suas diretrizes o letramento digital dos educandos. Como finalidade, a promoção do uso das mais diversas ferramentas digitais no cotidiano, de forma consciente e responsável, compreendendo suas implicações éticas, sociais e culturais (Brasil, 2018).

No decorrer deste estudo percebemos que os estudantes ordinariamente consomem as videoaulas disponibilizadas nos canais educacionais dos *edutubers* do componente Língua Portuguesa. Constata-se essa afirmação, por exemplo, pelos grandes números de usuários inscritos nos canais da plataforma. A busca pelas

aulas digitais disponibilizadas gratuitamente no *YouTube* aparentemente se dá pelo fato das aulas presenciais que acontecem nas salas de aula física serem consideradas monótonas e apáticas, fazendo com que os estudantes percam o interesse nos conteúdos ministrados e, por isso, não desenvolvam suas habilidades linguísticas de modo significativo.

Por outro lado, as aulas digitais difundidas pelos *edutubers* oportunizam dinamicidade, interatividade, mesmo que mínima, e brevidade. Valendo-se desses elementos atrativos e propondo sanar as dificuldades pedagógicas dos educandos, os profissionais multiplataforma despertam intensamente o interesse deles por meio da utilização de técnicas psicológicas (os gatilhos/ atalhos mentais) que estimulam a persuasão dos possíveis clientes, ou seja, dos alunos, em especial, dos estudantes da educação básica, por ser o foco deste estudo. Com o auxílio desses recursos psicológicos, os *edutubers* encontraram uma forma de commodificar a educação, a partir da venda de produtos pedagógicos (videoaulas do *YouTube*, materiais didáticos, cursos de aperfeiçoamento de língua portuguesa).

Por meio da análise dos dados, muitas vezes utilizados simultaneamente, apontamos para o acionamento de 6 (seis) gatilhos mentais nos educandos. O da autoridade, apresentado no uso das roupas (jaleco do Noslen) e paramentos (vestimentas da Pamba e do Prosa) dos *edutubers*, na autointitulação de “melhor professor de língua portuguesa” ou “de melhor canal de língua portuguesa do país”, e ainda na confiabilidade de fazer parte da equipe do *YouTube Edu*, onde apenas professores credenciados estão presentes. Outro gatilho é a afeição, acionado quando os profissionais utilizam de termos que denotam afetividade (“moçada”/“moçadinha”, “pupilinhos”, “caminhantes” para se referir aos estudantes no decorrer das aulas, e na linguagem escolhida para ser utilizada nas explanações (geralmente informal, com gírias, reduções etc.). Além disso, percebemos o gatilho nas mensagens finais (as despedidas) das videoaulas.

O gatilho da aprovação social foi identificado na quantidade de inscritos nos canais da plataforma dos professores, o que denota a popularidade deles, um com mais de 5.000.000 (cinco milhões de inscritos), outro com mais de 2.000.000 (dois milhões de inscritos), e o último com mais de 70.000 (setenta mil inscritos). Embora haja discrepância entre o número de usuários dos canais, ainda assim, notamos que os *edutubers* possuem o apreço social, principalmente dos estudantes da educação básica ou dos que pretendem realizar concursos. Observamos também a operação

do gatilho da reciprocidade, o que chamamos de gratidão, nas videoaulas, mobilizado principalmente na atitude dos docentes dos canais disponibilizarem aulas digitais gratuitas e, em alguns momentos, exercícios de fixação no final da aula. A estratégia mental do compromisso e coerência foi ativada juntamente com os gatilhos da reciprocidade e da aprovação social, o qual foi observado no número de visualizações das videoaulas. Por fim, o último gatilho mental constatado, a escassez. Como aludido, essa categoria cognitiva não foi observada nas aulas, mas sim na análise dos *websites* dos *edutubers*, ao pressionar os estudantes a adquirir os produtos com a falsa declaração do desprovimento dos recursos por meio de cronômetros digitais expostos na página inicial dos sites.

A respeito das tendências pedagógicas utilizadas para a ministração das aulas sobre a categoria gramatical dos verbos no *YouTube*, verificamos que as práticas pedagógicas de alguns dos docentes não se distanciam daquelas utilizadas pelos professores tradicionais. Embora recorram ao uso de tecnologias (televisão, lousa digital, tablet) na sua *práxis*, as aulas continuam sendo simples repositórios de conceitos e exemplificações, incrementadas, às vezes, com dancinhas e paródias, tendo como finalidade a memorização do conteúdo gramatical, como observado na postura da professora Pamba e do Professor Noslen. Difere desta, a prática do professor Prosa Junior, que mesmo com poucos recursos digitais, promove um ensino significativo de língua materna, permitindo que os estudantes reflitam acerca do conhecimento apresentado.

Quanto às perspectivas linguísticas assumidas pelos *edutubers*, constatamos que dois *edutubers* (a professora Pamba e o professor Noslen) defendem o ensino tradicional de língua materna. Portanto, pautado na concepção de língua defendida por Geraldi (1984) como expressão de pensamento. As aulas são extremamente gramaticais, fixando-se principalmente nos aspectos morfológicos (identificação e nomenclatura) e sintáticos (predicado) do verbo, adotados pela gramática normativa. Não evidenciamos tal abordagem como negativa, tendo em vista que as regras apresentadas pela GT são relevantes para a sistematização da língua. No entanto, o perigo está justamente em tomarmos essas regras como únicas e imutáveis, desconsiderando os usos da língua na interação de um produtor intencional em contato com seu interlocutor, ou como se as categorias gramaticais não fizessem parte do discurso.

À vista disso, concebemos que o *mindset* desses dois *edutubers* é fixo. Por isso que eles apresentam uma prática pautada no desenvolvimento do *mindset* fixo dos estudantes, pois esta não estimula a capacidade reflexiva e de resiliência.

O terceiro canal avaliado, “Caminhos da linguagem”, organizado pelo *edutuber* Prosa Júnior, vai na contramão da perspectiva de ensino de língua defendida pelos *edutubers* mencionados anteriormente. Com aulas que se aproximam da concepção de língua como interação social, a qual advoga a linguagem como elemento de mediação das práticas sociais (Geraldi, 1984), o *edutuber* utiliza de frases retiradas do cotidiano para analisar linguisticamente o elemento gramatical do verbo, evocando conceitos que extrapolam os limites da gramática normativa. Em função disso, as videoaulas tomam para si um caráter funcionalista da linguagem, e atrela-se à concepção de Geraldi, com a pretensão de compreender as relações existentes entre a língua e o contexto discursivo, como proposto nos documentos oficiais educacionais. Assim, asseguramos que a perspectiva assumida pelo canal do Prosa Junior permite o desenvolvimento do *mindset* de crescimento dos alunos que buscam suas videoaulas, dado que oportuniza um ensino mais significativo acerca dos usos da língua, suscitando sempre melhorar suas habilidades. A postura de desenvolver seu fazer docente revela também o *mindset* do próprio *edutuber*.

Desse modo, a partir do exposto até o momento, evidenciamos e asseguramos inúmeras contribuições desta pesquisa, tais quais: em primeiro lugar, o pioneirismo dela para os estudos interdisciplinares, haja vista que integra estudos de diversas áreas como, linguística, tecnologias educacionais e cognição. Em segundo lugar, a análise crítica da atuação dos *edutubers* de língua portuguesa, com suas estratégias de atrair os estudantes da educação básica por meio da utilização de seis gatilhos mentais. Esse aspecto oferece uma leitura inovadora da influência psicológica no ambiente virtual digital. Outro ponto exposto como relevante desta pesquisa é a reflexão produzida sobre as diferentes perspectivas linguísticas e de *mindset* utilizadas pelos *edutubers*.

Faz-se significativo destacar algumas limitações e desafios enfrentados na evolução desta pesquisa. Em primeiro lugar, a escassez de pesquisas que abordassem sobre o tema pesquisado, tendo em vista que não encontramos estudos que trabalhassem com a interdisciplinaridade entre a linguística, tecnologias na educação e cognição. Ainda, a falta de professores do *YouTube* que assumissem

uma prática na perspectiva funcionalista da linguagem, considerado para nós como algo relevante, visto que nos serviria para confrontar os dois modelos de aula de língua portuguesa divulgados na plataforma. Finalmente, a curta duração do mestrado que, com apenas dois anos, impossibilita a realização de uma pesquisa mais aprofundada.

Para finalizar este estudo, apontamos alguns caminhos relevantes para o crescimento e/ou alargamento desta pesquisa. Por se tratar de uma temática tão pouco perscrutada, consideramos que futuros projetos podem se debruçar acerca da relação das videoaulas ministradas pelos *edutubers* e a sala de aula física, uma vez que, neste trabalho, não foi possível realizar um estudo de campo. Outra sugestão é a identificação dos gatilhos mentais por meio dos recursos linguísticos (orais ou escritos), observando quais os princípios funcionalistas são utilizados para a captação dos educandos. Por fim, como última proposta, a investigação do desenvolvimento dos *mindset* dos aprendizes através das “dicas” disponibilizadas pelos edutubers em suas Redes Sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Italo Dartagnan et al.. **Tecnologias e educação: o uso do youtube na sala de aula**. Anais II CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16974>>. Acesso em: 18/03/2024.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1961.
- ANJOS, Alexandre Martins dos. **Tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC) na educação**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, Secretaria de Tecnologia Educacional, 2018. 54 p..
- ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BACICH, L.; MORÍN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018, p. 1-25.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BECHARA, Ivanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **Linguagem, neurociência e cognição: ampliando os fundamentos para o planejamento de aulas de Língua Portuguesa**. Polifonia, Cuiabá: v. 25, n. 38. 1, p. 193-388, maio-agosto, 2018.
- BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. Aspectos Biológicos no Processo Funcional da Linguagem. In: RESENDE, Briseida Dôgo de [et al.] (Org.). **Linguagem e Cognição: Um diálogo interdisciplinar**. Itália: Pensa MultiMídia, 2015 . p.119 - 139.
- BEZERRA, M. A.; Reinaldo, M. A. **Análise linguística afinal, a que se refere?** São Paulo: Cortez, 2013
- BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Brasília, DF: Presidência da República, 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998. 174 p.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo : Contexto, 2014.
- CASTRO, Marize Gelard Reis de; RODRIGUES, Giseli Capaci; CATARINO, Giselle Faur de Castro. As concepções de linguagem e seu impacto no ensino de Ciências. **Revista Educação Pública**, v. 21, nº 42, 23 de novembro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/42/as-concepcoes-de-linguagem-e-seu-impacto-no-ensino-de-ciencias>. Acesso em: 18 de mar. de 2024.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. Ed. São Paulo: IBEP, 2009.
- CIALDINI, Robert. **As armas da persuasão 2.0**. Tradução Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2021.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da; TAVARES, Maria Alice. **Funcionalismo e ensino de gramática**. 1. ed., Natal , RN : EDUFRN, 2016. 223.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7 ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

- DWECK, Carol S. **Mindset: a nova psicologia do futuro**. Tradução Duarte, S. 1ªed., São Paulo: Objetiva, 2017.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. rev. técnica e pref. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001, 316 págs.
- GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1984.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Record, 2004.
- GÓMEZ, A I. Perez. Educação na Era Digital: a escola educativa. Tradução Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015, 192 p.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, I. V.; ELIAS, V.M. Leitura, texto e sentido. In: **Leitura e compreender: os sentidos do texto**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-37.
- LIMA, José Gllauco Smith Avelino De et al.. **Educação e instrumentalização do ensino: observações sobre o caráter mercadológico das práticas educativas formais**. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/20816>>. Acesso em: 21/07/2024.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- LOPES, Bárbara. 'Edutubers': Os professores multiplataforma. **Projeto Colabora**, Rio de Janeiro: 07 de set. de 2019. Disponível em: <https://projetcolabora.com.br/ods4/edutubers>. Acesso em: 17 de mar. de 2024.
- MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MITHEN, Steven. **A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência**. Tradução Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. São Paulo, Unesp, 2002.
- MORAN, José Manuel. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofélia Elisa Torres (org.). **Coleção Mídias Contemporâneas: convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: Foca Foto-Proex/UEPG, 2015. p. 15-33. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 27 mar. 2020.
- MOURA, Gabriela Beatriz Ferraz de.; FREITAS, Lúcia Gonçalves de. O YouTube como ferramenta de aprendizagem. **REVELLI**, v.10, n.3, Setembro /2018. p. 259-272.
- MÜNSCH, Kátia Cristiane Roberti. O youtube como tecnologia educacional. **Caderno Intersaberes**, v. 9, n. 21, 2020.
- MUSSIO, Simone Cristina. Do presencial ao digital: um diálogo com o gênero videoaula youtubiano de escrita científica. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 18, n. 3, p. 334-347, set./dez. 2016. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/download/fem.2016.183.09/5674>. Acesso em 08 nov. 2024.

- NEVES, M. H. de M. Uma visão geral da gramática funcional. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo: v. 38, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3959>. Acesso em: 1 out. 2024.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo, Editora UNESP, 2000.
- NEVES, M. H. M. **Gramática Funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.
- OLIVEIRA, A. M. A transitividade: da visão tradicional ao funcionalismo. **PERcursos Linguísticos**, Vitória: v.2, n. 1, p. 25-34, 2011.
- PEREIRA, D. M.; SILVA, G. S. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como aliadas para o desenvolvimento. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 7, n. 8, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1935>. Acesso em: 28 mar. 2024.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.
- PRENSKY, M. **Digital Game-Based Learning**. Minnesota: Paragon House, 2001b.
- SANTAELLA, L. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 7, n. 14, p. 15-22, 2014. DOI: 10.20952/revtee.v0i0.3446. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/3446>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- SANTAELLA, Lúcia. Aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP**, v. 2, n. 1, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA JUNIOR, G. N. da. **Contribuições didático-pedagógicas na produção de videoaulas: um olhar sobre a dinâmica do processo de ensino**. Recife-PE: 2017. 138 f. Dissertação [Mestrado em Tecnologia e Gestão na Educação a Distância] - Universidade Federal Rural de Pernambuco.
- SOARES, S. J.; BUENO, F. F. L.; CALEGARI, L. M.; LACERDA, M. M.; DIAS, R. F. N. C. **O uso das TDICs no processo de ensino aprendizagem**. Montes Claros: 2015.
- TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TOMASELLO, M. **Origins of Human Communication**. A Bradford Book the MIT Press Cambridge, Massachusetts, London, England: 2010.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.
- VALENTE, J. A. Integração currículo e tecnologia digitais de informação e comunicação: a passagem do currículo da era do lápis e papel para o currículo da era digital. In: CAVALHEIRI, A.; ENGERROFF, S. N.; SILVA, J. C. (Orgs.). **As novas tecnologias e os desafios para uma educação humanizadora**. Santa Maria: Biblos, 2013.
- VEEN, W.; Vrakking, B. **Homo Zapiens: educando na era digital**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “VERBO-AULA 1” DO CANAL DO PROFESSOR NOSLEN

Eita, moçada! E aí? Olha aí, estamos de novo, eu professor Noslen, aqui ao seu dispor, e, moçada, olha que legal! Estamos chegando ao final da classe de palavras. Teremos agora duas aulinhas de verbo. Essa aula e mais outra aula da próxima semana. E depois vem aquela aulinha que você tá esperando tanto, aquela delícia, coisa deliciosa, é, sabe o que? Redação do Enem, então ó, verbo hoje, verbo semana que vem, na outra semana redação do Enem. Vamos lá, solta essa vinhetosa.

[Música]

Ei moçada, estamos nós aqui, então para aquela aulinha delícia de verbo, verbo. Muito bem, como sempre começamos a aula de verbo conceituando verbo. O que é verbo pessoal? Hã? O que é verbo? Isso, verbo é aquela palavra responsável em expressar ação, estado ou fenômenos da natureza. Tranquilasso? Verbo é a palavra responsável em expressar ação, estado e fenômenos da natureza. Tranquilão, de boa, sossegado. Muito bem, dentro dessa lógica dos verbos, gente, tem muito detalhezinho, muitas coisas, nessa primeira aula a gente vai fofocar, nossa senhora, fofofocar, ficou fofofoca, nada a ver. Nessa aula de hoje a gente vai focar na parte dos tempos verbais, como funciona os verbos, essa relação aí, muito bem. Nós temos dois tipos de verbos, pessoas. Primeiro nós temos os verbos chamados verbos regulares e os verbos irregulares.

Qual é a diferença entre eles? Verbo regular é onde eu tenho o radical, não se altera na conjugação, meu! Professor, vamos lá de novo, verbo regular é aquele onde o seu radical não se altera na conjugação verbal, certo? Então o verbo regular, eu vou conjugá-lo e o radical dele, vamos lembrar o que é radical? Eu já falei de radical lá em morfologia, né? Lembra da formação de palavras? Muito bem, radical é a parte da palavra responsável em estabelecer a raiz dessa palavra, né? A família dessa palavra, por exemplo, verbo cantar. Qual é o radical do verbo cantar? C - a - n - t, cant. Verbo cantar radical é cant. Muito bem, por que? Verbo cantar, todas as palavras derivadas de cantar surgem do radical cant. Susse? Tranquilo? Muito bem, agora veja só, esse verbo é regular porque quando eu conjugo o verbo cantar em todos os tipos de tempos verbais o radical não se altera. Por isso ele é regular. O

verbo irregular, diferentemente do verbo regular, vai ter uma alteração no seu radical quando eu conjugo ele, quer ver?

Vamos pegar o verbo haver. Verbo haver com “H” no começo, por favor! “Ai, professor, aquele que você fala não tem nada a ver?”. Não tem nada a ver o que você falou. Esse a ver aí é separado, “a ver”. Então, não é esse aí, é o haver de existir, certo? Verbo haver com o sentido de existir, aquela coisa toda. Muito bem, quando eu tenho verbo “haver”, que é um verbo irregular, quando eu conjugo o verbo irregular ele altera o seu radical. Por exemplo, qual o radical do verbo haver? h - a - v, isso, esse é o radical. Se eu vou conjugar ele no presente do indicativo. Vamos tentar conjugar aí? Como ficaria? Eu? Eu? Eu? Pessoal, ninguém sabe conjugar o verbo haver na primeira pessoa do presente indicativo? Eu avo? Não! Eu avoo? Ah, ah... nossa nada a ver! Eu hei, h - e - i, eu hei, tu hás, ele há. Meu caneco quebrado! Como assim, professor? Só o “h” que não mudou? Para você ver, por isso que esse verbo haver é um verbo irregular. Eu hei, tu hás, ele há, nós havemos, vós haveis, eles hão. Meu Jesus, mudou tudo! “Ah, professor, então, o radical é só o ‘h’?”. Não! Eu já falei para vocês, verbo haver o radical é h - a - v.

Muito bem, por isso o verbo haver é irregular e o verbo cantar é regular, maravilha? Muito bem, partindo disso aqui, o que nós temos então? Nós temos agora algumas coisas voltadas ao tempo verbal, beleza? O verbo tem tempos verbais, quais são os tempos verbais que você conhece? Presente, passado e futuro, beleza? Vamos chamar o passado de pretérito que é a mesma coisa. Presente, pretérito e futuro. Nós temos duas maneiras de conjugar, temos aí o modo, chamado modo indicativo. O que que é o modo indicativo? Modo indicativo, coloca aí para nós em algum lugar produção. Modo indicativo é uma certeza de acontecimento, certo? Sempre que eu falar que eu tô com o tempo verbal no modo indicativo eu tenho uma certeza de acontecimento. Modo indicativo eu vou ter quais tempos verbais? Presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, pretérito mais que perfeito do indicativo, futuro do presente do indicativo e futuro do pretérito do indicativo. Tranquilão isso? Nós já vamos falar como que conjuga isso, daqui a pouquinho. Só um pouquinho, certo?

Beleza, além do modo indicativo, nós temos o modo subjuntivo. “Ah, o que que é o subjuntivo, professor? Nunca soube o que é isso, subjuntivo?”, se o indicativo é uma certeza de acontecimento, o subjuntivo é uma possibilidade de acontecimento, possibilidade, certo? E aí que tempos verbais eu tenho no subjuntivo? Eu tenho presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo. Três tempos verbais só. Temos mais um modo ainda, qual outro modo nós temos? Modo imperativo, imperativo vem do que? De imperador, Império. Ou seja, o Imperador é aquele cara que manda você fazer alguma coisa. Então o modo imperativo são os verbos que dão uma coordenada, manda você fazer algo. O imperativo é dividido em dois: imperativo afirmativo e imperativo negativo, certo? Tranquilão ? Numa boa?

Esses são os modos verbais e os tempos verbais, certo? Vamos lá? Quando eu olho para os verbos que são regulares, agora a conjugação desses verbos aí regulares, tem uma parada muito legal para você aprender que você nunca mais vai esquecer. Os verbos, eles são divididos em três conjugações, que que são as conjugações? Coloca algum cantinho aí ó produção. Conjugações é quando eu tenho a terminação do verbo, certo? Então, por exemplo, o verbo cantar termina em ar, todos os verbos terminados em ar são equivalentes à primeira conjugação, fácil, tranquilo, numa boa, sossegado. Verbos terminados em er, por exemplo, como o verbo correr são considerados de segunda conjugação. Segunda conjugação, verbo correr, numa boa. E os verbos terminados em ir, por exemplo, o verbo partir são verbos considerados de terceira conjugação, tá? Ar, er e ir. Muito bem, fácil, tranquilão, numa boa, beleza?

Agora, tem então verbos de primeira conjugação terminadas em ar, segunda conjugação terminadas em “er” e terceira conjugação terminadas em “ir”. “Professor, mas tem verbo que termina em or, tipo verbo compor”, é verdade, o verbo por, que é o original do verbo compor, né? O verbo por, “professor e o verbo por é quarta conjugação?”, não! Vamos contar um pouquinho de História agora? Historinhas, historinhas. Muito tempo atrás quando a língua portuguesa estava se instalando no Brasil, aquela coisa toda, o verbo “por”, ele era chamado verbo “poer”, ó, “poer”. Por isso que nós temos ainda algumas coisas que sobraram, ou seja, resquícios, algumas eh... coisas que são... como que faz?... sumiu aquela palavra... que herda! Herdou, né? Algumas palavras que herdaram ainda esse “er” do poer, por

exemplo, se eu falo sol poente é o sol que se põe, que vem do verbo “por”, que antigamente era “poer”. Então, com a evolução da língua o verbo por perdeu o “er”, né? O “poer” perdeu o “er” e virou verbo por.

Então, todos os verbos terminados em or pertencem também à segunda conjugação. Beleza? Tranquilão? Maravilha? Muito bem, pensando agora só nos verbos regulares, aquele que não se altera a sua conjugação ou melhor, o seu radical na conjugação. Esses verbos aí, vou conjugar para vocês aqui o verbo... pode ser verbo cantar mesmo que já estou falando dele faz tempo. Verbo cantar no presente do indicativo, certo? Coloca para nós a conjugação algum cantinho para nós aí, ó. Eu canto, tu cantas, ele canta, nós cantamos, vós cantais e eles cantam, beleza? Beleza! Grifa para mim somente o radical aí, produção. CANT, isso. Grifou radical. O que sobrou lá no final nós chamamos de desinência verbal, certo? Que é a parte da conjugação do verbo, são as letrinhas que sobraram lá nos finais. Isso que sobrou aí no final, você pode até também botar em destaque produção, de alguma forma, eu chamo de desinência. Essa desinência verbal que está aí ela vai servir para conjugar qualquer verbo regular terminado em ar no presente do indicativo.

“Como assim professor?”, quer ver? Apaga o radical CANT e põe o radical AM, que é do verbo amar. Olha lá, eu amo, tu amas, ele ama, nós amamos, vós amais e eles amam. “Professor, que legal! Então eu não preciso decorar todos os verbos? Eu preciso só saber a desinência verbal, o finalzinho dele?”, eita é isso aí pessoa! Se você sacou isso, é assim que funciona a conjugação verbal para os verbos regulares. Eu só preciso saber a desinência, ou seja, todas as conjugações com verbos regulares terminados em ar, er e ir, funcionam dessa maneira. Por exemplo, vamos pegar lá verbo correr. Eu corro, tu corres, ele corre, nós corremos, vós correis e eles correm. Tira o radical do correr, certo? Tirou o radical do correr? Que beleza, olha aí, que que sobrou? Qualquer verbo terminado em er, que seja regular você pode conjugar com as desinências que estão aí. Sacaram? Isso vai valer para todos os tempos verbais, todos, todos! O pretérito perfeito, o pretérito imperfeito, todos eles funcionam dessa mesma forma. Quer ver? Põe uma tabelona para nós, aí só com essas desinências com vários verbos aí. Sobe a tabela, Zap! Olha que bonitinho, olhe para essa tabela. Coisa fofa, coisa linda!

Gente, se você gravou as desinências aí do presente, do passado, do futuro, tá tudo sob controle, gente. Tá tudo, tudo, tudo, tudo, tudo sob controle. Tudo, tudo! Você não precisa mais se preocupar com conjugação verbal para as verbos regulares, certo? O que que eu preciso realmente saber só, então? Agora volta para mim. O que eu preciso saber de verdade é conjugar os verbos irregulares. Posso te dar uma tabela com alguns verbos irregulares? Também posso! Vou colocar para você, ó. Sobe a tabela de novo aí ó, que beleza, verbos irregulares. Essas tabelinhas. Então tá, eu vou colocar alguns verbinhos só para vocês, os mais comuns que são irregulares e aí depois você vai ter que, óbvio, gravar a conjugação desses verbos. É muito tranquilo, né? Muito fácil, muito de boa. Desce a tabela e volta para mim... yeah... idiota, né?

Pessoal, tranquilo até aqui? Essa primeira parte de verbos foi só pra gente conhecer um pouco mais sobre a conjugação verbal bem de boa, numa boa. Na próxima parte a gente vai entrar no outros detalhezinhas pra gente arrematar essa parte de verbo que não é nada complexo, nada complicado. Tranquilo aqui, gente? Fácil ? Sussa quem nem musse? Leve como a neve? De boa na lagoa? Pessoas, eu queria aproveitar para dizer para vocês assim, cara o comentário de vocês aqui, cara, tá sensacional! Velho, eu me emociono cada vez que eu vejo um... cara, verdade velho! Continua aqui, continuou com a gente! Tamos juntos até o final. Logo, logo vem redação e vamos que vamos! Valeu, abraço, até mais! Tchau, tchau!

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “VERBO-AULA 2” DO CANAL DO PROFESSOR NOSLEN

Belê?... Tá gravando?.. Opa, tudo bom? Eu achei que não estava gravando ainda. Tudo bem com vocês? Estou eu aqui de novo, professor Noslen, oh, bonitinho como sempre. Mais ou menos bonitinho. Pessoas, vamos arrematar essa paradinha de verbos, agora? Segunda parte de verbos, coisinha simples, coisinhas bem de boa, entendemos algumas propriedades dos verbos. E aí, pau na máquina! Vamo que vamo, solta essa vinheta.

[Música]

É isso aí, moçada! Eita vida, vamos arrematar então de vez as classes de palavras, segunda parte dos verbos, bem sossegadinho, bem na boa! Algumas características dos verbos nós temos aí, coisas simples, certo? Só pra gente entender melhor, que muita gente fica batendo a cabeça muitas vezes com isso aí, mas é muito sossegadinho. Muito bem, nós falamos em todos os tempos verbais, modos verbais na aula passada. Nessa aula, eu começo falando sobre a forma nominal do verbo. O que é forma nominal do verbo? O verbo pode ter três formas nominais: primeiro, ele pode estar no infinitivo, pode estar no gerúndio e pode estar no particípio. “O que que isso, professor?”, muito bem, o verbo está no infinitivo quando está terminado em r. Coloca aí pra nós. Produção, coloca num cantinho aí.

Infinitivo terminado em r, então por exemplo, quando eu uso numa frase: ler é um prazer. Olha só, ler o verbo está terminando em r, está no infinitivo. Bem tranquilo? Bem fácil? Susse? Também tem o gerúndio, que que o gerúndio? O gerúndio é quando o verbo termina em NDO. Então, vamos lá pensando num exemplo pra vocês... saindo de casa encontrei alguns amigos. Saindo, ó! NDO, está no gerúndio, bem tranquilinho? Bem fácil? Tem o particípio, o que que é particípio? É quando o verbo termina em DO. “Professor, como assim termina com DO?”, vamos pegar o verbo saindo mesmo? Se fosse terminar em DO ficaria como? Saído, isso! Ou ainda, terminado os exames fomos para casa. Terminado, ó! DO. E aí vejam gente, quando ele está na forma nominal, ele pode não ser função de verbo na frase. Ele pode ter

função de advérbio, de adjetivo, ele pode ter função de substantivo, por isso que ele está na forma nominal, saca a idéia?

Dentro disso ainda, normalmente as formas originais do verbo aparecem onde? Numa locução verbal. “Professor, que que é uma locução verbal?”, é locução verbal é quando eu tenho dois verbos ou mais, tendo a função de um só, certo? Então, por exemplo, fala assim: os mares foram navegados pelos piratas. Muito bem. Foram navegadas, isso uma locução verbal, certo? Locução verbal porque? Porque eu tenho dois verbos com a função de um só. Foram navegadas, perceba que o verbo navegar está terminado em DO, ele está no particípio. Então, veja, na locução verbal um dos verbos sempre estará na forma nominal. O primeiro verbo, e aí você pode retirar essa frase, produção. Isso, foram navegadas, o primeiro verbo que é foram, esse vai se chamar sempre verbo auxiliar. Então, na locução verbal o primeiro velho chamado de verbo auxiliar. O verbo que está na sua forma nominal, no caso navegados, ele chama-se verbo principal, certo?

Então, tá lá terminadinho em DO, o verbo principal está no particípio, e o verbo auxiliar ele vai ser responsável por dar o que? O tempo verbal, o modo verbal, certo? Então, foram navegadas, foram está no presente, então eu tenho uma locução verbal no presente do indicativo, fácil? É muito fácil, isso. Então, é outra função dos verbos nominais, a forma nominal do verbo está dentro da locução verbal, sendo o verbo principal da locução verbal. Tranquilasso? Sossegadinho? Numa boa? Muito bem! Dentro dessa proposta de características diferenciadas do verbo, vamos passar uma outra parte, tem alguns verbos chamados de anômalos. “Anômalo, porque ele é anormal?”, mais ou menos isso. Vou te dar dois exemplos de verbos anômalos, verbo anômalos é quando tem uma mudança geral na característica do verbo, na conjugação verbal. Verbo ser e verbo ir, olha que bacana isso, quase mágica, pessoas. Verbo ser no pretérito, no passado, pessoas. Eu? Eu o que? Eu fui, tu foste, ele foi, nós fomos, vós fostes e eles foram, beleza. Isso, o verbo ser no pretérito perfeito.

Vamos pegar o verbo ir. Verbo ir no pretérito perfeito, como que fica? Sacou, né? Olha só, eu fui, tu foste, ele foi, nós fomos, vós fostes e eles foram. Fica igualzinho, verbo ser e verbo ir no pretérito perfeito são iguais na conjugação. Isso é verbo

anômalo, são dois verbos anômalos. Sacaram a ideia? Porque mudou totalmente a estrutura da conjugação e para eu saber se esse verbo num contexto, é o verbo ser e o verbo ir, vai depender exatamente do meu contexto. Se eu usar em qualquer frase, eu preciso olhar o contexto dessa oração pra saber qual é a função dele. Se é de ser ou de ir. Maravilha! “Ah professor, que estranho. Eu nunca tinha pensado nisso”, muito bem! Além de verbos anômalos, nós temos os verbos chamados de verbos abundantes, é aquele que eu tenho mais uma possibilidade de escrita, quando ele está sendo julgado em algum tipo de tempo verbal, ou ainda, quando ele está sendo utilizado. Quer ver? Sobe a tabelinha para nós. Olha que beleza, olha lá, o verbo aceitar tem duas maneiras de escrever. O verbo aceitar pode ser aceitado ou ainda aceito, olha só! Isso é um verbo abundante e tem essa tabelinha com todos os verbos abundantes aí, ó: matar, matado e morto; salvar, salvo e salvo; tem muitos verbos aí. Enxugar enxugado e enxuto, então veja, essa tabelinha é muito legal. Muito bem, pessoas. Tranquilão verbos abundantes? Maravilha?

Seguimos adiante, além dos verbos abundantes, você vai ter esse uso diferenciado aí, temos aí alguns verbos chamados verbos defectivos. “Professor, verbos defectivos é porque ele defeca?”, não, não, para com isso! Verbo defectivo, ele chama-se assim porque ele tem um defeito de conjugação. Um defeitinho de fábrica, como assim? Quer ver? Pega o verbo colorir. Vamos conjugar ele no presente do indicativo, vamos lá? Eu? Eu coloro? Eu coluro? “Eu colori, professor?”, não, colori é passado. Eu quero presente. Não existe a primeira pessoa, gente. Verbo colori na primeira pessoa do singular do presente do indicativo não existe. Sacaram? Por isso que ele é chamado de verbo defectivo, tem um problema na conjugação. Assim como o verbo colorido, tem o verbo abolir também. Existe eu abolo? Não existe. Outro, o verbo falir. “Ah, professor, esse existe, eu falo”, não eu falo é falar, mas falir não existe também na primeira pessoa do singular, por isso os verbos chamados de defectivos, verbos que têm um defeitinho, defeitinho de fabricação, certo? Então, verbos defectivos não tem pelo menos uma pessoa na conjugação, que não dá pra fazer essa conjugação. “Ah, professor, como é que eu vou falar então no presente do indicativo do verbo colorir, por exemplo?”, posso falar eu estou colorindo e daí eu estou usando uma locução verbal. Fácil? Tranquilaço? Muito susse, né?

Gente, olha, e aí pra nós arrematar mais essa parte de características aí, nós temos o que? Vozes verbais, bem facilzinho, bem na boa, vamos lá! Vozes verbais, temos três vozes: uma chamada voz ativa, outra chamada voz passiva e outra chamada voz reflexiva. Sossegadinho? Passiva, ativa e reflexiva, muito bem? Voz ativa, na voz ativa quando eu tenho um sujeito fazendo a ação da minha oração, fácil? Então vamos pensar assim, Noslen comeu pinhão. “Professor, que que é pinhão?, o pessoal que não conhece a região sul do país aí. Pinhão é uma fruta característica do pinheiro e a gente aqui no sul come muito isso. Gordo só pensa em comida, né, cara? Vamos lá! “Noslen comeu pinhão”. Veja, essa é uma voz ativa. Por que voz ativa? Porque Noslen é o sujeito da oração, está agindo sobre o pinhão, está fazendo ação da oração. Então, isso é a voz ativa. Fácil? Tranquilo?

O que seria a voz passiva? A voz passiva é a inversão disso, é quando o sujeito sofre a ação na oração, então por exemplo, nessa oração que eu fiz, mantendo a mesma estrutura, a mesma idéia, o pinhão foi comido pelo Noslen, muito bem? O que acontece aí? O pinhão é o meu sujeito, mas concorda que ele continua sofrendo ação ainda de ser comido, sacaram a ideia? Então, se o sujeito sofre a ação é uma oração passiva, fácil? Ação ativa, sujeito faz a ação. Ação passiva, sujeito sofre ação, oração passiva. Voz ativa, sujeito faz ação da oração. Voz passiva, sujeito sofre a ação na oração.

“Professor, e a voz reflexiva?”, a voz reflexiva é quando eu tenho o sujeito fazendo ação sobre ele mesmo. Vamos pensar comigo aqui, ó. Noslen cortou-se. Mentira! Eu não faço essas coisas. Noslen cortou-se, a ação do Noslen é sobre ele mesmo, e percebe que esse SE que está junto do verbo, ele auxilia na construção da reflexão, por isso que é uma ação reflexiva, através do verbo e do pronome SE. Muito tranquilinho? Muito fácil? Nossa gente, e pra arrematar isso tem uma variação da voz reflexiva, que é a voz recíproca, quando eu tenho, por exemplo, o sujeito composto, um sujeito plural, eu consigo fazer uma voz recíproca. Recíproca é quando a ação é entre o sujeito, é uma ação mútua, por exemplo, os jogadores abraçaram-se após o jogo. Então, os jogadores é um sujeito, abraçaram-se é uma ação mútua entre eles, então, os jogadores abraçaram-se após o jogo. Uma ação mútua, ação recíproca, voz recíproca, beleza? A voz recíproca é uma variação da voz reflexiva, muito tranquilo? Muito fácil?

Aaah, que alegria pessoas, e é assim que arremata nossa parte de verbos, aula 2 de verbos, fechando, alegria, susse, eita vida! E pessoas, aaah, tá chegando, tá chegando, próxima aula: redação do enem, pessoas. Não perca a próxima aula! Assista essa aula até o final, é importante para nós também na aula de redação, no mais, é isso um grande abraço! Tchau, tchau! Valeu!

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “VOZES VERBAIS” DO CANAL DO PROFESSOR NOSLEN

Oi, e aí? Voltei, voltei, voltei, feliz, contente e sorridente para vocês. Pessoal, tem gente me pedindo isso, então, vou fazer para vocês, vozes verbais, bora?

[Música]

Oi! Vamos lá? Pessoal, olha só, vozes verbais é um assunto muito tranquilo, certo? Muito de boa mesmo. Primeira coisa, vamos tentar definir isso, fazer um conceitinho do que seriam vozes verbais. Vozes verbais é a relação do sujeito com a ação do verbo na oração. Como assim? De acordo com a relação do sujeito e o verbo, eu vou ter uma voz verbal. Como assim? Ó, sujeito agindo na oração, eu tenho uma voz verbal. Sujeito sofrendo a ação da oração, eu tenho outra voz verbal. Sujeito agindo e sofrendo na oração, eu tenho uma outra voz verbal. Então, as vozes verbais, exatamente vão tratar da ação do sujeito na oração ou da função dele em relação ao verbo, ou ainda da relação direta do sujeito com a ação do verbo da minha oração, beleza?

E aí nós vamos ter então três vozes verbais, sendo que na última delas que eu vou que eu vou tratar por último, ela tem uma ramificação. Então são quase que quatro vozes verbais, mas na verdade são três com ramificação na última, beleza? Primeira voz verbal chama-se voz ativa, quando é que eu tenho uma voz ativa? Voz ativa é quando tem um sujeito agindo na oração, beleza? Sujeito agindo na oração, voz verbal ativa, voz ativa, beleza? Uma frasezinha? Noslen comeu o brigadeiro. Noslen é meu sujeito, comeu meu verbo, brigadeiro é o complemento desse verbo, ou seja, o objeto direto, beleza? Concordo comigo que o Noslen que é o sujeito está agindo sobre objeto. Ó, Noslen comeu o brigadeiro, a ação é do sujeito sobre o meu objeto que é o brigadeiro. Quando o sujeito age na oração, voz ativa, beleza? Fácil? Tranquilo? Sem segredo, sem delongas, é isso, beleza.

A voz que vem na sequência chama-se voz passiva, voz passiva, porque o sujeito é paciente, ou melhor, o sujeito sofre a ação, beleza? Para criar voz passiva o jeito mais legal, pega essa oração ativa que eu dei agora aí e faz um X assim, ó. “Como assim um X, professor?”, pega o meu objeto, faz ele virar sujeito, pega o meu sujeito e ponho ele pro final da oração, como ficaria? Noslen comeu o brigadeiro. Você

pega o brigadeiro e põe no começo da oração. O brigadeiro, pega o verbo agora, mas pelo amor de Jesus, tem que manter a mesma relação de sentido. Não posso só pegar o verbo direto, né? O brigadeiro comeu Noslen, não, não, não pense isso! Vai quê? Transformar esse verbo para manter o sentido, o brigadeiro foi comido pelo Noslen, ok? O brigadeiro foi comido pelo Noslen, beleza.

“Professor, mas espera aí. Nessa oração: o brigadeiro foi comido pelo Noslen, o brigadeiro continua sofrendo ação do Noslen”, só que quem é o sujeito agora? Não é mais Noslen, pelo Noslen não é sujeito da oração. Por que ele não pode ser sujeito da oração, gente? porque primeiro, ele tá preposicionado se tem preposição antes não pode ser sujeito, segundo, qual é o conceito de sujeito mesmo? Termo que se refere diretamente ao verbo. Então, quem foi comido? O brigadeiro. O brigadeiro é meu sujeito. Foi comido? Uma locução verbal, dois verbos com a função de um só, locução verbal foi comido, beleza ? E pelo Noslen, pelo noslen não é complemento do verbo, certo? Mas é o termo que está agindo nessa oração. Sujeito sofre ação nessa oração, concorda? Quem é que faz ação? Ainda é o Noslen. Então, o Noslen age sobre o sujeito agora, porque o brigadeiro não é mais objeto ele se transformou no sujeito, quando o sujeito sofre a ação da oração esse sujeito chama-se um sujeito passivo, e eu tenho automaticamente uma voz passiva. Qual seria a função do Noslen pelo Noslen? Não é o termo que age na oração passiva? O termo que age na oração passiva chama-se agente da passiva. Noslen é o agente da passiva e o sujeito brigadeiro sofre ação, quando o sujeito sofre ação, eu tenho um sujeito passivo, uma voz passiva. Fácil? Tranquilo? Muito bem, tranquilo, as duas têm relações diretas uma com a outra.

“Professor, mas não tem nenhum outro tipo de relação passiva?”, tem eu posso ter também a voz passiva que a gente chama de, essa que eu mostrei para vocês aqui é a voz passiva analítica, por quê eu uso locução verbal, certo? E a voz passiva sintética? Na voz passiva sintética normalmente você vai construí-la sem o agente da passiva, tudo bem? Pode ter o agente da passiva? Até pode, mas, normalmente, se você não usa o agente da passiva você vai usar um verbo só com o auxílio do pronome SE. Auxílio do pronome SE. E aí você faz uma voz passiva sintética, como seria isso, por exemplo, compram-se carros velhos. Qual seria o sujeito dessa oração que acabei de colocar aqui? Concorda que os carros velhos são comprados?

Compram-se carros velhos, a ação de comprar é sobre os carros. Carros velhos são comprados. “Ah verdade, Professor!”, carros velhos são comprados e compram-se carros velhos é a mesma coisa. Ou seja, carros velhos é o meu sujeito e eu tô usando o SE ali como partícula passivadora, tá me auxiliando a deixar o sujeito passivo. Se eu desenvolver a oração ficaria como? Carros velhos são comprados, então produção, coloca assim, ó: compram-se carros velhos, e embaixo coloca: carros velhos são comprados. A oração de baixo é a minha oração passiva analítica, voz passiva analítica e a oração de cima com o uso do pronome SE, voz passiva sintética, eu sintetizei meu verbo com o auxílio do pronome SE, beleza? Tranquilo? Fácil até aqui?

Ah, sem segredo, né? Muito bem, maravilha, por falar em sem segredo, tem nada a ver, mas, conta o nosso segredo. Qual é o nosso segredo? Nosso canal, conta pra galera moçada! Já divulgou o canal? Hã? Divulga aí! Manda pra galera, manda pra moçada poder assistir em casa também, ajuda teus amigos, tua turma, teu colégio! Manda pra galera geral aí, certo? Beleza?

Maravilha, eu tenho agora a última voz, a voz reflexiva. O que seria a voz reflexiva? O que seria a voz reflexiva? Eu tenho um sujeito que age e sofre a ação na oração, ele age e sofre ação, ou seja, é um sujeito que faz a ação sobre ele mesmo. Por isso que a voz é reflexiva a ação recai sobre o próprio sujeito, reflete sobre ele, e aí para isso eu preciso usar um pronome reflexivo que me auxilie na reflexão dessa ação, beleza? Vamos pegar aí uma oração, é sei lá, Noslen cortou-se, tá, sei lá. Fui fazer barba, cortou-se. Noslen cortou-se. Cortou-se, concorda que a ação do noslen é sobre ele mesmo? Mas, é auxiliada por esse pronome reflexivo. Noslen cortou-se, a ação de cortar é sobre o próprio Noslen. Então, eu tenho a ação que sai do sujeito, passa pelo verbo, passa pelo pronome e retorna ao próprio sujeito, então o sujeito faz e sofre a ação. Noslen cortou-se, voz reflexiva. Agora cuidado! Dentro da voz reflexiva eu tenho uma voz chamada voz recíproca, que é uma ramificação da voz reflexiva. A voz recíproca acontece em que situação? Quando eu tiver um sujeito que seja plural ou sujeito composto. Como assim? Ó, sujeito plural: as crianças machucaram-se, as crianças machucaram-se. Elas podem ter machucado umas às outras e daí a ação, apesar de ter uma relação reflexiva, ela é interna ao sujeito.

Elas machucaram umas às outras. E aí eu tenho uma relação interna ao sujeito, voz recíproca.

O que seria uma voz recíproca? Que tem mútua relação, mútua ação, ou ainda com sujeito composto seria assim: Noslen e Diego abraçaram-se, bonitinho! Noslen e Diego abraçaram-se, que que rola aqui? Uma ação mútua, recíproca entre eles. Então, apesar de ser uma estrutura igual a da voz reflexiva ela chama-se voz recíproca, porque é em relação interna ao sujeito, beleza? E aí nós temos então as vozes verbais. Ativa, quando o sujeito age. Passiva, o sujeito sofre ação. Reflexiva, a ação é feita pelo sujeito, sobre ele mesmo e a voz recíproca que é uma relação mútua, interna ao sujeito. Fácil? Tranquilo? Ah, é muito tranqüilão, né? Gente, espero que tenha deixado mais claro pra vocês, mais sossegadinho, bem de boa no Lagoa, susse no musse. E é isso, fui!

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “SINTAXE DO VERBO” DO CANAL DO PROFESSOR NOSLEN

Ei, moçada!! Que beleza! Estamos aqui novamente, eu professor Noslen, pra vocês, moçada! Olha só, que maravilha! Hoje na sala é muito susse, é uma aula que é base para a parte de predicados. Que que é a aula de hoje? Vamos falar um pouquinho sobre verbos, mas não verbos de modo geral, nós já falamos na parte de morfologia, não, vamos falar de verbo na sintaxe, a função do verbo dentro da sintaxe. Muito bem, o verbo tem duas maneiras de ser expressos na minha sintaxe, tá certo? E aí a gente vai ver como funciona isso na aula de hoje, belé? Vamos lá! Solta a vinhetinha.

[Música]

Beleza da moça, então vamos lá! Olha só, a sintaxe do verbo, muito bem como falei no comecinho, um verbo tem duas funções dentro da sintaxe, como assim? Olha só, o verbo pode ser verbo de ligação, e pode ser um verbo chamado verbo significativo. São duas funções diferentes que o verbo pode apresentar dentro da estrutura da oração. Isso é importante para nós, porque, por que vai determinar a intenção e os sentidos das relações, certo? Então vamos lá, vamos ver como funciona essa tal de verbo de ligação e verbo significativo.

Primeira delas, verbo de ligação, o que seria o tal do verbo de ligação, gente? O verbo de ligação é quando ele tem a função de expressar estado, certo? Ou sentimentos, ou ainda ligar o sujeito a uma característica, isso é um verbo de ligação. E o verbo de ligação, ele pode ser expresso de várias maneiras, tem alguns verbos que vão ser sempre ligação, tem outros que podem ser de ligação ou não. Depende da estrutura da oração, então por exemplo, vou dar um exemplo para vocês aqui, vou colocar uma oraçãozinha bem simples, por exemplo, “Noslen é rechonchudo”, põem essa oração em algum lugar aí, produção. Noslen é rechonchudo, muito bem, olha só, eu disse que o verbo de ligação tem por função ligar ou expressar o estado, um sentimento ou ainda ligar uma característica ao sujeito. Olha só nossa oraçãozinha, qual seria o sujeito dessa oração? Noslen é rechonchudo, Noslen é o sujeito, beleza? Qual seria meu verbo? É, beleza, o verbo ser. E depois do verbo ser vem o que? Rechonchudo. Todo mundo concorda comigo que rechonchudo é característica de Noslen, beleza? Beleza!

Perceba que o verbo ser, do é que esta ai no meio, ele está somente ligando o Noslen que é o sujeito a sua característica rechonchudo, ou seja, esse verbo está tendo a função de ligação, fácil? Tranquilo? Nós temos alguns verbos que são naturalmente de ligação, ou a maioria deles quando apresentam-se dentro de uma oração tem função de ligação, e aí esses verbos vou falar pra vocês como funcionam. Quais são esses verbos que são normalmente de ligação? Eu falo que eles são os verbos do cafés p2. Como assim? Cafés p2, olha só, coloca para nós em algum lugar produção, cafés p2. “Ah, professor, esse para 2 tá estranho, parece p ao quadrado”, tá, pensa que é para 2. O que é isso aí que coloquei pra vocês, gente? São as iniciais dos verbos que normalmente são de ligação, vejam normalmente são de ligação, quais são esses verbos? Eu vou falar pra vocês, vai aparecer pra você vê na tela, olha lá. Verbo continuar, C, continuar. Depois, andar, muito bem, andar. Depois, ficar ou até fazer, os dois podem ser na letra F. Maravilha. Estar, e último ser, beleza.

E o p2, é que são dois verbos começados com P, certo? Dois, quais são eles? Parecer e permanecer, muito bem! Tá ai o verbo do do café p2. Quando esses verbos aparecem numa oração, normalmente eles têm função de ligação, mas lembrando, normalmente, cuidado com dois desses verbos aí. Qual deles? O verbo andar e o verbo ficar, porque? O verbo andar pode ser o que? Uma ação, não pode? Estou andando no parque, certo? Andar no parque é uma ação e aí ele não pode ser ligação, só vai ser ligação quando se vai mandar expressar um estado ou ligar características, por exemplo, eu ando tristonho. E aí não é caminhar tristonho, mas sim o que está tristonho, sacaram a idéia? Então, nesse sentido o verbo andar é de ligação. A mesma coisa com o verbo ficar, certo? Ficou parado, opa, é uma ação, ok? Aí não é ligação. Quando que vai ficar vai ser de ligação? Quando expressar o estado, sentimento. Ficou triste, certo? E aí, isso é de ligação, tranquilo? Normalmente esses verbos que apareceram no café p2, têm a função de ligação, mas também podem não ter a função de ligação.

E aí, eu entro no próximo tipo de verbo, que é verbo significativo, coloca ai, produção, em algum lugar. O verbo significativo é aquele que expressa ação ou fenômenos da natureza, ah que beleza. E aí gente, dentro dos verbos de

significativos, eu terei N verbos, muitos verbos, porque a maioria dos nossos verbos expressam ação, certo? Então verbos significativos eu tenho muitos. Vamos pensar numa frase qualquer que tenha um verbo significativo, sei lá, Noslen correu feliz.... que iditota, né? Noslen correu feliz, correu é um verbo significativo, porque expressa ação, tranquilo isso gente? Porque é que essa aula aqui é mega importante, mega curta, porque eu preciso que você grave o que é um verbo de ligação e o que é um verbo significativo, porque eles serão imprescindíveis para o que? Para a parte do predicado e depois também para a parte de transitividade verbal, que são as aulas que vem na sequência, certo? Tranquilação isso, gente? Muito fácil?

Vamos lá, relembando rapidinho aqui, então. O verbo de ligação expressa estado ou sentimentos, ou ainda liga o sujeito a uma característica dele. Verbos significativos expressam a ação ou fenômenos da natureza, fácil? Tranquilação? Bem de boa na lagoa? susse que nem musse? Leve como a neve? De bem com o enem? Tá chegando, hein! Se liguem, logo, logo tem mais coisinhas, pessoas. Quero aproveitar e falar para vocês aqui, moçada, show de bola a participação de vocês aqui no canal. Muito legal, muito legal mesmo! Assim, eu queria poder mandar abraço, todo mundo me pede um abraço, mas eu vou fazer o seguinte, vou mandar um abraço geral pra moçada. Então, não se esqueça de se inscrever. Então pessoas, continuem aqui clicando, compartilhando, curtindo, assistindo às aulas, estamos juntos! Até a próxima, abraço!

APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “VERBOS: VERBO DE AÇÃO” DO CANAL DA PROFESSORA PAMBA

Fala, pupilinhos! Tudo bom com vocês? E vamos aqui para nossa aula de verbo de ação, lembrando que a nossa aula sobre verbo de ligação já está aqui. Vai aparecer aqui em algum lugar um card. Vai colocar na descrição do vídeo, vai aparecer pra você a aula sobre verbo de ligação. Quando a gente fala sobre verbo de ação, verbos que expressam fenômenos da natureza, verbo de ligação, nós estamos falando de pré-requisito de estudo para entender o predicado, tudo bem? Então, você tem que entender o que é um verbo de ligação, um verbo de ação, um verbo que expressa fenômeno da natureza para depois você estudar o predicado, então, isso aqui é um pré-requisito para estudar predicado, beleza? Então, tá. Mas, antes você já clicou nesse botão vermelho pulsante na sua cara, que é esse botãozinho do inscreva-se. Você já clicou nesse botão azul céu, paz, que é o que? O like. Eu mereço, gente. Eu mereço, a única professora desse youtube dos mamilos mais sensuais... A única professora do youtube te explica o conteúdo de um jeitinho super fofo. Olha só eu tentando corrigir que eu falo dos meus mamilos, então, tá bom. Vamos lá! Não deixe de se inscrever no canal, dá um like, me siga no instagram, porque aí, sei lá é o lugar da sensualidade diária, onde eu posto várias stories, então tá bom, não deixe de seguir e claro gente, agora falando sério, entre na nossa plataforma que a maior plataforma de estudos online de língua portuguesa. É a plataforma que mais aprova primeiro lugar nas provas, então, não deixe de entrar e se inscrever em nossos cursos, cursos com aulas completas a gente não trabalha com resumo, fica a dica. (reciprocidade)

Verbo de ligação, nós estudamos ele em um vídeo que você depois vai assistir vai abrir a abinha e assistir, e hoje, eu divido sempre conteúdo em várias partes pra gente juntando, né? Acho que fica mais fácil estudar tudo de uma vez, tudo bagunçado, a gente divide em partes, vai estudando cada uma dessas partes. Hoje nós veremos o que é um verbo de ação, também conhecido, né? Nas provas, principalmente se você vai prestar um vestibular, um concurso, ele pode vir com o nome de verbo significativo ou nocional, tudo bem? Que é um verbo de ação, nada mais que isso, tá bom? Olha lá, o que é o verbo significativo, nocional? O que ele indica pra gente? A ação de um sujeito, ele indica a ação. Quando falo que o verbo

de ligação liga o sujeito a uma característica desse sujeito, e essa ligação ele indica para mim o modo, o estado que o sujeito está, aqui eu só estou falando da ação desse sujeito. Eu não estou falando se ele está triste, se ele está feliz, qual que é o modo que ele está, não interessa! Só estou falando que ele fez, o que está fazendo, o que deixou de fazer, o que ele fará, tudo bem? Não estou falando do modo, nem do estado, estou falando da ação. Então, eu falo assim: eu não irei à sua casa, eu não irei. Quem não irá à sua casa? Eu, então nós temos aqui o nosso sujeito, certo? Quando eu falo que eu não irei à sua casa, isso é uma ação minha. Na verdade, é a minha falta de ação, que eu não irei, tudo bem? Mas, então ele o verbo ir aqui, ele está indicando uma ação.

Ele cancelará a reunião, qual que é a ação dele? Cancelar a reunião, quando eu falo que ele cancelará a reunião, eu não estou falando do modo, do estado que ele se encontra, não. Estou falando de um ato dele, tudo bem? O que que ele fará? O que ele fará? Ele cancelará a reunião. Eu não tenho aqui uma característica do sujeito, porque se eu tivesse uma característica do sujeito isso não seria, né, verbo de ação, seria um verbo de ligação. Porque ele ligaria sujeito a uma característica dele, por isso é importante você assistir à aula de verbo de ligação, para que você consiga fazer esse comparativo, beleza? Então não deixe de ver.

Atenção!!! Porque o mesmo verbo, ele pode ser um verbo de ligação, mas, ele também pode servir como ação. Eu viro pra você e falo assim: eu ando todos os dias até a minha casa. É a minha ação, eu ando todos os dias, ok? Então, eu falo assim: ele anda pela rua. Isso daqui, pela rua, não é um modo ou estado dele, é uma ação. Ele anda pela rua, esse verbo indica ação. O verbo andar em si é um verbo que indica ação. Só que, a gente tem que sempre analisar o que vem depois do verbo, eu viro e falo assim: ele anda triste.

Quando eu falo triste, eu estou falando do modo, do estado em que ele se encontra. Então, aqui, quando eu estou falando de modo, estado, ele é um verbo de ligação, porque ele liga sujeito a uma característica do sujeito, que é o modo que ele está, triste. Aqui ele liga sujeito à ação do sujeito, que a andar, é o ato de andar pela rua. Tá dando para entender? É extremamente importante que esse conceito fique muito claro na sua cabeça para que você entenda predicado. Isso aqui é um pré-requisito para você estudar o predicado, então, não deixe de ver a aula de verbo de ligação

também. Deu pra entender? Então, tá bom! Você já se inscreveu nesse canal, você não se inscreva? Eu estou aqui puta da vida com você nesse momento, porque se você não clicou nesse botão, não compartilhou esse vídeo com seus amigos em grupos de estudo e zaps, você já errou, falhou comigo. Que eu fiz uma aula incrível, maravilhosa pra você entender o negócio e você não tá me retribuindo com o carinho, com like, entendeu? Então, tá bom! Não deixe também de seguir no instagram, beleza? Um beijo carinhoso pra você, eu encontro você na nossa plataforma que é redaçoegramática.com.br, cursos completos para você, tá bom? Um beijo, fiquem com Deus. Até a nossa próxima aula! (reciprocidade + afetividade)

APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “VERBOS DE LIGAÇÃO: TIPOS DE VERBOS” DO CANAL DA PROFESSORA PAMBA

Salve, pupilinhos! Tudo bem com vocês? E vamos aqui para essa aula incrível, essa aula sensual, com essa pessoa que vos fala. Essa pessoa que o Brasil não está pronto para minha sensualidade, vou falar inclusive um pouco mais, vamos falar hoje sobre sensualidade da professora Pamba. Tudo começou quando... [CORTE].

A produção me cortou, falou assim, que vamos falar hoje sobre o verbo de ligação, hoje mesmo, então, vamos falar sobre, vamos manter o foco aqui. Vamos falar sobre verbo de ligação, muita gente nem sabe o que to falando, tem gente que sabe, tem gente que está estudando para uma prova específica, você, tá estudando para uma prova específica? Vai cair aí na sua prova? Presta atenção aqui, que ó, rapidinho vou te ensinar esse bagulho aqui, muito fácil!

Olha só, nós temos três tipos de verbos em língua portuguesa. Nós temos o verbo de ligação, que é o que nós vamos estudar hoje aqui, nós temos um verbo chamado de significativo ou nocional, que é o verbo de ação, que é uma outra aula que eu vou falar disso, e temos os verbos que expressam fenômenos da natureza, beleza, gente? Tranquilo até aqui? Mas, antes, para eu explicar real e você entender de uma vez por todas o que é um verbo de ligação, você vai ter que se inscrever nesse canal e compartilhar e pedir para um amigo também se inscrever neste canal, vamos! Vou te dar um tempo de fazer isso agora, porque eu mereço, merece inclusive seu like, merece que me siga no instagram pra você ver minhas loucuras, putarias no instagram também, tudo bem? Porque? Porque, eu sou uma pessoa, como eu já disse, eu não vou falar, calma não vou falar de novo da minha sensualidade, é que eu queria explorar um pouco mais essa área também do meu repertório vocabular aqui, entendeu?

Então, preste atenção, já compartilhou? Já falou com seu amigo para se inscrever? Então, show! Aí eu explico pra você, olha só, verbo de ligação. Como o próprio nome já diz ele liga alguma coisa, aí as pessoas não entendem, “que que ele liga, professora?”, ele liga o sujeito a uma característica dele. Nós vamos entender por parte, vou mostrar isso pra você, tá? Um verbo de ligação ele mostra o estado, o

módulo de um sujeito. Sabe o sujeito da oração? Ele está em algum estado, em algum modo e o verbo de ligação é quem liga este sujeito a este modo, a este estado. Vamos ver na prática? Ele era assustador, vamos achar o verbo aqui. Achei! Verbo ser ali, o era, tudo bem? Se a gente separar sujeito do predicado fica mais claro. Quem era assustador? Quem que é o nosso sujeito? Ele, beleza? Então, eu tenho um verbo aqui no meio, certo? Ligando o sujeito a algo. O que que é este algo? Quando eu digo pra vocês que ele era assustador, assustador, vocês conseguem entender que é uma característica do sujeito? Que no caso é ele. Ele era bonito, ele era assustador, ele era legal, ele era divertido, é uma característica. Então, o verbo de ligação, gente, ele liga sujeito a um estado, há um modo desse sujeito, a uma característica desse sujeito, deu pra entender? Por que eu chamo ele de verbo de ligação? Porque ele liga uma coisa à outra. Tudo bem? É muito fácil, aqui tira onda. Qual que é o nome, não vou falar sobre isso agora, mas qual é o nome que eu dou para esse essa característica do sujeito, lá na análise sintática? Predicativo do sujeito. Cês sabem o que isso significa? Característica do sujeito. Sempre que eu tenho um verbo de ligação, eu tenho a característica do sujeito. Sempre! Porque, o verbo de ligação ele liga sujeito a uma característica, um modo a um estado dele, show de bola? Fácil!

Eu parece normal, mas já perdi o controle da minha vida. Quem não? Eu, você, o Brasil, o mundo, sim todos nós! Então, tá bom! Quem parece normal? Eu, tudo bem? Então, aqui a gente tem o predicado e aqui a gente tem o sujeito, certo? Aí, eu tenho o sujeito, eu tenho verbo aqui no meio. Parecer. Eu parece como? Qual que é modo? Qual que é o estado que eu pareço? Normal. Então, eu tenho um sujeito e eu tenho um verbo que liga este sujeito a uma característica dele, por isso que eu chamo ele de verbo de ligação. Porque ele liga o sujeito a uma característica dele, meu anjo!

Você que está estudando para concurso, pra prova da escola, um enem, vestibular, isso aqui é pra gabaritar, meu amor! Se você errar essa questão, eu não vou nem falar das consequências que você vai sofrer, quando você fizer sua prova, voltar aqui nesse vídeo pra comentar aqui embaixo se você entendeu esse conteúdo, e como você foi nessa prova, tá bom?

Liga sujeito a uma característica dele, qual é a característica? Como ele parece? Qual é o estado? Qual que é o modo que ele está? Normal. Qual é o estado? Qual que é o modo que eu pareço? Feliz, triste, bonita, sensual, voltamos a sensualidade, olha lá! Atenção!! Fiquem atentos a isso aqui, eu coloquei porque muita gente confunde, por isso que você tem que olhar o que vem depois do verbo, tá bom? Por isso que eu explico sempre esse conteúdo tanto na nossa plataforma, quanto aqui no youtube, quanto nas dicas que eu dou no instagram, eu sempre explico todos os conteúdos bem picotadinhos, bem separadamente para que você entenda tudo, tudo bem?

Olha só, a garota andava triste, quem andava triste? A garota, tudo bem? Então, aqui nós temos o sujeito e aqui nós temos o predicado. Aí, normalmente isso é pegadinha, hein gente. Já vi cair em prova de concurso e negócio simples. O cara olha o verbo andar e a gente fala que o verbo andar indica o que? A ação. Eu ando, tu andas, ele anda, eu ando até a minha casa, essa não é a minha ação? É um verbo de ação, só que aí, quando eu olho depois do verbo eu tenho um adjetivo, ou seja, uma característica do sujeito. Então, aqui o verbo andar, ele não é o verbo de ação, ele também exerce função de verbo de ligação. Porque ele liga o sujeito ao modo, ao estado que esse sujeito está, que no caso é triste. Então, eu não estou falando sobre o ato de andar, a ação de andar, eu estou falando verdadeiramente sobre o modo. Eu ando triste, eu ando feliz, mas não tô falando em ação, eu estou falando do meu modo, do meu estado. Por isso que neste caso também é um verbo de ligação, por isso tem que analisar a oração, a frase toda. A garota andava triste, não adianta só olhar provérbio e falar que é de ação, porque neste caso tem característica, tem predicativo do sujeito, ou seja, característica do sujeito, automaticamente é um verbo de ligação.

“Professora, você é muito maravilhosa!”, e eu coloquei aqui, hoje eu sou muito boa, se eu não merecesse seu like agora, e a sua inscrição aqui no canal e você pedir para mais um amigo se inscrever, comentar aqui embaixo, se eu não mereço, quem que merece?

Principais verbos de ligação, sempre verbos de ligação, tudo bem? O verbo ser, o verbo estar, viver, permanecer, parecer, continuar, ficar e virar são os que mais caem

nas provas. Principalmente esses dois aqui, né? Principalmente os dois primeiros (ser e estar), sempre são verbos de ligação, então quando você está fazendo uma prova, você bate o olho e são esses verbos, gente de cara você nem precisa perder tempo. Você já sabe que é verbo de ligação, tudo bem? E que vai ter ali uma característica do sujeito, show de bola! Fácil?

Não deixe de acessar a nossa plataforma, a maior plataforma de estudos de língua portuguesa, tudo online para você estudar com quem? Comigo, né? Linda, charmosa, sensual. Redaçãoegramática.com.br, não deixe de me seguir no instagram, dar like nesse vídeo, se inscreva neste canal, eu não merece a sua inscrição? Com uma aula dessa, rápida, fácil, divertida, sedutora, sensual. Tem também a nossa fan page lá no facebook, vai lá que também posto muitas coisas lá pra vocês, tá? Beijo no seu coração, e vamos fazer exercício para fixar esse conteúdo, está bom? Beijão, até nossa próxima aula! Tchau !

[Música]

APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “VOZES VERBAIS: VOZ ATIVA, VOZ PASSIVA E VOZ REFLEXIVA” DO CANAL DA PROFESSORA PAMBA

Fala, pupilinhos! Tudo bom com vocês? E bora lá, eu não sei se eu estou pronta fisicamente, emocionalmente para esta aula, pois é, aí eu falei assim, falei para minha filha. Minha filha que está aqui em meu ventre quase saindo, eu falei: filha, vou montar uma aula sobre vozes verbais, os alunos clamam, os alunos tiram a roupa, giram camisa no ar, falando: “professora, faça aula de vozes verbais”.

Então, vozes verbais, vocês ficam com medo, né? “Mas é difícil”, é difícil nada! Eu vou mostrar para vocês, língua portuguesa é um negócio muito fácil. Vocês ficam aí chorando, negócio que é facinho. Mas antes, nosso acordo, tá? Nosso acordo, já vai sentando o dedo nesse like, já se inscreveu nesse canal? Nesse canal milionário de escrito, não se inscreveu ainda? Então, tá bom. vou coçar a minha criatura aqui, tá? Não faz eu pari de nervoso no meio dessa aula, vamos lá!

Gente, vozes verbais é um conteúdo, que as pessoas acham um pouquinho mais chatinho, mas cai muito em prova. Então, principalmente você concurseiro, vestibulando agarra esse conteúdo aí, segura na minha mão e vamos. O que que eu posso te garantir, ao término dessa aula você será capaz de entender o que é e quais são as vozes verbais. Então a primeira coisa, o quê que é a famosa voz verbal e quais são essas vozes verbais. Eu vou explicar uma por uma, pra você, inclusive como é pedido na prova, tá? Então segura aqui. Aprender a identificar as diferentes vozes verbais, né?

Primeira coisa, vamos entender o conceito de vozes verbais, né? Pra que eu preciso estudar isso? O que que é isso? O verbo, ele sofre algumas variações, então ele sofre variação de número, gênero, voz, tempo, num é verdade? Então, ele tem diversas variações e nós vamos estudando aqui no nosso canal uma por uma dessas variações. Uma delas é a voz verbal, certo? Então, olha só na sua tela, o verbo faz diversas flexões em língua portuguesa, como já disse, número, né? Pessoa, tempo, voz, e por aí vai. O verbo flexiona, e aí especificamente nessa aula nós estamos estudando isso, o verbo ele se flexiona para indicar quem pratica a ação e quem recebe uma ação. Então, quando a gente fala de voz verbal nós

estamos falando assim, uma voz indicar quem está praticando e uma voz vai indicar quem está recebendo ação do verbo, certo? E a essa flexão do verbo que nós damos o nome de voz verbal.

Então, de quem é a voz? A voz é de quem pratica a ação, do sujeito que faz ação, ou do sujeito que está recebendo essa ação? Então, é isso que nós estudamos quando nós falamos de vozes verbais, tudo bem? A voz de quem naquele momento é a voz que está em evidência, certo? A voz verbal leva em conta o comportamento do sujeito da oração, então, ela pode ter três tipos: a voz pode ser ativa, a voz pode ser a passiva e a voz ela pode ser a reflexiva. E nós estudaremos cada uma delas a partir de agora, beleza? Primeira, voz ativa essa aula é uma nostalgia, nós lembraremos lá de tia de escola. Olha só, quando eu falo de voz ativa, aquele que faz algo, tudo bem? Aquele que faz. Eu sou ativo, eu estou fazendo algo. Sujeito que pratica ação, então quando eu falo que a oração está na voz ativa, é um sujeito que pratica ação. Então eu falo assim: o professor forneceu uma apostila, como que a gente sabe quem é o sujeito predicado? Então, faz a pergunta para o verbo: quem forneceu uma apostila? O professor, então eu tenho um ser aqui, certo? Que ele faz a ação, ele faz o ato de fornecer a apostila. Esse, quando a oração está na voz ativa, que eu tenho um sujeito que faz ação, eu falo que ele é um sujeito agente. Olha só, agente tudo junto, porque vem do verbo agir, aquele que age, aquele que faz, não se esqueçam disso, beleza?

Por que eu estou falando isso? Porque nós temos a voz passiva que é o oposto. Na voz ativa eu tenho um sujeito que pratica a ação. Na voz passiva, eu tenho sujeito que vai receber essa ação, então olha lá, o sujeito ele recebe a ação, o sujeito sofre a ação do verbo, por um outro sujeito que a gente vai chamar de agente da passiva, eu já falo sobre isso. Então olha só, na voz ativa eu tenho aquele cara que faz ação verbal, tudo bem? Ele age. Na voz passiva esse sujeito ele recebe a ação do verbo, ele já não é mais o protagonista daquela oração, o que que eu quero dizer com isso? Uma apostila foi fornecida pelo professor, o professor veio parar aqui no final, tudo bem? E aí, o objeto, o que não é o ser que age, passou a ser ali o protagonista daquela oração. Então, uma apostila foi fornecida pelo professor, a nossa oração anterior era o professor forneceu uma apostila.

Então, quando eu faço essa inversão e nós vamos estudar isso detalhadamente, fiquem tranquilos, tá? Quando eu faço essa inversão eu falo que aqui nós temos a voz passiva, porque o sujeito está ,olha só, ele está recebendo ação, ele não está mais fazendo essa ação. Então, a gente vai começar a dar nomes, tudo bem? O sujeito que recebe a ação, lembra lá na análise sintática? Que nós temos o agente da passiva, o que é um agente da passiva, gente? Nada mais é que o sujeito na voz ativa. Então, quando que eu tenho agente da passiva? Somente quando a oração está na voz passiva. Olha só, aqui ele é o sujeito, certo? Quando eu passo para voz passiva, aqui, ele é o agente da passiva na análise sintática. “Mentira professora, 25 anos para entender isso”, sim, gente, eu só tenho a agente da passiva quando a oração está na voz passiva e o agente da passiva é o antigo sujeito na voz ativa. É o antigo do jeito agente.

Olha só, e qual que é o nome que eu vou dar para apostila, ali, que era o que fazia parte daquele predicado e agora foi parar lá no poço do sujeito? Eu chamo esse daqui de sujeito paciente, tudo bem? Só dando nome aos bois, sujeito paciente, então, na voz ativa eu tenho sujeito agente, na voz passiva eu tenho um sujeito paciente, beleza? E um agente da passiva. Daqui a pouco nós falaremos sobre o verbo, tá bom? Vamos lá, só para a gente relembrar aqui. Agora você vai... eu conheço esse teu coração. Você lembra de tia Ju, na escola? Tia Neuzinha? Solange? Tu lembra? Da tia sol ? Aí ela falava assim: gente, voz ativa e voz passiva é muito fácil. Pode? Saudades de tia Ju. Eu nunca esqueço causa disso, vocês vão lembrar agora. Ela falava assim: gente, passar da voz ativa para a voz passiva é muito fácil, criatura, basta você fazer o seguinte, tudo que tá na frente, eu sei que você tá gritando aí, vai para trás. Tudo que tá atrás vai para frente, não era assim? Não? Só a minha tia falava assim? Eu tô passando vergonha? Vocês não lembram disso daqui lá na apostila assim, ó, que vinha a setinha mostrando. Tudo que tá na frente vai para trás, tudo que tá atrás vai para frente, tá? Pra transformar da voz ativa para a voz passiva.

E o que que você faz com verbo? Aí você transforma ele para que haja concordância, tudo bem? Na voz ativa, eu vou ter um verbo aqui bonitinho normal. Na voz passiva, e nós vamos começar a estudar agora voz passiva bem profundamente, nós vamos ter aquilo que nós chamamos de locução verbal, por isso

que é fácil identificar a voz passiva, porque ela sempre tem um verbo auxiliar e um verbo principal. Que que é uma locução verbal? Locução, tudo que é locução é tudo aquilo que são dois ou mais, tudo bem? Locução prepositiva, duas ou mais palavras com valor de preposição, locução conjuntiva, duas ou mais palavras com o valor de conjunção, locução verbal, duas ou mais verbos que dá ideia de uma única ação verbal, deu para entender? Beleza, gente? Então, na voz passiva eu tenho a locução verbal, o verbo ele vai se transformar em dois para fazer essa adaptação, beleza? Então, mais uma dica aqui, por quê que tá, para você identificar a voz passiva.

Como começar a estudar especificamente, que que as provas costumam pedir bastante quando a gente trata de voz passiva, tudo bem? Nós temos dois tipos de voz passiva, nós temos a voz passiva analítica e nós temos a voz passiva sintética ou pronominal. Então, a gente sempre vai associar ao seguinte, analítica, eu vou falar especificamente, mas ela vem de análise. Sintética, ela vem sintetizar, e porque pronominal? Porque eu vou usar um pronome junto, eu já vou explicar para vocês, tudo bem? Que que é a voz passiva analítica ? Eu coloquei aqui a fórmula matemática da voz passiva analítica para você, para você não errar mais. Que que tem na voz passiva, como que ela é formada? Eu tenho um sujeito paciente, lembra lá na apostila? Mais verbo auxiliar, que pode ser o ser, estar, ficar tanto faz, mais particípio do verbo principal, nós vamos olhar num exemplo, tá? Mais o agente da passiva. Vamos aqui, o velho quadro foi reformado pela empresa. A empresa reformou o velho quadra, transformamos na voz ativa, beleza?

Então, olha só, o velho quadro, o velho quadro é o nosso sujeito paciente, tudo bem? Foi reformado é a nossa locução verbal, que ela é formada por um verbo auxiliar mais um verbo no particípio, tudo bem? Esse verbo principal, que no caso aqui é reformado, ele está no particípio. O que é particípio? Você tem que assistir a nossa aula sobre formas nominais, tudo bem? Gerúndio, particípio, por aí. Particípio são os verbos terminados no DO, DA, tudo bem? Imprimido, reformado, só pra você lembrar. Então, a voz passiva, ela é formada por um sujeito paciente, uma locução verbal, que é um verbo auxiliar, sempre tem um verbo auxiliar mais o verbo principal no particípio, mais o agente da passiva, tudo bem? Então, se ficar dúvida, gente, transforme a oração na voz ativa. A empresa reformou, perdeu ali a locução verbal,

o velho quadro, tudo bem? A empresa reformou o velho quadro, tá de trás para frente, você forma voz ativa, show de bola?

Essa voz passiva nós chamamos de analítica, porque analítica? Porque eu utilizo essa locução verbal, então, associa sempre o seguinte, analítica ela é longa, porque ela usa uma locução o verbo. Então, ela fica longa. Eu analiso que foi reformado, é um verbo só, uma locução verbal, só para vocês associarem, tá? Para vocês não esquecerem, por que que eu estou falando isso? Por que nós temos a voz passiva sintética ou pronominal sintética, ou pronominal. Como que é a fórmula matemática da voz passiva sintética? Verbo transitivo indicador da ação, mais pronome apassivador SE, tudo bem? É o pronome apassivador SE, mais o sujeito paciente, por quê, né? Se nós estamos falando de voz passiva, ela tem um sujeito paciente. Olha só, sempre, presta atenção nisso é muito importante, principalmente quando nós estudamos as funções da partícula SE, para que seja passiva sintética o verbo ele tem que ser transitivo. Porque, por exemplo, se a partícula SE, e eu nem vou entrar nesse quesito agora, que isso daí é para a gente estudar as funções da partícula SE.

Se a partícula SE, se junta a um verbo que é intransitivo, e esta oração não está mais na voz passiva, ela agora, ela tem um sujeito indeterminado, então isto é um assunto mais longo que a gente tem que estudar especificamente nas funções da partícula SE, tudo bem?

Então, o que que você tem que prestar atenção, para que a oração esteja na voz passiva sintética o verbo tem que ser transitivo, tudo bem? Ele pede um objeto, ele pede um complemento, deu para entender? Beleza! E ele vai se juntar a SE, eu falo assim, ó, comeu-se a torta inteira. A torta inteira foi comida, vocês percebem que eu consigo fazer a voz passiva de uma outra maneira, tudo bem? Então, eu tenho verbo aqui, mais partículas SE, mais sujeito paciente. A torta inteira foi comida, deu para entender? Alteraram-se os horários das aulas, então eu tenho o verbo transitivo, partículas SE e sujeito paciente. Essa é a fórmula da voz passiva sintética, tudo bem? Então, associa o seguinte a voz passiva sintética ela utiliza utiliza partículas SE. A voz passiva analítica, ela utiliza a locução verbal, a voz passiva sintética ela utilizou s da partículas SE. E porque ela também pode ser chamada de pronominal? Porque ela utiliza o pronome SE, tudo bem? Tranquilo gente, até aqui?

Agora, voz reflexiva, também muito cobrado em provas de concursos públicos e vestibulares. A voz ativa, eu tenho um sujeito que faz a ação, na voz passiva eu tenho sujeito que recebe ação. Na voz reflexiva, eu tenho um sujeito que além de fazer a sua ele mesmo recebe essa ação. É como reflexiva, pensa no espelho, de reflexo, eu olho e a imagem volta para mim, certo ou errado? Então, a voz ativa eu tenho um sujeito que ele é agente, certo? Na voz passiva eu tenho um sujeito que ele é paciente, na voz reflexiva ele é os dois. Porque eles faz a ação e ele recebe assim, então, ele é tanto a gente quanto o paciente, beleza? Então, eu falo assim, ao mesmo tempo, como que é a fórmula matemática da voz reflexiva, tudo bem? Então, primeira coisa, eu tenho um verbo, e tá lá na voz ativa, eu tenho um pronome oblíquo reflexivo, então, nós temos os pronomes oblíquos em português, lembra? Então, sempre nós teremos um verbo, que estará ligado ao me, te, se, nos, vos, tudo bem? Ele também vai servir como objeto, porque esses pronomes, eles vão retomar o próprio sujeito. Vamos olhar no exemplo para ficar mais claro, olha só, eu me cortei sem querer. Quando eu falo que eu me cortei, quem fez ação? Eu, e quem recebeu esse corte? Eu mesmo, tudo bem? Eu me penteiei. Quem se penteou? Eu, e quem recebeu a ação do pentear? Eu mesmo, então isso é reflexivo, eu faço ação e ação recai sobre mim, tudo bem? Dica, se você quer saber se é reflexivo ou não, tenta jogar para ver se mantém o sentido de a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, a nós mesmos, a vós mesmo, beleza?

Eu tenho uma voz reflexiva que a gente chama de recíproca. Não muda muita coisa, mas por que que eu coloco aqui para vocês? Porque às vezes você tá fazendo lá na hora uma prova e eles colocam que existe ali uma voz, é uma voz reflexiva recíproca. Olha só, quando dois ou mais sujeitos praticam ação e também a recebe, para ser reflexiva gente, o sujeito sempre pratica e ele recebe. Qual que é a diferença da recíproca? Existe reciprocidade, então, são dois ou mais sujeitos fazendo uma ação, esses dois ou mais sujeitos eles recebem essa mesma que eles tão fazendo. Então, ele fala assim, ó, eu, meus irmãos e meus primos damo-nos muito bem. Então, olha só isso, vários sujeitos eu estou envolvendo várias pessoas aqui e elas mesmo, eu, meus irmãos, meus primos, nós todos nos damos bem, tudo bem? Então, nós nos damos bem e nós recebemos o benefício disso. Então, por isso que eu chamo de recíproca, porque tem o princípio da reciprocidade, eu esse

sujeito dois ou mais sujeitos estão fazendo a ação, e eles mesmos estão recebendo essa ação, deu para entender?

Atividade: coloque aí nos comentários, eu quero ver nos comentários, uma oração na voz ativa, a mesma oração você vai passar ela para voz passiva, tudo bem? E aí você vai escrever também uma oração na voz reflexiva, lembrando que o verbo tem que ser transitivos. Coloque aí nos comentários que eu quero ver você acertando, beleza? Outra coisa muito importante, as matrículas no curso já estão abertas lá na minha plataforma. Curso completaço para você, tem interpretação e compreensão de texto, beleza? Curso de redação, ou seja, tudo lá perfeitíssimo, lindo, maravilhoso para vocês. Inscreva-se nesse canal, compartilhe aí com seus amigos que vocês sabem que precisam dessa aula. Toda vez que você senta o dedo no like eu entendo que você gostou desse modelo de aula, que você gosta dessa aula e eu consigo produzir cada vez mais gratuitamente para você, então, não deixe de sentar o dedo like, beleza? Um beijo carinhoso e até a nossa próxima aula, tchau!

**APÊNDICE H – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “MODOS VERBAIS:
INDICATIVO, SUBJUNTIVO E IMPERATIVO” DO CANAL DA PROFESSORA
PAMBA**

Fala, pupilinhos! Tudo bom com vocês? E bora lá para nossa aula de modos verbais. A gente tá falando de um assunto aqui, quando a professora falava em sala de aula lá na escola a gente ficava tipo assim, não, claro, entendeu? Entendi, sim. Super fácil... Eu sabia que você não sabia, entendeu? E agora você vai pensar, porque você tem que saber esse assunto aqui que cai em vestibular, em todas as provas de vestibulares, e cai também nos concursos públicos. Então, você vai aprender a partir desse momento. Que que eu posso te garantir? Eu sei que você não tem tempo a perder, que ao término dessa aula você vai entender o que e quais são os modos verbais da língua portuguesa, tudo bem? Nós estamos trabalhando aqui dentro do campo dos verbos, e você tem que entender este ponto que é a variação de modo dos verbos, e quais são esses modos verbais. Você vai aprender. Aprender a identificar os diferentes modos verbais, nós temos três modos verbais, e você vai aprender a identificar cada um deles, principalmente quando cai na sua prova. Tu vai para identificar, para claro, resolver questões e sim, nós temos a nossa atividade final, atividade de fixação, eu quero saber se você entendeu ou não o conteúdo. Então, fica até o final, entenda todo o conteúdo e venha fazer atividade comigo, beleza?

Vamo lá! Se só isso já não vale seu like agora, só a minha loucura aqui já vale seu like. Mas é sério, senta o dedão no like, que é importante para entender que você gosta do meu modelo de aula e assim eu consigo produzir cada vez mais materiais e aulas gratuitamente para você, beleza? E nem deixe de se inscrever no canal, clica nesse botão vermelho e no sininho. Um dos conteúdos que mais gera dúvidas e cai muito em provas, cai muito gente, concurso público, vestibular adoro esse assunto aqui. Porque o pessoal confunde e não é difícil, essa que é coisa não é? Um assunto difícil, mas chega na hora da prova a gente fica cego. Eu vou mostrar para você algumas dicas, algumas técnicas para que você não erre mais, tá bom?

Então, vamos lá! O verbo, ele faz diversas flexões em língua portuguesa. Então, temos uma aula para cada uma dessas flexões. Se você não viu, eu vou deixar aqui

na descrição do vídeo. Vou deixar também alguns cards para vocês, tá bom? Olha só, o verbo sofrerá variações de número, pessoa, voz, tempo e modo. Que que nós vamos estudar especificamente nessa aula? Modo, então nós temos o tempo, tem aula de vozes verbais, pessoa, número, tempos verbais e por aí vai. Essa especificamente nós vamos falar só sobre os modos, tá bom? Conceito para você, o modo verbal ele está ligado com quem fala ou escreve, exprimindo a posição desse falante, tudo bem? O posicionamento, inclusive, desse falante em relação a quem ele está falando, com quem ele está falando. Os modos verbais explicitam as intenções e as atitudes ao fato que é expresso pelo verbo. “Não entendi nada!”, já vai ficar claro para você, nós temos três modos verbais: indicativo, subjuntivo e imperativo. Então, nós vamos estudar agora isso daqui na prática, você vai entender o que que eu estou falando. A teoria agora na prática, olha só, primeiro modo, modo indicativo. Lembra quando nós estávamos na escola, a professora falava assim: meu anjo, só você não consegue ver esse modo aqui, olha aqui, é o futuro do pretérito, do indicativo, do subjuntivo, imperativo. Aí você: não, assim, bati o olho no verbo, eu vi o futuro do pretérito, do indicativo... não, entendeu? A professora: gente, pelo amor de Deus, como que você não consegue entender que isso daqui é o pretérito perfeito do subjuntivo? Como que você não entende, eu bato o olho no verbo e vejo que é pretérito perfeito do subjuntivo, do indicativo.

Aí a gente ficava como? Sem graça de dizer para professora que não tô entendendo nada, mas, a gente deixava passar. O que que é esse indicativo que a professora falava para a gente? Essa subjuntivo? Esse imperativo? Olha só, indicativo quando a gente fala que o verbo está no modo indicativo é porque ele nos traz uma certeza da ação. É uma certeza que aquela ação está acontecendo, já aconteceu ou acontecerá. Então, indica certeza, realidade, algo habitual. Então, eu falo assim para você, estudo todos os dias. Eu falo que este verbo está no presente, certo? Porque eu estudo todos os dias, algo habitual. Só que eu falo que é presente do indicativo, porque presente do indicativo? Porque é uma ação no presente que eu estou te dando a certeza que ela está acontecendo. Eu estudo todos os dias, isso é uma ação do presente, eu te dou certeza que ela acontece todos os dias. Tá dando para começar a sacar? Olha só, ele não fazia ideia da confusão. Ele não fazia é um verbo que está no pretérito. Tudo bem? No pretérito, ele não fazia, pretérito perfeito. Só que quando eu falo ele não fazia, eu estou te dando certeza que ele não fazia...

Eu não estou falando para você talvez ele não soubesse, não! Eu estou te dando a certeza de uma ação no passado, por isso que eu falo que é pretérito perfeito, no caso, do indicativo. Porque é uma ação no passado que eu estou te dando a certeza que ela aconteceu. Tá dando para sacar, gente? Por isso que é indicativo, porque eu te dou a certeza.

Eles estudarão todas as manhãs. Quando eu falo que eles estudarão, isso daqui está no futuro. Futuro do presente ou só o futuro, tudo bem? Futuro, quando eu falo que eles estudarão todas as manhãs, eu não estou falando que talvez eles estudem. Eu estou te dando a certeza que eles estudarão. É isso que o verbo expressa, por isso que eu falo que isso aqui é futuro do indicativo. Indicativo, por quê? Porque é uma ação no futuro que eu estou te dando a certeza que ela acontecerá, por isso que é indicativa. Só isso gente. É isso aqui que a gente errou a vida toda. Agora, se indicativo nos dá a ideia de certeza, quem que nos traz a dúvida? A incerteza, o subjuntivo. O modo subjuntivo existe para exprimir a ideia de hipótese, dúvidas, um desejo, mas não há certeza de que algo aconteceu. Então eu falo assim, ó, desejo que chova todos os dias. Tá chovendo todos os dias? Eu desejo, mas não significa que vai chover todos os dias. Mas é um desejo, então, não há certeza que isso acontecerá, Tudo bem? Por isso que eu falo que esse verbo está no modo subjuntivo.

Se estudasse, não estaria sofrendo tanto. Se estudasse, é uma hipótese, tudo bem? Não estariam sofrendo tanto. Mas, eles estudam? Mas e se? Isso daqui não é uma certeza, isso aqui é uma hipótese. Existe uma dúvida, certo? Então, se tem a ideia e o SE, ele indica isso para gente, tudo bem? Não é só o verbo. O SE nos ajuda, da ideia de dúvida, também? Então, se estudasse, mas não estudou, ou talvez nem estude. Só uma hipótese, por isso que eu falo que está no modo subjuntivo, porque traz a ideia de dúvida. Quando sair de casa não se esqueça da máscara. Já saiu? Vai sair? Tem certeza? Não é isso que o verbo indica para mim. Quando sair, pode ser que nem saia. Então o quando aqui, nos a ideia também, junto com o verbo de subjuntivo de hipótese de dúvida, então, não há uma certeza que essa ação verbal ocorra. Por isso, que a gente fala que o verbo está no modo subjuntivo.

Modo imperativo, gente, ele é diferente dos outros dois. Ele é aquele que traz a ideia de ordem, e aí eu vou te dar uma dica para você sempre definir se o verbo está no modo imperativo ou não. Todo mundo tem uma mãe, uma avó, um pai que te criou, que é a pessoa que te dá ordem, certo? Certo! “Professora, que que tem a ver isso”? Toda vez que você tiver dúvida se o verbo está no modo imperativo, você vai fazer o seguinte: eu vou pegar a minha mãe de exemplo. Eu sempre coloco a voz da minha mãe falando aquela frase, ela, para mim. Se surgir como uma ordem, que é o que ela sabe fazer muito bem, é porque está no modo imperativo. Então eu viro e falo assim, ó, modo imperativo é aquele que exprime uma ordem, um pedido, um conselho, uma exigência ou até mesmo uma ameaça. É sempre com o objetivo de dar uma ordem. Por isso que eu sempre brinco para colocar na voz da minha mãe. Então, eu falo assim, ó: encontre uma pessoa que resolva.

A voz da minha mãe falando, gente, isso daqui é uma ordem. Ela está me dando uma ordem, certo? Ela está aqui com uma exigência, encontre, então, isso aqui é um verbo no modo imperativo. Não ajude dessa forma. parece um conselho, né? Mas se for na voz da minha mãe é uma ordem, tudo bem? Não ajude dessa forma. Então isso aqui expressa uma ordem, automaticamente é um verbo que está no modo imperativo. Então sempre coloca aquela pessoa que te, que te traumatizou, aquela pessoa que sabe te da ordem, qual é a voz dela na cabeça, aí? E veja se o verbo está no modo imperativo ou não, beleza? Atividade, coloca aí nos comentários uma oração que esteja no modo indicativo, uma no modo subjuntivo e uma com o verbo no modo imperativo, beleza? Os cinco primeiros eu darei aquela bizoiada. Deixa eu te dar um último recado. As matrículas da minha nova turma já estão abertas lá na minha plataforma. Então vai lá, redacaoegramatica.com.br, para que você tem acesso aos meus cursos completos, redação, gramática, literatura, linguagem completa. Em redação, curso completo também todo bonito lá para você além da correção de redação detalhada, show de bola? Não deixe de me seguir no Instagram, porque eu fico lá postando as loucuras doidas na minha cabeça, as doenças que eu tenho aqui, eu vou postando também, beleza? Um beijo carinhoso para você, até a nossa próxima aula!

APÊNDICE I – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “COMO FAZER UM BOM ESTUDO DO VERBO” DO CANAL CAMINHOS DA LINGUAGEM

Vocês se lembram da época de escola? Quando nós aprendemos verbo e ficávamos conjugando as palavras? Eu canto, tu canta, ele canta... e sempre pensando: “nossa, o estudo de verbo é tão difícil!”, mas será que não existem outros caminhos? É por isso que no vídeo de hoje nós vamos ver a introdução ao estudo do verbo, roda a vinheta!

[Música]

Saudações, caminhantes! Eu sou o Prosa Júnior e você está no caminhos da linguagem. O verbo! Uma das palavras mais importantes de qualquer idioma, o verbo é central na construção de qualquer mensagem que nós queremos transmitir. Bom, não digo qualquer, mas a maioria delas. A primeira coisa que nós precisamos para conhecer os caminhos do verbo é entender o que é o verbo e qual a função dele dentro da comunicação. Quando nós pensamos em verbo, logo nos vem à mente: palavra que indica ação! Mas espera aí, palavra que indica ação? [som de tiros] Tiroteio!! Muito bem, tiroteio é uma palavra que indica ação? Mas será que é verbo? [som de aplausos] ... palmas!! Palmas é uma palavra que indica ação? Mas será que é verbo? Não, essas palavras não são verbos. Temos palavras que indicam ação e são verbos, por exemplo, pular, andar, correr, são palavras que indicam ação e são verbos. Mas nem toda palavra que indica ação é um verbo.

A segunda coisa que a gente pensa é que o verbo é uma palavra que indica fenômeno da natureza, por exemplo, chover. Por isso a gente pensa que o verbo é a palavra que indica fenômeno da natureza. Mas será que todos os fenômenos da natureza são verbos? Olha só, que bonito! Arco-íris, arco-íris é um fenômeno da natureza, mas será que é verbo? [som de trovão] Trovão! Trovão também é um fenômeno da natureza, mas também não é verbo. Então, nem todos os fenômenos da natureza são verbos. E por último, nós temos estado. Verbo é uma palavra que indica estado, por exemplo, continuar. Você continua bem? Você continua mal? Como você continua? Mas, peraí aí, nós temos, por exemplo, a palavra sono. Sono

é um estado, mas será que é verbo? Não é verbo, sono não é o verbo. Então, afinal de contas, o que é o verbo?

Pense, por exemplo, nós podemos falar palmas. Eu palmo, tu palmas, nós palmeia? Nós podemos falar arco-íris. Nem sei como pode falar isso, eu arco-ireis, tu arcu-irou? Nós não podemos falar eu sounei, tu sounei, nós soneamos? Porque? Verbo é uma palavra que é conjugada, essa é a diferença. E ela tem a conjugação em dois aspectos muito básicos que a conjugação que nós temos de pessoa e a conjugação que nós temos no tempo, o que marcam bem o verbo. Então, o verbo é conjugado por 6 pessoas, ou como algumas pessoas podem falar, pelas três pessoas que estão no singular ou no plural, então nós temos: eu, tu, ele, nós, vós e eles que conjugam o verbo na pessoa. E nós temos o presente, o passado e o futuro, que conjugam o verbo no tempo. Essa é a principal diferença entre o verbo. Nós vamos ver na prática alguns exemplos que às vezes confundem e vamos refletir sobre os caminhos do verbo.

Vamos pensar nesse primeiro exemplo: “que almoço gostoso!”, exemplo número um. Vamos agora número dois: “almoço todos os dias em um restaurante”. Qual é a diferença da palavra almoço para a palavra almoço? Bom, uma delas é o verbo. Vou dar um tempinho para vocês aí, relógio na tela. Qual que é o verbo número um ou número dois? Acabou o tempo! E a resposta correta é o número dois, almoço todos os dias em um restaurante. E por que esse dois é o verbo? Porque ele está sendo conjugado, e conjugado por quem? Pelo eu! Quem almoça todos os dias no restaurante? Eu, por isso, é um verbo. Agora, que almoço gostoso, “que” não conjuga ninguém. Lembra que eu falei das seis pessoinhas que conjuga o verbo? Então, “que” não conjuga ninguém. A gente dentro da nossa comunicação do dia a dia diferencia isso através também da sonoridade, nós temos o almoço que significa o substantivo, o nome, e almoço significa verbo, beleza?

Segundo exemplo, vamos ao nosso segundo exemplo, nesse nós vamos trabalhar com três orações. A primeira oração é: Rita é sensível desmaia toda vez que viaja de barco. A segunda: Rita teve mais um desmaio. E a terceira: desmaio toda vez de viagem de avião. Bom, na primeira oração a palavra desmaia é o verbo ou nome? É um verbo e nós sabemos disso porque está sendo conjugado, Rita é sensível

desmaia toda vez que viaja de barco, ou seja, quem tá conjugando o verbo desmaiar é Rita. Conjugado: eu desmaio, tu desmaia, ela, Rita, desmaia. E na segunda, Rita teve mais um desmaio, bom agora desmaio não é verbo. É o nome, um substantivo, um desmaio. Porque? Rita está conjugando agora o verbo ter. Rita teve. Teve o quê? Um desmaio. Nesse “desmaio” não tem nenhuma das seis pessoas. Só temos o “um” e o “um” não conjuga ninguém.

Por último, nós temos: desmaio toda vez que viajo de avião. Bom, aqui o desmaio também é verbo. E olha bem, tá escrito da mesma maneira que na frase dois, desmaio e desmaio. Mas aqui é uma situação diferente. Por que está sendo conjugado pelo eu. Eu desmaio toda vez que viajo de avião. Eu não, tá gente? Isso é só um exemplo aqui do nosso vídeo. Então percebemos que temos que olhar a situação de comunicação para entender o que está acontecendo e a intenção da pessoa que está falando, por isso, o verbo vai ser julgado por alguma pessoa e sempre vai estar dentro de uma perspectiva de tempo. Isso é que faz o verbo diferenciado em relação às outras palavras.

Nós podemos dividir os estudos dos verbos em desinências, desinência modo temporal e desinência número pessoal. A número pessoal é essa que nós estamos falando aqui, que é justamente das pessoas, eu, tu, ele, nós, vós e eles. E desinência número, pessoal, que é de número, singular e plural. Nós temos também a desinência modo temporal, logo nós temos três. E o que é o modo? É a atitude do falante ao utilizar o verbo em alguma situação de comunicação no seu cotidiano, então, nós temos o modo indicativo, o modo subjuntivo e o modo imperativo, que eu abordo mais especificamente no vídeo posteriores a esse. E, nós podemos estudar os verbos na comunicação dia a dia, e aí no nosso estudo amplia muito e muitos caminhos dos verbos, são espetaculares! E esse estudo nós vamos fazer mais especificamente em outros vídeos e que vamos dar mais detalhadamente os tempos verbais em situações de comunicação, beleza?

Esse vídeo foi mais rapidinho, mais tranquilo para que a gente possa começar a introduzir o assunto do verbo. Você tem alguma dúvida a respeito do verbo? Deixe aqui nos comentários, você pode mandar um e-mail para mim e entrar nas nossas redes sociais Um grande abraço para você, fique com Deus, e até a próxima!

APÊNDICE J – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “COMO ESTUDAR O PRESENTE” DO CANAL CAMINHOS DA LINGUAGEM

Olá, meus amigos! Tudo bem? Seguindo a nossa viagem pelo mundo dos verbos, chegou a hora de nós estudarmos o presente. Roda a vinheta!

[Música]

Saudações, caminhanes! Eu sou Prosa Junior e você está no caminho da linguagem! O presente, um dos tempos verbais mais versáteis que nós conhecemos. Na gramática conhecemos bem o estudo do presente, mas e na comunicação? Bem, logo de início podemos ver que o presente é aquele que representa o agora, por exemplo, os alunos olham para o quadro. Mas será que o presente é apenas utilizado para coisas do momento? Com certeza que não, por isso, nesse vídeo faremos um estudo diferente do tempo verbal presente nas situações comunicativas do nosso cotidiano. Então, vamos lá, vamos pensar nessa situação: faço ginástica todos os dias. Faço, está no presente, ok? Mas, eu pergunto para vocês: ontem eu fiz ginástica? E hoje? E amanhã? Com certeza, porque eu faço ginástica todos os dias, na verdade eu não. Tô precisando fazer. Mas, vamos em frente ao vídeo, bom esse presente é conhecido pelos estudiosos como presente habitual, porque reflete um hábito que não está preso dentro de um momento, pelo contrário é algo que atravessa o passado, o presente e o futuro, ok? Esse é o presente que reflete um hábito do nosso cotidiano, vamos ao próximo.

Agora, veja só a segunda situação: quem canta seus males espanta. Bom, agora não reflete o ato. Na realidade, aqui temos um provérbio ou ditado popular que é uma ideia que a sabedoria popular tem a respeito da realidade. Quem com ferro fere, com ferro será ferido, e outros mais. Bom, este presente ele também não é o presente que reflete apenas o momento, na realidade, é um presente que passa por gerações. Filhos, pais, avós, ainda vão continuar falando quem canta seus males espanta. Como ele permanece, ele é conhecido pelos estudiosos como presente permansivo. Ele não está preso apenas a um momento, o presente permansivo tá na sabedoria popular do nosso dia a dia.

E tem muito mais agora nesta terceira situação: a lua gira em torno da Terra. Bom, aqui também não temos um hábito e também não temos um ditado popular, é um conhecimento que a maioria das pessoas sabe que a lua gira em torno da Terra. Ela está girando agora? Com certeza! E amanhã ela vai girar? Também, espero que ela não pare de girar. Este, é um presente conhecido pelos estudiosos como universal, que reflete o conhecimento que é amplamente difundido para uma gama de pessoas, ok? Alguns estudiosos colocam estes três usos do tempo verbal presente com único nome: presente permansivo, porém, outros estudiosos denominam com nomes diferentes, de acordo com a situação comunicativa. O que, para nós do caminhos da linguagem é mais interessante, poder estudar o presente de acordo com as situações de comunicação.

E tem muito mais, vamos conhecer agora o uso do presente também na mídia. Agora pense nessa notícia: Itália vira o jogo e Brasil está fora do torneio. Bom, na realidade a Itália virou o jogo, isso já aconteceu, não é: Seria um passado. Aqui nós temos o uso do presente no lugar do passado para trazer uma ideia de atualidade para sentença que está sendo proferida. Esta técnica é muito utilizada pelo jornalismo, para que os leitores pensem que estão lendo uma notícia fresquinha. Os estudiosos, chamam esse tempo presente de presente narrativo que é utilizado para trazer vivacidade para as histórias contadas. Agora uma situação que acontece muito no dia a dia, quando falamos para as pessoas: quando eu voltar eu te conto. Bom, não seria: quando eu voltar eu te contarei? Bom, aqui é uma outra troca. Nós trocamos o futuro pelo presente e essa intenção comunicativa é para aproximar a pessoa do fato que irá acontecer. Por exemplo: olha, quando eu voltar eu te contarei. Parece que é tão longe, quando eu voltar te conto. Nossa, logo, logo eu vou saber o que vai acontecer. É assim que é utilizado esse presente que também é conhecido como presente narrativo. Esta técnica é muito utilizada pelas propagandas quando estão fazendo campanhas de promoções futuras. Dessa forma os clientes têm a sensação que vão estar logo com seus produtos nas mãos, por exemplo, novo uno chega em outubro. No lugar de novo, chegará em outubro.

Agora vamos ver dois modos de comunicação do presente. Imagine essa situação: você está saindo do seu curso da pistola e ve uma moça que está sozinha no ponto de ônibus, e pensa, vou ajudá-la, vou saber se ela está bem. E pergunta: tá tudo

bem moça? Ela disse: tudo, estou esperando o carro que me leva para casa. Agora vamos substituir apenas o verbo desta oração. Estou esperando o carro que me leve para casa, será que o sentido mudou? Com certeza, agora nós temos um sentido bem diferente, na oração número um parece que ela tem mais segurança que alguém vai buscá-la. Na dois, ela está um pouco perdida e está precisando, quem sabe, de uma carona. Temos aqui a demonstração de dois modos temporais. Na frase um: estou esperando o carro que me leva para casa, temos o presente do indicativo que demonstra sempre certeza e segurança, já na oração número dois nós temos o modo subjuntivo, o presente do subjuntivo, que expressa incertezas. Estou esperando um carro que me leve para casa. É o talvez que demonstra para nós a incerteza do nosso dia a dia.

O modo subjuntivo também está presente nas orações optativas que são aquelas em que o emissor da mensagem deixa uma opção para o ouvinte, se ele quer ouvir ou não a mensagem, por exemplo, naquelas expressões: você nem queira saber o que aconteceu. Bom, nessas expressões você deixa opção se quer ou não quer saber a novidade que você está trazendo. Agora, vejamos se eu trocar o presente do subjuntivo desta oração pelo presente do indicativo como sentido muda completamente, você não quer saber o que aconteceu. Bom, agora eu tenho certeza que ele não quer saber o que eu vou trazer para ele, pode ser uma coisa desagradável ou vai causar um choque emocional. Veja como o presente do indicativo afeta consideravelmente as relações cotidianas de comunicação, assim como o presente do subjuntivo também tem o seu papel. O subjuntivo ainda expressa desejo, por exemplo, que você realize seus sonhos, meu amigo. Expressa também possibilidade, talvez haja novidades para mim, e muito mais!

Sempre no campo da incerteza, do talvez, por que ele é subjuntivo que vem do subjuntivo. Conhecer o uso dos tempos verbais na comunicação vai ampliar e muito a sua capacidade de interação e persuasão, fazendo com que você obtenha resultados incríveis na sua área profissional, além de ter boas notas no ENEM, porque esse tipo de estudo tem caído muito nas provas e lembre-se: o passado é história, o futuro é incerto, o hoje é dádiva, por isso se chama presente. Um grande abraço para vocês, fiquem com Deus e até a próxima!

[Música]

APÊNDICE K – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “COMO ESTUDAR O PASSADO VERBAL” DO CANAL CAMINHOS DA LINGUAGEM

Olá, meus amigos! Não, vocês não estão no canal errado, o prosa Júnior ficou sem voz essa semana, então, fizemos um vídeo de animação com uma voz feminina. Imperfeito, perfeito, mais que perfeito e chegou a hora de conhecermos um pouco do pretérito.

[Música]

Olá, saudações! Você está no caminhos da linguagem. O pretérito, palavra que vem do latim, que significa dentre outras coisas, ir para trás. O nome pretérito é usado até hoje como o termo tradicional, mas nada mais é do que o estudo do passado. Aqui neste vídeo, vamos estudar os usos do tempo verbal pretérito em diferentes situações de comunicação. Então, vamos lá!

Para estudar pretérito vamos pensar no caso da minha avó, pense nesta afirmativa: minha avó fez um bolo. Aqui percebemos que a ação já foi realizada, ou seja, infinita. Quando dizemos que uma ação foi realizada ela é perfeita e por isso chamamos de pretérito perfeito. O pretérito perfeito é conhecido como ontem, utilizamos para aquelas coisas que já foram na nossa vida, página virada. Agora vejamos esta outra afirmação: minha avó fazer um bolo quero uma delícia. E agora? Será que ela fez um bolo só? Parece que a pessoa se refere a um tipo de bolo, não é mesmo? E pelo jeito que o bolo era gostoso, parece que ela fez mais de uma vez, não é? Então, aqui diferente da afirmação anterior não temos uma ação acabada, mas algo que aconteceu mais de uma vez no passado. Por isso, não posso dizer que algo acabado, perfeito, por esse motivo chamamos este tempo verbal de pretérito imperfeito, pois é algo que teve uma continuidade.

Podemos chamar o pretérito imperfeito de o “antigamente” ele está sempre conectado a uma lembrança, ou uma nostalgia sobre algo que se fazia no passado. Tipo, antigamente brincávamos na rua sem preocupações. Agora vamos mudar um pouco a situação, imagine que minha avó fosse uma confeitaria de mão cheia e fizesse bolos deliciosos. As pessoas então faziam várias encomendas de bolo para ela, porém, como minha avó era muito competente, sempre deixava um ou dois

bolos prontos. Então, quando o cliente encomendava o bolo, ela já tinha feito. Agora vamos pensar juntos, o cliente encomendou esse bolo no passado ou no presente? No passado, e a minha avó, ela fez o bolo antes da encomenda. Então, a ação de fazer um bolo aconteceu e um passado antes de outro passado.

Então, esta ação não é só perfeita, ela é muito mais que perfeita. Este é o pretérito-mais-que-perfeito, que é usado para referir a ações que aconteceram no passado antes de outro passado. E o passado do passado. Podemos utilizar o pretérito-mais-que-perfeito na sua forma composta, como mostrado na frase, ou na sua forma simples, quando o cliente encomendou o bolo e a minha avó já o fizera. O pretérito-mais-que-perfeito é muito usado para expor situações em que se perdeu algo como: quando chegamos todo mundo já tinha jantado, ou em situações para demonstração de proatividade como no caso da minha avó. Todos estes 3 pretéritos que vimos até aqui pertencem ao modo indicativo, o qual está ligado à certeza.

Continuando a história da minha avó, vamos imaginar que a fama dela como doceira se espalhou por todo lugar. Então, quando havia uma reunião de família ou amigo, e se minha avó fizesse um bolo, todo mundo comia. Aqui entramos pelo caminho de algo que ainda não aconteceu, mas que se acontecesse ocorreria outra coisa. Este é o pretérito do subjuntivo. O subjuntivo está sempre ligada à incerteza como, por exemplo, uma suposição. Também podemos usá-lo nas situações em que temos uma condição de desejos.

Este foi o nosso estudo sobre o passado, entender a utilização do pretérito é essencial para que possamos refletir sobre nossas atitudes e lembre-se: a experiência é uma lanterna dependurada nas costas que apenas ilumina o caminho já percorrido. Um grande abraço para vocês!

[Música]

APÊNDICE L – TRANSCRIÇÃO DA VIDEOAULA “COMO ESTUDAR O FUTURO” DO CANAL CAMINHOS DA LINGUAGEM

O futuro do pretérito? Como que pode existir um futuro do passado?... É meus amigos, chegou a hora da gente estudar o futuro, roda a vinheta!

[Música]

Saudações, caminhanes! Eu sou o Prosa Junior e você está no caminhos da linguagem! É meus amigos, a gripe me pegou, eu fiquei uma semana sem voz. Vocês estão vendo ainda que eu estou me recuperando, mas não podia deixar de trazer um vídeo, eu estava com saudade de vocês. E hoje nós vamos estudar um tempo que assombra o seu ano, o futuro! Isso, vamos conhecer nesse vídeo as variantes do futuro dentro da comunicação, e para isso, vamos estudar ele com o uso de uma técnica meio que em matemática. “Matemática, Prosa?”, sim, matemática! Então, vamos lá!

Para estudar o futuro, vamos imaginar uma linha reta e no final dessa linha, vamos colocar a palavra amanhã. Porque todo futuro se dirige para o amanhã. Agora, vamos imaginar uma situação: irei a Cuiabá amanhã. Então, veja lá na nossa reta. Vamos colocar uma parte da sentença em um ponto aí no meio. Irei à Cuiabá, nesse pontinho aí no meio, beleza? Agora vamos refletir um pouquinho, eu estou dizendo que eu irei à Cuiabá hoje ou no futuro? O momento da fala eu estou falando no futuro, ou estou falando no presente? No presente, né? Eu estou dizendo hoje no presente que no futuro eu irei à Cuiabá. Eu parto do presente para o futuro, é por isso que o nome desse tempo verbal é futuro do presente, porque ele parte do presente para o futuro.

Agora vamos imaginar outra situação: ontem você disse que me telefonaria. Agora, vamos voltar lá na nossa retinha. Vamos colocar ontem você diz, veja aí na nossa reta. Eu coloco junto com a frase anterior ou coloco antes? Coloco antes, né? Porque você disse, é passado. Então, eu coloco aí um pontinho antes do termo anterior, ele tá no passado, muito bem. Vamos fazer como antes, refletir sobre a situação, vamos pensar no momento da fala. A pessoa disse no presente ou ela

disse no passado? Dá uma olhadinha lá na reta de novo. Ela disse no passado, agora repara na parábola, veja bem o que nós temos. Ela disse no passado que no futuro me ligaria. Então, esse é o futuro que não parte do presente, parte do passado. Como é um futuro que parte do passado, e passado é a mesma coisa que pretérito, por isso nós chamamos esse futuro de futuro do pretérito, porque ele parte do pretérito para ir para o futuro, por isso que é futuro do pretérito.

O futuro do pretérito também é utilizado para diferentes situações de comunicação, veja aí: seria correto fazermos dessa maneira?, situação de dúvida. Não sei se aquele acontecimento faria nosso atleta desistir, dúvida no passado. Se ganhasse na loteria poderia fazer tudo o que quisesse, possibilidade. Aceitaria uma xícara de café, um discurso polido, suavizar o discurso. Esse uso do futuro do pretérito o conecta com diferentes situações de comunicação que vão muito além apenas da função Inicial que eu tinha mostrado para vocês.

Por último, vamos navegar para o mundo além da Imaginação, percebam na situação: quando os alienígenas chegarem haverá muito pânico. Bom, agora vamos lá para nossa reta, reparei na nossa reta e vamos colocar em um ponto a parte quando os alienígenas chegarem, beleza. Agora vai partir o nosso tracinho que vai ali para o amanhã, mas percebam que dessa vez não tem uma curvatura, ele vai reto para cima. Na realidade ele tá indo para o espaço, perdido sem lugar certo para pousar. Aqui não há lugar certo para pousar, por isso que a nossa linha, o nosso percurso, não chega no amanhã. É uma coisa improvável, é uma coisa que a gente não tem certeza se irá acontecer ou se não irá acontecer. Esse é o futuro do subjuntivo, que é utilizado para situações muito improváveis de acontecer. É verdade que todo futuro é incerto, mas quando utilizamos o futuro do subjuntivo queremos dizer de coisas realmente muito improváveis de acontecer realmente.

Este foi o nosso estudo sobre o futuro, com a voz boca mesmo, estudar o futuro é muito importante para os nossos direcionamentos em nossa vida. Planejar sim, mas planejar com certeza principalmente dos nossos limites e das nossas potencialidades, e lembre-se: o futuro pertence àqueles que acreditam na beleza de seus sonhos. Um grande abraço para vocês. Fique com Deus e até a próxima!

[Música]